

M. J. P. Attorney





A VAIDADE
D O
H O M E M,
CONVENCIDA EM SINCO DISCURSOS MORAES;

Que nas Tardes das Domingas da Quaresma

PREGOU

O Doutor SEBASTIAM DÊ MATTOS DE SOVZA,
Na Igreja de S. Paulo de Lisboa. Anno 1680.

OFFERECIDOS

Ao Excellentissimo Senhor

D. NUÑO ALVARES PEREYRA,

DUQUE DO CADAVAL, MARQUEZ DE FERREYRA,
Conde de Tentugal, Alcayde mór das Villas, & Castellõs de Olivença,
& Alvor, Senhor das Villas de Tentugal, Buarcos, Villanovadanfos, Ra-
baçal, Alvaazere, Penacõva, Mortauga, Ferreyradaves, Cadaval, Cer-
cal, Peral, Villalva, Villaruyva, Albergaria, & Agoa de peyxes. Comen-
dador das Comendas de Grandola, Sardoal, Eyxo, Moraes, Noudar, &
Barrancos. Dos Conselhos de Estado, & Guerra, & do Despacho de
Merces, & Expediente da Magestade de El Rey D. Pedro II. Mestre de
Campo General desta Corte, & Provincia da Extremadura junto à Pe-
goa de Sua Magestade; Capitão General da Cavallaria da mesma Corte,
& Provincia, &c.

L I S B O A.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES. Anno 1685.

Com todas as licenças necessarias.

A custa de Antonio Correa da Fonseca, Mercador de Livros.



COMMUNICATIONS SECTION

...

...

...

...

...

...



EXCELLENTISSIMO

SENHOR.



CONFIDAMENTE chego aos pees de V. Excellencia a offerecer lhe estes Discursos ; sem reparar nos defeytos , que justamente lhe podem diminuir a aceytação. Euz a quem o amor proprio podia facilmete en-

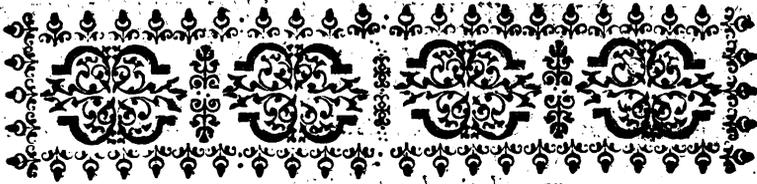
gannar na publicação desta obra ; sou o primeyro que a conheço, ou por escuzada entre a multidão de escritos deste genero, ou por temeraria nas imperfeysoens , que lhe advirto. Por esta cauza a encobri alguns annos com o silencio, não podendo aperfeyçoalla com lima mais pollida, & tambem, porque não sey o delicado, & vario genio dos que a houverem de ler : pois huns condemnarão a tibeza de espirito ; outros (& serão os mais) a pouca discrição ; alguns a phraze humilde ; muitos o prolongado dos discursos ; & muitas couzas, que eu julgaria , não só por novas, mas por exquisitas, pôde succeder, que o não se-
jão, nem pareçã. Porem como todo o meu intento foy accuzar a vaidade humana, & não buscalla no applauzo dos ouvintes, & curiosos ; nem quero acodir a desculpar-

a ij

me

me do que erro ; nem offenderme do que me accusarem
que errey. Para com V. Excellencia poderão os defeytos
desta obra ser grandes ; mas não poderã ser novos. Af-
faz experiencia tem do Autor ; para que os não estranhe ,
& eu a tenho (não menor) da benevolencia, & genero-
zidade do animo de V. Excellencia , para me atrever a
dedicarlhe huã tão limitada offerta ; se bem proporci-
onada à sua grandeza ; a cujos pees, não he esta a primey-
ra vez, que se visse a vaidade humana abatida. Deos
guarde a Excellentissima Peça de V. Excellencia como
seus creados lhe dezejamos , & havemos mister. Lisboa
6. de Dezembro de 1684.

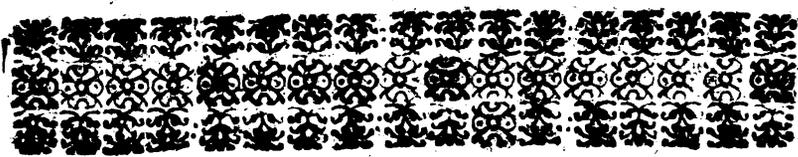
Sebastião de Mattos de Souza,



Do Doutor Manoel Pinheyro Arnaut,

SONETO.

D Ando ao *Homem* liçoens, antes portentoso,
No ser elemental de mal vivente,
A hùm tempo o vosso credito altamente
Aseguraes nos mefmos *Elementos*:
A *Terra* vos compoem os fundamentos,
O *Fogo* vos ministra o zelo ardente,
A *Agua* a locução vos faz corrente,
E o *Ar* vos subtiliza os pensamentos.
Logo em premio feliz destes primores
Com que o Ceo novo Paulo vos aclama,
Para a coroa a *Terra* emfeyta as flores,
O *Fogo* contra a enveja ao rayo inflama,
A *Agua* emprêga a lingua nos louvores,
E o *Ar* alenta sopros para a fama.



De João da Costa Moreyra

DECIMAS.

Tão erudito prégas,
 E elegante persuadiz,
 Que diz menos, no' que diz,
 Quem chega a louvar vos maes,
 Mas quando nos admiraes
 (O que de vós se esperava)
 Quem em nada vos agrava,
 Affirma, que tal andastes,
 Quando em São Paulo prégastes,
 Que em vós São Paulo prégava.
Tanto affy vos excedeys,
 Com illo estylo, e profunda,
 Que he, em motivos do mundo,
 Do Ceo o que discordeys,
 E he tudo quanto fizeys,
 Com felicidade tal:
 Que sendo material
 Do argumento a mayor parte,
 Mostrays com superior arte,
 Ser todo Espiritual.

Com

Com luzido dezerpenho,
Por estylo soberano,
Nos diffinites o humano
Com quazi divino Engenho.
Assy que aos maes neste empenho,
Ou menos, que vos entendem
Lhes daes doutrinas, que aprendem,
Supposto, por taõ sobido,
Quando soys bem entendido,
Nem todos vos comprehendem.

Grande, & insigne Entendimento!
Porque dure, sem que acabe,
Firme se estampe (se cabe)
Em hum, & outro Elemento.
Mas logre melhor o intento
Na Alma, que este emprego tome,
E só, quando as glorias somé,
Vincule na Eternidade
Entendimento, Vontade,
E Memoria, eterno nome.





LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Censura do R. P. M. Frey Manoel de S. Tiago, Qualificador do Santo Officio.

ILLVSTRISSIMO SENHOR.

VI estes cinco Sermoens das Tardes da Quaresma, intitulados: *AVaidade do Homem convencida*; prègados pello Reverendo Doutor Sebastião de Mattos de Souza, na Igreja de São Paulo desta Corte. E por ser pequeno o Volume, não deyx a ser grãde a Obra. Reduzir a tão breve scriptura tantas, & tão solidas Scripturas, a tão poucas folhas tantas doutrinas, tambem foy prègar contra as vaidades. Não sey, se foy industria, se modestia. O que sey, he, que os Sermoens se gostãõ, se percebem, se aplaudem, & se recem, & que nada contém, que contradiga à nossa Santa Fè, ou bons costumes. A quem conhecer o Author, nem faltará curiosidade para os ler, nem occorrerà motivo para os censurar. Razoões, por onde os julgo muy capazes da licença, que pede a V. Illustrissima para os primir: *Salva meliori judicio.* São Francisco da Cidade em 14. de Fevereiro de 1685.

Fr. Manoel de S. Tiago.

Vistas as informações atrás, podem se imprimir estes Sermoens das Tardes da Quaresma, Author do Doutor Sebastião de Mattos, & Souza: & depois de impressos tomarão para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 16. de Fevereiro de 1685.

*Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel.
Ieronymo Soares. João da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.*

Do

Do Ordinario.

Podemse imprimir: & depois tornarão para se conferirem, & se dar licença para correr, & sem ella não correrão. Lisboa 10. de Março de 1685.

Serrão.

Do Paço.

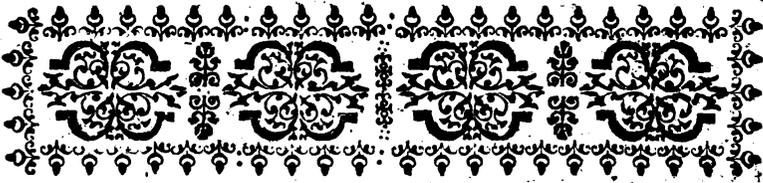
*Censura do Illustrissimo Senhor Dom Alberto de São Gonçalo,
Arcebispo de Goa.*

POr mandado de V. Magestade vi estes cinco Discursos Moraes, compostos, & pregados pelo Reverendo Doutor Sebastião de Mattos de Souza, Os primeyros Escriptos do Autor, prometião o acerto, & aprovação destes. Cuja materia he a mais util, que se pôde tratar na Corte: está authorizada com Scripturas, Padres, Moralidades, & Doutrinas muito solidas. Nestes Discursos se ve a vaidade do Homem convencida: & ainda que não vejamos os homens vaidozos emmendados; he porque a conta do Prégador Evāgelico, está o dizer as verdades: mas não o fazer, que as creão: O fahirem a luz estes Discursos, he serviço de Deos, & bem das Almas. Em nada encontrão o serviço de V. Magestade. Por onde me parecem muito dignos de impressão. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa, São Vicente em 24. de Abril de 1685.

Dom Alberto de São Gonçalo.

Podemse imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario: & depois de impressos tornarão à Mesa para se conferirem, & taxarem, & sem isso não correrão. Lisboa 15. de Mayo de 1685.

Lamprea. Marchão.



DISCURSO I

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.

Ex Psalmo 38. Vers. 6.

I



MAYOR parte do mundo se perde pelo caminho da Vaidade; porque todos os vicios, que costumão arruinar aos homês, ou são vaidade, ou a suppoem, ou a cauza. O fundamento desta vaidade nasce do conhecimento proprio, & do proprio desconhecimento; porque de conhecerem

os homens o q̃ são, entrão guiados pella vaidade a desconhecer o que não são, nem podem ser. Desconhecem o fim para que são, & o fim que podem ter. Conhece hum homem o admiravel arteficio com que na sua composição encerra o Epithome de hum mundo inteyro, recopilando em breve summa as perfeições, que por todas as creaturas estão divididas. Adverte a excellêcia superior do Espirito, que o ânima, & desvanecido com tantas prendas, desconhecesse da fragilidade com que he formado, & do fim para que logra tanta fermozura. Ve a grande maquina deste mundo, em que Deos o pos como Senhor, & Rey: *Dominamini piscibus maris, volatilibus Cæli, bestijs, universæque terræ,* & desvanecido com o dominio, se desconhece, & julga, que lhe não he necessario mais, que esse mundo. Vesse, como Adam, Senhor do Paraizo, & desvanecesse, como se fora

Genes. 1,
Vers. 28.

A izer.

A Vaidade do homem.

Genes. 3.
Vers. 5.

1. izento de todas as Leys. Vesse com a semelhança de Deos, a que foy creado, & não conhecendo que essa semelhança lhe foy dada para obedecer, & amar ao mesmo Deos; desvanecessse a appetecer outra semelhança mayor q̄ pareça idéntidade: *Eratis sicut Dij*. Vesse dotado de sciencia, & fortuna, & desconhece o autor della, idolatrando, como Salamão. Vesse entre os dominios do Throno, veneração do mundo, & dilicias delle, & desconhece a facilidade com que pôde perder tudo, como Balthazar. Vesse vitorioso, sem contravenção, do mundo inteyro; Senhor das vidas de tantos, & entra em prezunções de Divindade, como Alexandre. Vesse abundante de beins, & desconhece os beins, que verdadeiramente são beins, & perde huys, & outros, como o Rico Avarento.

Ecclez. 1.
Vers. 2.

2. O mais experimentado em tudo aquillo com que o mundo pôde, & costuma desvanecer aos homens (que foy Salamão) affentou por conclusão evidente, que tudo o do mundo era vaidade: *Ego Ecclesiastes proposui in animo meo querere, & investigare sapienter de omnibus, que sunt sub sole, & ecce unversa vanitas*. Mas empregando David mais attentamente a consideração no homem, rezolveu, que toda essa vaidade junta era o homem: *Veruntamen unversa vanitas omnis homo vivens*: se dissera David, que todo o homem era vão; não havia tanto que admirar; porque nenhum há, que por alguma parte não tenha vicio: se dissera que alguns homens são vaidade, tambem não seria novo; porque homens há como os pomos; que nascem em Sodoma, que tocados, todos se desfazem em cinza vã; mas dizer que todos os homens são, não só vão, porém a mesma vaidade, & não só a mesma vaidade, mas toda a vaidade junta: *Unversa vanitas omnis homo vivens*? Isto he o que admira: Vicio he este que começou pellos Anjos, continuou nos homens: nellés teve o homem o exemplo, mas elles tirará a desculpa. Que se desvanecção os Anjos com
o co-

o conhecimento da natureza que logrou tão perfeyta , não tem desculpa no seu entendimento, mas tem fundamento na sua perfeição ; porém que se desvanecção os homens à vista do exemplo dos Anjos , não tem fundamento , nem desculpa, salvo for a desculpa a mesma fragilidade que lhe tira o fundamento.

3 Nestas *Tardes* determino fazer huã Anathomia no ser do *homem* , tanto em ordem ao corpo, quanto a respeyto da *Alma* , descobrindo as vaidades, que por todo o caminho lhe são naturaes , & buscandolhe o remedio, quanto for possível. Queira Deos que consiga em parte o intento, de sorte, que condemnando a vaidade, não encorra no mesmo vicio ; ficando o Sermao assumpto de sy mesmo.

4 Creou Deos ao *Homem* , & na sua composição unio duas partes, huã superior, outra inferior, & ambas admiraveis : a inferior corporea admiravel na fabrica, a superior Espiritual mais admiravel em a natureza. Recopilou em ambas tudo quanto havia creado no mundo : na parte corporea os *Elementos* , que enchem este grande circulo do Universo, *Terra* , *Agoa* , *Ar* , & *Fogo* : unindo amigavelmente naturezas tão encontradas , a ligeyza do *Ar* com a gravidade da *Terra* , o ardente , & voraz do *Fogo* com o enregelado da *Agoa* : uzando da mesma discordia dos *Elementos* ; como de instrumento , para a conservação do corpo humano ; o qual fabricou com tanto arteficio organizado, que em esphera tão pequena acharà sempre novidades a sciencia humana para argumento da bondade , & sciencia de Deos, nunca o fim para deleytaçõ do desvanecimento proprio : *Ut non inveniat homo opus, quod operatus est Deus.* Disse Salamaõ. Ecclez. 31
Vers. 11.

5 Na parte espirital ajuntou Deos o vegetativo das plantas ; o sensetivo dos brutos ; o racional dos Anjos. Huã creou de nada , outra formou da terra : huã tirou do não ser ao ser eterno, & immortal ; outra da materia rude do

A Vaidade do homem.

4 todo ao arteficio mais singular do corpo humano. Porém taõ antiga, & natural he a vaidade ao homem (que se bem consideramos) nos mesmos principios da sua origem tem as raizes da sua vaidade. Em o nada, digo , do naõ ser da *Alma*, & nos *Elementos*, de que se compo o *corpo*, lhe veyo como nascendo o desvanecimento ; quãdo tinha a cauza do mayor abatimento nesses mesmos principios de que se cõpos.

6 Esta serà a materia destas *Tardes*: Inquirir a vaidade do *Homem* pellos *Elementos*, de que se compoem, & de que se fórma ; & apontar o remedio dessa mesma vaidade nos proprios *Elementos*, reformando ao *Homem*, & na ultima *Tarde* trataremos da vaidade da *Alma* ; para onde (desde agora) convido vossas attensões.

7 Aquella que o Evangelista vio , como *Terra* novã, livre de todo o commercio da antiga. *Vidi terram novã*. Aquella que he *Mar* de graça ; *Fonte* de misericordia ; *Poço* de agoas vivas : *Puteus aquarum viventium* : *Fons signatus*. Aquella que mereceu, que o Espirito Santo particularmente lhe espirasse o *Espirito* da vida : *Spiritus Sanctus supervenies in te , & virtus Altissimi obumbrabit tibi*. Aquella que teve o *Fogo* do Divino Espirito taõ ateado em seu coraçãõ ardente, Santa abrazada, & incombusta. Aquella *Alma* pura, mais que todas as puras *Creaturas*, *Maria Santissima*, nos alcance graça, para que a pallavra de Deos, & a semente *Evãgelica* frutifiquem em nossas almas. Ave Maria.

§. I.

8 **O** Primeyro Elemento , que Deos escolheu para a formaçãõ do homem foy a *Terra* : *Formavit igitur Deus hominem de limo terræ*. Este foy o fundamento sobre que edificou o mundo pequeno ; este o alicecê da fabrica, esta a baze de taõ fermoza architectura. Se da firmeza

za dos alicecés se pôde inferir a dos edificios. Oh como o edificio humano vay fundado sobre vaidade! Supra a grandeza do Artifice à fragilidade do fundamento; & ainda affy temo, que hà de dar consigo muito depressa por terra. Para Deos significar a firmeza do edificio, que fabricaõ os Santos, diz que fundaõ a sua caza sobre pedra: *Edificavit domum suam supra petram.* Para o Propheta Rey encarecer a fermozura de Siaõ, diz q' os seus fundamentos saõ sobre môtes Sãtos: *Fundamenta ejus in montibus sanctis.* De maneira que o primeyro encarecimento da obra he a bondade dos fundamentos: se affy he, bem digõ eu, q' desde o seu nascimento tem o homem a vaidade por natureza; porque he formado da *Terra*, da qual diz o Texto que era vã, & vazia: *Terra autem erat inanis, & vacua. Formavit igitur Deus hominem de limo terræ.* Guarday Senhor na lembrança a materia vã, que escolhestes para formar o homem; pôde fer que estranheys menos, quãdo o vires arruinado pella vaidade. *Memorare quæ mea substantia: numquid enim vanè constituisti omnes filios hominum.*

Matt. 7.
Vers. 24.

Pfal. 86.
Vers. 1.

Genes. 1.
Vers. 2.
Gen. 2.
Vers. 7.

9 E affy como no principio do mundo sumérgida a *Terra* com o delavio das aguas; se apartarão aos imperios da vós poderosa de Deos; & appareceu a *Terra* secca: *Congregentur aquæ in locum unum; & appareat arida:* affy quizera eu tambem descobrir o abyssmo de vicios em que a nossa *Terra* está alagada; para que apparecesse àrida, & secca; & para que ao depois cobrada nova fecundidade; podesse produzir novos fruttos.

Pfal. 88.
V. 48.

Genes. 1.
Vers. 9.

10 Lembrame que ao Propheta Ezechiel mostrou Deos hum campo cheyo de ossos: *Plenus ossibus;* & seccos: *Siccaque vehementer;* que era o mêsmo que mostrarlhe huã *Terra* em outra *Terra*; & logo lhe perguntou: Entendés que pôdem viver estes ossos: *Putas ne vivent ossa ista?* Porém duvidando o Propheta do milagre; lhe disse Deos, que bradáste aos ossos, para que ouvissem a pallavra do Senhor:

Ezech. 37.
Vers. 1.
Ibid. Vers. 2.

Ibid. Vers. 2.

Ibid. Verf. 4. *Ossa arida audite verbum Dei*; E que ouvindo a , he daria
 Ibid. Verf. 5. espirito, & vida. *Ecce ego intromittam in vos spiritum, & vi-*
 Ibid. Verf. 7. *vetis*. Assy aconteceu; porque a vós do Propheta se junta-
 Ibid. Verf. 9. *rao huns ossos a outros ossos: Accesserunt ossa ad ossa*; & ao
 Ibid. V. 10. impeto do vento, que soprava de todas as quatro partes, se in-
 troduzio o Espirito da vida naquelles ossos seccos. *A qua-*
tuor ventis veni spiritus, & ingressus est in ea spiritus, & vi-
xerunt. Terra secca, & esteril dos mortaes; os que hoje vos
 juntaes neste Templo, como em campo; aquelles digo, que
 soys ossos seccos; despídos do Espirito da vida. Serà possi-
 vel que em tanta sequidaõ possa haver vida? Sy pòde, se ou-
 virdes a pallavra de Deos. *Ossa arida audite verbum Dei*.
 A pallavra de Deos he que vos ajunta. *Accesserunt ossa ad of-*
sa. O Espirito de Deos he que vos pòde dar vida; se quizer-
 des attentamente escutar a razaõ; porque a *Terra* secca, &
 arida se chama vã, & vazia; para dahy inferirdes o modo
 com que a vossa *Terra* pòde ter vida, & pòde ser fecunda.

§. II.

Genes. 1.
Verf. 2.

¶ **H**Uma das razoẽs, que os Expositores apontaõ, pa-
 raque o Texto chame a *Terra* na sua primeyra
 creaçãõ vã, & vazia. *Terra autem erat inanis, & vacua*; he
 porque ainda não dava os fruttos para que era destinada: de-
 maneyra que o ser vã, era reciproco com o ser esteril; & com
 razãõ; porque assy como he perfeçãõ, que acredita o ser, a
 fecundidade; assy parece que a esterelidade encontra de-
 maneyra o ser, que a *Terra* esteril era o mesmo que nada:
Terra autem erat nihil. Le Aquila. Como todas as creaturas
 foraõ creadas ao exemplar daquella idea Eterna, & Infinita;
 tambem de algum modo haviaõ de imitala nesta semelhã-
 ça. A natureza Divina he essencialmente o mesmo ser, &
 porque no ser teve infinita perfeçãõ; necessariamente hou-
 ve de ser fecunda; mas porque o não podia ser na pluralida-
 de

de das naturezas; ao meos o foy na multiplicação das Peças. *Ad intra* o Entendimento do Páe fecundo na geração do Verbo; q' amor do Verbo, & do Páe fecundo na processão do Divino Espirito. *Ad extra* todas as trez Peças fecundas nas acções da Omnipotencia. Demaneyra que o bem tem por natureza a fecundidade com que se cõmunica: O ser tem por propriedade o bom; logo aquillo que no ser era infinito, & por consequencia bom; necessariamente havia ser fecundo.

12. Isto que passa na Divindade, vemos assemelhado, em certo modo, nas creaturas: tanto mais se afastaõ estas da fecundidade no obrar; quanto participaõ menos da bondade do ser. A fecundidade no Eterno he perfeçao; a fecundidade no caduco hê a emmenda: no Eterno he essencial à mesma bondade infinita, & ao mesmo ser que essencialmente he ser; no caduco he emmenda a corruptibilidade, porque quanto as couzas por corruptiveis estaõ mais longe do ser; & mais proximas ao não ser; tanto pella fecundidade se perpetuaõ; & daõ mostras de que tem ser, quanto mais sãõ fecundas no obrar; & como quanto huã couza tem menos de ser, tanto tem mais de vã; seguesse que he vaõ tudo aquillo que não exercita o seu ser em obrar, & sendo o ser da *Terra* destina o para a produçcao dos fruttos, com razao se equivoca nella o vaõ com o esteril: *Terra autem erat inanis, & vacua.*

13. Homens fabricados da *Terra*, mais estereis, & mais vaõs que a mesma *Terra* no seu primeyro chãos. Em a nossa *Terra* plantou Deus muitos generos de sementeyras. A semente da verdade plantou no entendimento; a semente do amor do bem plantou na vontade; o conhecimento das couzas eternas tambem tem a primeyra semente nos sentidos cõ que se percebem as couzas temporaes: *Invisibilia enim ipsius à creatura mundi, per ea quæ facta sunt, intellecta conspiciuntur.* Finalmente na graça original nos deu a semente de to-

Ad Romã,
Vers. 20.

A Vaidade do homem.

dos os bens. Agora pergunto. E produz esta nossa *Terra* alguns fructos desta sementeira ? Provera a Deos que affy foffe; mas o fructo que produz o entendimento he a mentira: *Mendaces filij hominum*: & se chega algum dia a confequir alguã sciencia, o fructo que dahy tira he a soberba: *Scientia inflat*. O fructo que produz a vontade, he o peccado: O fructo que produzem os sentidos, he que em lugar de nos servirem de guia para as cousas eternas; servem-nos de entretenimento nas couzas temporaes. Pois *Terra* taõ esteril de fructos, naõ tem semelhança com a da primeyra creação ? E naõ pòde tambem chamar-se (& com muita razaõ) *inanis*, & *vacua* ? Naõ só pòde, mas deve com muito mayor razaõ; porque a *Terra* em seus principios, se era esteril, ainda naõ estava fecundada para produzir fructos; porẽm a *Terra* da nossa natureza, faltalhe a producção, naõ lhe faltando as influencias que a fertelizem; mas he tal a nossa esterelidade, que atè as mesmas influencias faz infecundas; & naõ só as influencias da natureza, de que atègora fallamos, mas tambem as da mesma graça, que saõ de todas as mais beneficadas. Porem isto como he possivel ? Tambem a graça pòde ser em nõsyã, & infecunda? Naõ pòde por deseyto seu; mas pòde por esterelidade nossa. Ouvi a Saõ Paulo. *Gratia Dei in me vacua non fuit*: a graça de Deos naõ foy vazia em my. Naõ diz absolutamente que a graça de Deos naõ foy vazia; porq̃ sempre he fecunda; mas q̃ naõ foy vazia nelle; como ja standose de que a sua *Terra* naõ impedira os fructos, & fecundidade desta Divina Sementeira; & ha muitos que em sy saõ *Terra* taõ vã, que atè a mesma graça fica nelles como vazia. Explicome. Com a producção dos fructos que teve a *Terra* no principio do mundo.

14. Disse Deos à *Terra*, que produziſſe fructos, & que estes fructos produziſſem semente para geraçãõ de novas plãtas. *Germinet terra herbam virentem, & facientem semen, & lignum pomiferum faciem fructum juxta genus suum, cujus semen*

Pſalm. 61.
Verſ 10.

1. Ad Corint.
2. Verſ. 11.

1. Ad Cor.
1. V. 10.

Gen. 1. V. 10

semen in semet ipsa sit super terram; & se bem reparaes, dous generos de fecundidades cáhiraó por benção à *Terra*. A produccão dos fruttos, que he menos; a produccão da semente nesses mesmos fruttos, que he mais; porque produzir a *Terra* fruttos, he ser fecunda; mas produzir sementes, he produzir a sua mesma fecundidade; porque como as sementes a tornaó a fertilizar de novo; não só he fecunda a *Terra* quando as proditz; senão que segura a mesma fecundidade em as novas sementes.

15 Isto he o que a graça ha de fazer em nós. A graça sempre produz fruto com que a alma não fica esteril; mas he necessário que esse fructo fertilize em nova semente, para que della tornem a multiplicarse novos fruttos da mesma graça; E porque em muitos a graça não produz estes effeytos, sendo a natureza deste fructo fecundissima de outros muitos; por isso em nós he a graça de Deos vazia por esterilidade da *Terra*; que nem toda he tão fertil como a de São Paulo: *Gratia Dei in me vacua non fuit*. Que sejaó elleis as pedras onde cahio o trigo; he natureza de pedras; mas q̄ seja esteril a *Terra* depois de fertilizada com as sementes, he couza que nos succede a nós, & não succedeu à *Terra* insensível; & ainda assy ella mereceu o nome de vã; mas que nome he bem que nós mereçamos? O de vaós, he pouco; o de vaidade somente, ainda não basta; o de vaidade de vaidades, & o de toda a vaidade junta, esse he o nome que nós compete; & esse he o que nos dà o nosso Thema. *Universa vanitas omnis homo vivens*.

§. III.

16 **A** Sfy he, que o mayor mal que tem a nossa *Terra* (da qual trazemos o vicio com a natureza) he a nossa esterilidade; sendo que fora a fecundidade o mayor bem. Ambas as couzas pròvo. O nosso mayor bem são os fruttos, que produzimos; não he propozicão minha, senão
de

Math. 12.
Verf. 33.

de Christo. *Ex fructu arbor agnoscitur.* Dos fruttos se conhecem as plantas, das plantas se conhece a *Terra*. Dos fruttos se conhecem as plantas; logo não he planta aquella que não dà fruttos. Da planta se conhece a *Terra*; logo esteril, & vã he a *Terra*, que produz plantas que o não são; porque são estereis; porem que muito que assy seja em nós, se o mesmo passa nas couzas agradas. Notay.

Zach. 9.
Verf. 17.

17. *Quid bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinum germinans virgines?* Falla o Profeta Zacharias em Prophecia do altissimo Mysterio da Eucharistia Sacrosãnta, & diz assy. Que couza tem boa, ou q̄ couza tem fermoza a Ley da graça, senão o pão dos escolhidos, & o vinho que produz Virgens? Pregunto. E pois não tem outra couza boa, nem fermoza a Ley da graça nos mais Sacramentos, & nos mais Mysterios? Sy tem. Pois porque este mysterio tem particularmẽta prerogativa de bom? Ao meu propozito digo; Que o Sacramento da Eucharistia se intitula particulamente bom; porque se declara com singularidade fecundo. As mesmas pallavras o dizem: *Vinum germinans Virgines*. Como dos fruttos se infere a bondade das plantas; esta planta que he Arvore da vida, tem a fecundidade de produzir Virgens. De tal fructo, como o da Virgindade, claro està que se havia de inferir huã superior bondade da planta de donde nasce. Demaneyra que he este Sacramento Mysterio com excellẽcia bom; porque he com singularidade fecundo; & a fecundidade he argumento da bondade da planta; porque os fruttos são com singularidade suaves; mas a quantos succede que esta planta produz nelles fruttos amargozos. *Judicium sibi manducat*, diz São Paulo, & isto he o que eu dizia, que a mesma planta, & a mesma fementeyra da graça sendo em sy fertil, em a nossa *Terra* se esterelizava; & a isto mesmo chamo eu vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum*.

1. Ad Cor.
21. V. 29.

Ecclez. 1.
Verf. 2.

18 E pello contrario, digo, que o mayor bem he a fecun-

cundidade com que estas plantas produzem fructos ; mas não o digo eu só ; disse-o Deos por bocca de David ; porque querendo explicar a bondade de hum Justo , o comparou a huã arvore plantada junto das correntes das agoas ; que havia dar fructo a seu tempo. *Et est tanquam lignum , quod plantatum est secus decursus aquarum , quod fructum suum dabit in tempore suo* ; porque he particular obrigação que não faltemos nós com os fructos , quando para a fertilidade nos não faltaõ as correntes ; que estar junto das agoas que fertilizaõ , & não dar fructo a seu tempo ; não pôde deixar de ser vicio da planta ; & assy como he bem grande o fructificaõ ; assy tamẽm he vaidade , & he castigo grande o ser estéril junto das correntes das agoas. He vaidade ; porque he esterelidade vicioza ; he castigo ; porque he mal tão grande ; que parece não pôde ter outro castigo senão assy mesmo.

Psal. 1. V. 5.

Math. 21. Verf. 19.

Marc. 11. Verf. 13.

19. Aquella Figueyra , que Christo amaldiçoou , teve este castigo ; porque estava estéril de fructos ; & o castigo q̃ Christo lhe deu , foy que não produzisse fructos jámais. *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum*. Reparay no crime ; & reparay na pena. O crime , que obrigou a Christo a esta demonstração , foy a esterelidade dos fructos : *Nihil invenit in eam nisi folia tantum* ; & essa mesma esterelidade foy a pena com que a castigou. *Nunquam ex te fructus nascatur*. Foy este o crime para que ahy tivéssemos nos exemplo ; foy este o castigo ; porque a pena não podia ser mayor ; que o mayor castigo que se pôde dar a quem não corresponde com os fructos , que Deos lhe pede ; he não ter mais fructos q̃ dar para se lhe poderem pedir. E notay : que para esta planta dar fructos , ainda não era tempo. *Non enim erat tempus figorum* , diz São Marcos ; & o mais que Deos quer de hum justo he , que dê fructos a seu tempo : *Fructum suum dabit in tempore suo* ; porem se para a planta como planta , ainda não era tempo ; para a planta , como exemplo , a todo tempo era tempo.

20. Os homens , que são como plantas estereis , em mui-

tás

Marc. 8.
Verf. 24.

tas ocaziões achaõ que ainda não he tempo de fructificar; mas as plantas, que são como homẽs; porque os significação; *Video homines velut arbores ambulantes*; a todo o tempo tem obrigação de dar fructos. O Vãrão justo assemelhaõ a planta, que dá fructo a seu tempo; porque dá fructo quando Deos lho pede. A figueyra esteril assemelhaõ aos homẽs vãos; porque quando Deos lhes pede fructo, respondem que ainda não he tempo. Sy he tempo de deyxar a esterilidade; quando alumeya o uzo da razão. Sy he tempo de produzir fructos, quando Deos acõde com as correntes dos auxilios. Sy he tempo de multiplicar com abundancia; quando nos não falta a graça de Deos. He tempo de produzir fructos bons, & de queymar por huã ves os espinhos, & mâtto bravo em que brõtã a nossa esterilidade, que eu seguro, que destas cinzas siquemos mais fecundos. Couza sabida he que as *Terras* estereis ficaõ fertilizadas com a cinza que as cõbre; quando se lhe lança fogo ao mâtto: este remedio nos aponõtu ha poucos dias a Igreja, conhecendonos a enfermidade. A cinza em sy he esteril; a cinza lançada sobre a *Terra* he fecunda: já que somos *Terra*, que em lugar de fructos produz mâtto; em lugar de Virtudes viciõs: queymemos estes viciõs, queymemos a vaidade; que com estas cinzas nos podemos fertilizar; para que não siquemos como a *Terra* no primeyro cháos; não só vãos, & vazios; porẽm a mesma vaidade: *Uniuersa vanitas omnis homo viuens.*

§. IV.

21 **P** Ara ponderar a segundã razão pella qual a *Terra* em sua primeyra creação se chama vã, & vazia: *In principio creauit Deus Cælum; & terram; terra autem erat inanis, & vacua*: Excitarey primeyro huã duvida. Depois que Deos fertilizou a *Terra* de plantas, & a povoou de animaes; creando ultimamente o homem, lhe disse, que crescesse,

cesse, & multiplicasse, & enchesse a *Terra*: *Crescite, & multiplicamini, & replete terram.* Não reparo em que Adam se

Ibid. V. 28.

lhe dê por bensaõ o multiplicar ; porque quem lhá lançava era aquelle infinitamente bom, & fecundo. Nem tambem duvido em que a bensaõ fosse de crescer, estando Adaõ creado na sua perfeyta estatura ; porque se havia multiplicar em filhos, necessariamente havia crescer em sy ; que o acrescentamento dos filhos tambem he próprio aos mesmos pães.

○ em que reparo he, que se lance a Adam por bensaõ que encha a *Terra*. *Replete terram.* Isto mesmo succedeu a Noè no diluvio universal ; porque depois que pellos peccados dos homens deyxou a *Terra* de ser *Terra*, & se reduzio a mar ; & quando descoberta das aguas ficou *Terra* dezerta, & hermo solitario ; tambem a Noè se lhe deu por bensaõ que enchesse a *Terra*. *Benedixitque Deus Noè, & filijs ejus, & dixit ad eos: Crescite, & multiplicamini, & replete terram.*

Gen. 9. V. 1.

22. Se pois no principio do mundo estava a *Terra* cheya de todo o genero de plantas ; povoada de tanto numero de viventes : se no diluvio se guardaraõ dentro na Arca as mesmas especies de animaes ; que a tornassem a povoar de novo como fo aos homens a Adam no principio do mundo, & a Noè depois do diluvio, se lhes lança por bensaõ que encháõ a *Terra*? *Replete terram.* Desta duvida tiro eu a razaõ ; porque a *Terra* se chama vã, & vazia ; porque como nem no principio do mundo, nem depois do diluvio estava habitada de homens ; nem em hum, nem em outro tempo deyxava de estar vazia ; & he o mesmo chamarlhe *Vacua* ; que chamarlhe dezerta, & inhabitada ; & a razaõ he, que como a *Terra* foy creada para habitaçaõ dos homens ; ainda quando cheya de animaes, & povoada de plantas : em quanto não tinha homens, estava vazia ; porque estava dezerta. E aquella bensaõ, *Replete terram*, que Deos lançou aos homens ; igualmente foy bensaõ para elles, & para a *Terra* : para elles pella fecundidade, que lhes comunicou ; para a *Terra* pellos habita-

bita

A Vaidade do homem.

14 bitadores, que lhe deu, & aquelle *Replete* foy a perfeição q̄ emmendou o vicio daquelle *vacua*.

Proverb. 8.
Vers. 31.

23 Parece-me que advertiſjã em huã grande ſemelhança entre a *Terra*, & os homẽs ſeus filhos; porque aſſy como a *Terra* foy creada para habitação dos homẽs; aſſy os homẽs forão creados para habitação de Deos. *Dixitne meæ eſſe cum filijs hominum*. E aſſy como os homẽs forão abenſoados para complemento da *Terra*; aſſy Deos tem por goſto, & por dilia ſervir de cõplemento aos homẽs. Em fim q̄ *Terra* ſem homẽs he vazia, & dezerta: homẽs ſem Deos tao mais q̄ de-zertos, & mais q̄ vazios. *Univerſa vanitas omnis homo vivõs*.

1. Ad Cor.
15. V. 47.

24 Não ſey ſe pôdem explicarſe a eſte intento aquellas pallavras de São Paulo, quando fallando de Adam, diz que o primeiro homem foy da *Terra* terreno. *Primus homo de terra, terrenus*. Parece repetição inutil de pallavras; porq̄ ſe era da *Terra* terreno era; mas não he ſenão figura myſterioſa, & parece-me a my que eſta repetição *De terra, terrenus*, correſponde àquella multiplicação de vaidades: *Vanitas vanitatum*; porque ainda que os homens, por filhos da *Terra*, ſão vaõs, & de ſua natureza *Terra* dezerta; com tudo habitados da Divina graça, ficão emmendados deſte primeyro vicio da vaidade; mas ſe além de filhos da *Terra* ſeguẽm as inclinações della, & ficão *Terra* dezhabitada dos beims da Divina graça; não ſó ficão da *Terra* terrenos; porẽm multiplicão as vaidades: *Vanitas vanitatum*; & apparecem *Terra* dezerta, & inhabitada; & a razão he a que temos apontado. Nem a *Terra* lhe tirão o ſer *Terra*; as animaes que a habitão; nem ao homem lhe tira o ſer dezerto o mundo que logra; porque a *Terra* foy creada para os homẽs; & os homẽs forão creados para habitação de Deos. Notay.

Thren. 1.
Verſ. 1.

25 Houve de lamentarſe o Propheta Jeremias pella Cidade de Ieruzalem; & rompeu neſtas queyras laſtimoſas, *Quomodo ſedet ſola Civitas plena populo*. Como eſtã ſolitaria, & dezerta a Cidade cheya de povo. Ha modo de fallar tao

implicado? *Terra solitaria*, & cheya? *Terra dezerta*, & povoada? Pòde ser unirse este *sola* com aquelle *plena*? Dásse caso que a mesma Cidade, & a mesma *Terra* seja hermo solitario: *Sola*; & povoaç. o numeroza; *Plena*? Sy pòde; & a solução destas pallavras, parece que depende das seguintes. *Facta est quasi vidua domina gentium.* A que foy destinada para senhora do mundo, ficou como dezeparada. *Princeps provinciarum*; sendo principal Metropole de tantas Provincias. Demaneyra que Ieruzalem era cabeça destinada para principal domicilio do Imperio, & para habitação dos Governadores das mais Provincias; pella desolação desta Cidade, ainda que ficasse com numerozo povo; perdeu os principaes habitadores; perdeu o que tinha de Senhora, & de Princeza das mais terras, & Provincias: pois ainda que fique cheya: *Plena*: está dezerta, & solitaria: *Sola*; porque a não enche a gente que nella está; senão os Princeses, & Dominadores que devião estar. Pouco importa que a habite o povo: *Plena populo*; se a não habitão aquelles para quem era particularmente destinada, como Senhora das Gentes, & Princeza das Provincias. *Quomodo seget Princeps provinciarum.*

16. Nesta Cidade mysticamente se entende a alma de hum homem; & por ella se pòdem fazer igualmente as mesmas lamentações. Como o homem foy destinado para habitação de Deos, pouco importa que se veja cheyo de tudo o que toca ao mundo: Os affectos mundanos são o povo que enche, & alborota esta Cidade: a habitação de Deos he que a faz Senhora, & que a faz Princeza; pois que importa que esteja cheya deste povo: *Plena populo*; se está vazia daquelle Principado. *Quomodo sedet sola, Princeps.* Não enche a alma aquillo que a enche, senão aquillo que a deve encher. Não habita na *Terra* do homem o que habita, senão o que deve habitar: nem a *Terra* lhe tira o ser dezerta estar povoada de brutos; nem ao homem o estar cheyo de affectos munda-

danos, & terrenos. A Terra deyxá de ser dezerta depois que he habitada de homens; os homens deyxão de ser dezerto só depois que os habitã Deos; & sem Deos, pôr mais que os encha o mundo: *Plena populo: ficão hermo solitario: Quomodo sedet sola.*

Pfal. 118.
Vers. 32.

27 *Viam mandatorum tuorum cucurri* (dizia David) *cum dilatasti cor meum.* Senhor dilatasteme, & alargasteme o coração, quando andey no caminho dos vossos preceytos. Reparay no rigor daquella pallavra *Dilatasti*; porq' aquillo que se dilata, estava de antes apertado; & alguã cousa ha de haver que o encha para que se dilate; pois que he o que enche o coração a David que tanto lho dilata? *Cum dilatasti cor meum.* As primeyras pallavras são a reposta da duvida: *Viam mandatorum cucurri.* David observando os preceytos de Deos; metia a Ley de Deos no seu coração: *Et legem tuam in medio cordis mei*; & como Deos enchia o coração de David; necessariamente se havia dilatar o coração; porque se enchia; demaneyra que o que dilata o coração, he o que o enche; & o que enche o coração he Deos. Sem Deos está o coração humano apertado; porque está vazio, & dezerto; com Deos fica o coração humano cheyo; porque fica povoado; & por isso he precizo que se dilate: *Cum dilatasti cor meum.*

Pfal. 39. V. 9.

28 Assy he, fieis, que os homês sem Deos fomos Terra dezerta sem habitador; & assy como somos da Terra terrenos; assy somos dezertos inhabitados. Em que eu o não dissera, parece que o dizia o grande Bautista. Quando os Farizeus perguntarão ao Bautista quem era. *Tu quis es?* Elle por ultima conclusão lhes respondeu; que era voz que clamava no dezerto: *Ego vox clamantis in deserto.* Como assy? O povo de Iudea, a quem o Bautista prégava penitencia, era dezerto? Mais; & se era dezerto, para que era bradarlhe cõ esta voz? O dezerto, quando muito, repete os eccos, mas não ouve as vozes. E para que era que esta voz clamace?

Ioan. 1. V. 19

Ibid. V. 23.

En-

Entre a numerosa multidão da gente, serão necessários clamores, para que se oução; porem na solidão de hum dezerto qualquer voz se percebe. Pois como he isto dezerto, & dezerto a que se falla, & não com vozes, senão com clamores? *Vox clamantis in deserto.* Sey eu que para Deos guiar assy aquella Alma, que introduz o Propheta Ozeas no Cap. 2. Osco 2. V. 14 diz que a havia levar a hum dezerto retirado da gête, & que ahy lhe havia de fallar com huã voz tão branda, que nem os ouvidos a ouvissem, & só o coração a percebesse: *Ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor ejus.* Pois ao retiro apartado dos homens chama-se dezerto; & tambem se chama dezerto a hum povo cheyo de homens? *Vox clamantis in deserto.* Naquelle dezerto basta huã voz, que sem entrar pellos ouvidos, chega ao coração; *Loquar ad cor ejus.* E neste dezerto são necessários clamores? *Vox clamantis in deserto.* Tudo são dezertos, & tudo são vozes; mas vay muito de hum dezerto a outro dezerto, & de huã voz a outra voz. São dezertos os homês, a que clama o Bautista; porque como a homês apartados de Deos lhes prêga penitencia: *Penitentiam agite.* Porem o dezerto a que Deos leva huã Alma, he dezerto de homens. O dezerto em q̄ clama o Bautista, são homês com natureza de dezerto. Naquelle dezerto basta huã voz branda; porque não ha estrondos do mundo, que perturbem o ouvilla: *Loquar ad cor ejus.* Neste dezerto são necessários clamores: *Vox clamantis in deserto;* & ainda assy se não ouvem; porque os homês, que são como dezertos, ouvem as vozes, para as repetir como eccos; & não para as entender como soão. Assy he que as vozes dos Pregadores ouvillas, como se não as ouviçey; & o que mais faz, repetelhe lá fora os eccos; & nem estes clamores bastão; porque he bradar em dezerto. *Vox clamantis in deserto.*

29: Que outra couza he hũ homê esquecido totalmête de Deos senão hũ dezerto sem cultura por negligêcia nôssa; de quem nos Proverbios se diz, que o câpo de hum homem preguiçoso estava cheyo de urtigas. *Per agrum hominis pi-*

Proverb. 24.
Vers. 30.

grī tranſui, & ecce totum repleverant urticae. Habitado fômente de feras, que ſão os peccados monſtruoſos, de q̄ diz Izaias. *In cubilibus in quibus prius dracones habitabant, orietur visor calami, & junci.* Adõnde não apparecem mais que montes altiffimos de ſoberba; valles profundos da ignorancia; cõvas eſcuras, fechadas totalmente à luz do Ceo, & à da razão; Campinas dilatadas de eſperanças yaãs do futuro, troncos inuteys de obras infructuoſas, Serranias de aſperos penedos de tenſões obſtinadas; Caminhos ſem caminho para a verdadeira doutrina; Terra, que não he Terra, ſenão pô; & pô a quem Deos ameaça que o ha de desfazer com hũ ſopro de vento: *Cominuam eos, ut pulverem ante faciem venti.* E em fim tudo ſolidão, fômente habitada de feras monſtruozas, q̄ ſão os noſſos vicios; tudo eſterelidade, & aſpereza, q̄ não brõta mais que eſpinhas: *Operuerunt ſuperficiem eius ſpinae:* Eſpinhas para os meſmos homẽs, & eſpinhas para o proprio Deos: *Plectentes coronam de ſpinis poſuerunt ſuper caput eius.*

Iſaie 35.V.7

Pſal. 17.V.43

Proverb. 24.V.30.

Matth. 27.V.29.

§. V.

30. **A** H Tercia dozeita da natureza humana! Se eſte teu deſerto ſem cultura brotara eſpinhas ſõ para ti; juſto era; porque as eſpinhas ſõ mal tratado, & forem a quem ſe não deſvia dellas; mas que por eſtares deſhabitada de Deos, brotes eſpinhas contra o meſmo Deos; he voltar o caſtigo contra quem ſe pôde dar; & dá. A Adam, depois de ſeu peccado, ſe deu por caſtigo, que a Terra lhe produz eſpinhas: *Spinās, & tribulos germinabit tibi.* Eſta pena em parte de mizericordia; & parte de aſperiffima. Dar eſpinhas a Terra em que ſe magoe Adam, he hum caſtigo de q̄ Adam ſe pôde livrar, não tocando as eſpinhas; porẽm dandoffe por officio a Adam que cultive a Terra, & os fruttos della; ſeja a Terra tão fragõza, & eſteril, que em lugar de fruttos correſponda com eſpinhas; he caſtigo, que parece quiz exprimir o

Gen. 3.V.18.

Tex

Texto Sagrado; quando disse, que estas espinhas gerava a Terra para Adam: *Germinabit tibi*. E não podia ser para Adam pena mais cruel, nem castigo mais rigurozo; que sendo elle o Artifice da cultura, lhe nascessem para elle por fructos os castigos: mas não tem que se queyxa Adam, nem seus descendentes, que a sua Terra fragoza, & aspera; & em tudo sempre dezerta à cultura do melhor habitador, que he Deos; tambem não corresponde com outros fructos mais q̄ com as espinhas de peccados; que são as que povoão a Terra humana dezerta pello esquecimento de Deos.

31 Ainda digo mais: não só fica o homem dezerto de Deos, quando lhe falta este habitador; mas parece que fica dezerto de sy mesmo: não dezerto de sy; porque esteja em Deos; mas dezerto de sy; porque esta fora de sy. Quando Adam peccou; querendo Deos tomar rezidencia do delicto; perguntou primeyro pello delinquente; & o que perguntou foy, onde estava? *Adam ubi es?* Se Adam está no Paraizo, & Deos o sabe muito bem, para que o pergunta? Principalmente quando a pergunta falla com o mesmo Adam: logo em lugar estava Adam onde ouvia a pergunta. Pois para que inquire Deos aquillo que sabe? Oh! que como Adam peccou, perdeu aquella morada, que Deos fazia nelle pella graça original; & consequentemente ficou dezerto de Deos; como ficou fóra de Deos; tambem ficou fóra de sy; & como Adam não estava em sy, nem em Deos; por isso Deos lhe pergunta onde está? *Adam ubi es?* Porque Adam justo he Terra habitada de sy; por ser habitada de Deos; porém Adam peccador, como he Terra dezerta de Deos; he Terra dezerta de sy mesmo: nem elle proprio habita em sy; por isso justamente se lhe pergunta onde está? *Adam ubi es?*

32 Ditózos aquelles, que transformandosse tod@s em Deos; então estão mais em sy, quando estão somente com Deos. Sab Paulo arrebatado ao terceiro Ceo; ficou tão fóra de sy mesmo, que elle proprio não sabe se foy em corpo, se

2. Ad Cor.
12. V. 2.

sem corpo: *Sive in corpore nescio, sive extra corpus nescio, Deus scit.* Porque como elle entendia que o corpo era morada da alma: depois que a alma habitou tanto com Deos. *Scio hominem in Christo.* Duvidou se habitava no seu corpo. *Sive in corpore, sive extra corpus nescio.* Mas desgraçados aquelles, q por habitarem todos em sy, sahem fóra de sy, perdendo a Deos: ficando *Terra*, sobre infructuoza dezerta; & consequentemente com a herança daquella *Terra*, donde forão formados; & assy como são da *Terra*, terrenos; assy ficão como a mesma *Terra* vaós, & vazios; antes ficão a propria vaidade: *Univerſa vanitas omnis homo vivens.*

S. VI.

33 **A** Tégora ouvistes razões Moraes; porque a *Terra*, & os homens formados della, merecem o nome de vaós; porem porque nas outras *Tardes* havemos fundar a vaidade humana sobre a accommodação de alguãs circumſtancias, & propriedades naturaes dos *Elementos*. Serà juſto que descubramos em a natureza da *Terra* alguã razão com que accuzemos a vaidade dos homês terrenos.

34 Olhay para a màquina de toda a *Terra*; vede a circumferencia deste grande globo, a quem os *Geometras* assignão de espaço circular sete mil & quinhentas legoas; vastidão tão grande, & admiravel, que ainda não pode darlhe o ultimo alcance a ambição humana; que pella descobrir faz diligencia ha tantos seculos: notay a altura inacceſſivel de tantos montes; a robusteza das profundas cavernas, & incalcantaveys grúttas, capazes de por limite ao impeto furiozo das agoas. Toda esta màquina està posta no meyo do mundo. Preguntareys quem a sustenta? Quem tem mão em pezo tão desmedido? Quem sopórta a grandeza dos edificios, que sobre a *Terra* se levantão? Nemhuã outra couza, dizem os *Filozofos*, mais que o proprio pezo. Porem esse mesmo pezo,

Tem à terra de circulo redondo 7500. legoas de Diámetro 2385. & de Semidiámetro 1193. conforme a melhor opinião.

pezo, que forças de Atlante o sustentão ? Nenhúas-outras, senão a propensão que tem para o centro ; & esse centro que he ? He hum ponto ; & esse ponto ? Hum nada. Demaneyra, que por ultima concluzão , o que sustenta toda a máquina da Terra he a inclinação, o pezo, a propensão , que tem para hum nada : *Appendit terram super nihilum.* Disse Iob, admirando isto por huá grande maravilha da Omnipotencia ; porem isto que na Terra he natureza maravilhoza ; nos homés terrenos he herança digna de lastimã. Huá das mayores vaidades, ou o fundamento de todas quantas tem os homés, he o grande pezo, & inclinação que os faz propender para o nada. Notay.

35 *Filij hominum usquequo gravi corde?* Homés (diz David) até quando haveis de ser pezados de coração ? Duas couzas acho em que reparar nestas pallavras. Sey eu que em outra parte chamou David ao coração dos homens vaõ. *Vanum est cor eorum;* & parece que quanto huá couza he mais vã, tanto tem menos de pezo. Se pois os coraçoes dos homés são vaõs ; como lhes chama David pezados ? E porque razão chama pezado só ao coração ? As pallavras seguintes satisfazem ambas as duvidas. *Ut quid diligitis vanitatem?* Para que amais a vaidade ? Ora fazey este discurso. A vaidade he hum nada : o coração he o centro das inclinações ; as inclinações são o pezo que nos móve : logo seguesse , que se o coração ama a vaidade, para a vaidade peção as inclinações do coração ; & se pèza para o nada da vaidade ; quanto mais vaõ ; tanto mais pezado ; & por ultima consequencia : o seu pezo : *Gravi corde :* he a sua mais refinada vaidade. *Vanum est cor eorum.*

§. VII.

36 **D**iscorrey mais particularmente sobre as inclinações, que nos fazem pezar , & propender neste mundo para alguã parte ; & achateys que tanto peção mais,

B iij

quan-



quanto he menos, ou nada aquillo para onde pèzão. Vede a huns a quem nenhuma outra couza mòve, senão o appetite de confervar a vida: reputando a pequena duração della comò preço inextimavel de todos os trabalhos; & logo por outra parte nenhum cuidado sobre a Eternidade, onde hão de viver sem fim. Homens; não vos mòve nada o pezo da Eternidade? Não vos leva apos-dessy o pezo da gloria; a quem São Paulo chamou pezo Eterno? *Aeternum gloriae pondus*? Se este pezo vos não atrahe, & inclina; que propèsaõ he a que contrapèza a tão grande força? Que? Hum nada de huã vida caduca: disse Iob. *Nihil enim sunt dies mei*. E se os dias, que Iob reputa por seus, são hum nada. *Nihil enim sunt*: que serão os dias, que nós não sabemos se serão nossos? E para este nada tanta inclinação! Tanto pezo! Vedes outros que todá a sua anciania he ajuntar riquezas; entendendo que nellas tem o muito, como o Rico Avarento: *Anima habes multa bona*; & tem o tudo; porque nas riquezas fundã toda a sua felicidade: *Comede, bibe, epulare*. Por amor dellas desprezão a vida; que naturalmente he tanto appetecida: Não ha inconveniente, nem trabalho, que lhes não pareça muito leve; porque de outra parte lhe contrapõe a inclinação para as riquezas, que he mais pezada. E que riquezas são estas para onde tanto pezão? Ouvi a Salamão, q depois de as lograr, disse que erão nada? *Divitias nihil esse dixi*. Ouvi a David. *Dormierunt somnum suum; & nihil invenerunt omnes viri divitiarum in manibus suis*. Dormião o seu sonno os homẽs das riquezas; & nada acharão nas suas mãos: E reparay que ao sonno chama seu; às mãos chama suas; às riquezas não lhes chama suas. As mãos sy são nossas; porque em a nossa mão està o gosso obrar: o sonno sy he nosso; porq só isso temos certamente de nosso, que he o morret; porem as riquezas não são nossas; nós he que somos das riquezas: *Viri divitiarum*; & estas riquezas, que tão seus nos fizerão, são hum nada. *Nihil invenerunt*. Reparay em outros,

2. Ad Cor. 4.
Verf. 17.

Iob 7. V. 16.

Luce. 12. V. 19

Sap. 7. N. 8.

Iob. 75. V. 6.

tros, a quem nenhuã outra couza mõe mais que o pezo da honra; a memoria que depois de sy hão de deyxar: este pezo os arrasta de maneyra; que já he leve o pezo da vida, & o das riquezas, em se pondo em ballança com o da honra: já he leve a transgressão de todos os preceytos; com tanto que ao depois permaneça venerada a sua imagem na memoria dos vindouros. Parecevos isso couza de grande momento? Parecevos que para nenhuã parte se deve pezar mais, que para esse ponto de honra? Para essa imagem, que ha de ficar de vòs ao futuro? Pois tudo isso he nada: hão de desvanecerse todas essas imagens. *Imaginem ipsorum ad nihilum rediges*: Psal. 72. V. 20 diz outra vez David; mais propriamente lhes chamara em imaginações, do que imagens; & suppondo que são nada com propriedade lhes chamou David imagens nossas; porque depois de reduzidas ao nada; representão ao vivo esse nada, que as fabricou na fantezia. Adverti em outros, cujo cuidado todo são os Idolos deste mundo; para elles pezo as suas adorações; para mor delles já nem ha appetite da vida, nem cobiça das riquezas; nem ambição de honras. O ponto he adorar perdidamente estes Idolos; empregár nelles todos os sentidos, & potencias da alma; que como todas vão afastadas com a força deste pezo; nenhuã outra carga pareço pezada. E que ponto he este para onde caminha tão dezfreadamente a nossa propensão? Ouvi a S. Paulo. *Scimus quia nihil est idolum in mundo*. Mas porque São Paulo reconhecia q̄ estes Idolos erão nada; por isso tão repetidas vezes o affirma: nós nem ainda experimentando-o o sabemos; porque julgamos que nesse nada està tudo.

r. Ad Cor.
8. V. 4

37 Dizem os Naturaes, que se de hum lugar eminente se lançarem dous pezos; se observão nelles alguãs circumstancias notaveis. A primeyra, que quanto mais para bayxo descem; tanto mais depressa caminhão; porque os mõe a vizinhança do centro para onde se chegão. A segunda, que se encontrão hum com outro, como em contenda, de qual ha

de chegar mais depressa. Cuiday vòs bem se succede isto nos homés terrenos. Quantas vezes os vedes em contenda sobre qual ha de alcançar com mais pressa estes nada? E quanto mais a elles se chegão, com mayor pressa os querem conseguir. Tudo isto são effeytos que fazem aos homés verdadeiramente terrenos; porque (como a *Terra*) para o nada peção, & neste nada parece que se estabelecem: sustentão sobre sy màquinas de vícios, torres mayores que as de Babel; que não lhes estranhão o pezo; antes lhes daõ capacidade aos aliceces; & disto nenhuã outra cauza ha, senão que como todos estes pezos inclinão para o nada, com elles mesmos se sustentão sobre esse nada. *Appendit super nihilum.*

v. Ad Cor.
13. v. 8.

38 São Paulo ainda disse mais; que se tivermos toda a sciencia; toda a fee, & outras muitas virtudes; tambem isto he nada. *Si habuero omnem scientiam, omnem fidem, itaut montes transferam nihil sum.* Pois se tudo isto he nada, qual he o tudo? O mesmo São Paulo. *Charitatem autem non habuero.* O tudo he o amor de Deos. Pos Deos ao homem neste mundo, assy como pos a *Terra*. No meyo do mundo o nada do centro; em circuito o Ceo; no meyo de ambos a *Terra*: assy fes ao homem. De huã parte lhe pos os nada do mundo; de outra o tudo das couzas celestiaes: a *Terra* quiz que por natureza pezasse para o nada; o homem quiz que por virtude pezasse para o tudo: O tudo he Deos; o pezo he o amor; por isso se a Charidade falta, falta tudo. : *Charitatem autem non habuero nihil sum.* E assy como são menos, ou são nada os mais fundamentos sobre que nos estribamos; assy tambem nos fazem mais facil a nossa ruina, & a nossa aniquilação. Notay.

39 Aquella celebre Estatua de Nabuco (que por vaidade sonhada nos servirá muitas vezes de argumento ao nosso assumpto) era composta de diferentes metaes, cada qual mais pezado. De ferro, bronze, prata, & ouro; porem o pezo mayor occupava o lugar superior da cabeça, que era de

ou-

ouro ; o menor o lugar inferior , que era o ferro : a prata , como mais leve , que o ouro, & mais pezada, que o bronze ; ficava superior a este, & inferior àquelle. Demaneyra que o pezo mayor estribava sobre o menor , & todo junto tinha por alicerce o barro. Houve de reduzirse a nada esta Estatua com os impulsos de huã pedra ; & toda a sua força empregou a pedra no barro dos pees ; & por consequencia se desfes toda a Estatua em nada. *Redacta quasi in favillam estive areæ ; quæ raptæ sunt vento : nullusque locus inventus est eis.* Parece que era mais proporcionado o golpe na cabeça ; não só porque era a mais precioza parte da Estatua ; mas porque em fim era a cabeça ; & para arruinar Principados representados nesta Estatua ; não ha golpe mais efficaz, que o que se emprega na cabeça. E se para arruinar hum Gigante, achou David que o instrumento mais seguro era a pedra, cõ que lhe fesiõ a cabeça ; porque se não arruina a Estatua , como se arruinou o Gigante ? Porque razãõ a pedra , que derruba o Gigante fere a cabeça ; & a que ha de aniquillar a Estatua fere os pees ? Por isso mesmo, que huã derruba , & outra aniquilla. Para por por *Terra* a fortaleza verdadeyra de hum Gigante, façasse o tiro à cabeça, que o governa ; para reduzir a nada a vaidade de huã Estatua ; desfazasselhe o nada de hum pequeno de barro sobre que se estriba. Como todo o pezo de metaes taõ grãves se estriba sobre o menos de huns pees de barro : o melhor modo de mostrar que esse pezo he nada, he derrubarlhe o nada sobre que se funda.

4º Este composto da natureza humana he huã estatua em que se faz liga do metal preciozo do ouro, & do nada de hum pequeno de barro. O corpo he hum pouco de pò ; que Deos edificou ; ou como diz outra Versãõ, fingio na forma humana. *Finxit Deus hominem de limo terræ.* A alma he o ouro preciozo, que lhe infundio ; & taõ preciozo, que o seu preço he inextimavel : a uniaõ, que pos entre ambos, he a liga com que ajuntou os metaes. Se o pezo do ouro, quero

Dan. 2. V. 35.

dizer, se offerda alma se estriba sobre o nada do barro; quero dizer, se inclina, & péza todo para este fragil fundamento; em se tirando o fundamento deste nada; que ha de acóteffer, senão ficar aniquillado tambem aquelle ouro. Assy como a Estatua constava de quatro metaes; assy o homem inclúe na sua natureza quatro grãos differentes. O mais perfeyto de todos, & o mais superior he o grão de racional; outro mais inferior he o de sensetivo; outro, ainda mais abayxo, he o de vegetativo; o último he o de mixto, a quem sustenta, & dá forma o solido da *Terra*. Se o racional péza para o sensetivo, & não para o eterno; se o sensetivo so se inclina para a natureza do vegetativo; que se ha de seguir senão arruinar-se a Estatua toda ao leve gólpe de huá pedra, que pode desfazer o nada de huá pequena de *Terra*. *Percussit statuam in pedibus, & comminuit eos.*

§. VIII.

41 **P** Ara que assy não seja, he necessario mudar os pezos, & as propenções. O que temos de *Terra*, o que temos de viventes, o que temos de sensetivos, tudo ha de pezar para o que temos de racionaes. Ha de pezar o barro, o ferro, o bronze, & a prata: para onde? Para o ouro; ao contrario do que succedeu na Estatua, & reconhecendo que a parte mais precioza he o ouro racional da alma: de tal maneyra para lá ha de propender todo o demais pezo, que pareça que toda a Estatua he de ouro. Nabucco, depois que vio arruinada a Estatua pello nada defeytuozo do fundamento, fabricou outra que fosse toda de ouro. *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream.* Faça a nossa Christandade o que fez a sua idolatria: mudemos a natureza aos metaes, & aos pezos; não se desfaça em nada o ouro; por pezar para a *Terra*, que he nada: convertasse a *Terra* em ouro; pezando toda para o ouro, que he tudo.

Dan. 3. V. 1.

42 Demaneyra que moralmente havemos de pezar ao contrario do que pezamos materialmente. Depois que Balthazar, carregado de vicios, mereceu a publicação da ultima sentença, que o condenou a perder o Reyno, & vida: diz o Texto do Propheta Daniel, que foy pezado em huá ballança; & porque se achou que pezava menos, lhe feria tirada a vida, & o Imperio. *Appensus es in statera, & inventus es minus habens. Divisum est regnum tuum.* Se o que condena a Balthazar são os seus crimes: *Adversum Dominatorem Caeli elevatus es.* Como a ballança em que estes se pèzão, se acha com menos pezo? Por isso mesmo pezava menos; porque pezava mais. Pòsta a carga de peccados de Balthazar em huá ballança; fazia propender a ballança atè bayxo; & o pezo que nos leva para bayxo, esse he o que nos condemna: O pezo, que nos salva, he aquelle que pèza para cima; que deyx a os nadis, para onde os vicios nos fazem propender, & busca o tudo, que he o centro, para onde devemos inclinar. A Charidade he fogo, o movimêto do fogo he para a esphera superior: Se pezamos como *Terra*, & a nossa inclinação nos nã move, como fogo, esse mesmo fogo posto em ballança, como he para o menos, faz, que pezando muito, como *Terra*, não pezemos nada. *Inventus es minus habens.*

Dan. 5. V. 27
& V. 28.

Verf. 23.

43 Porem se na materia de que somos formados temos ou a origem, ou o simbolo da nossa vaidade: no modo com que somos reformados acharemos o remedio deste vicio: somos formados de *Terra*: *Formavit igitur Deus hominem de limo terre*; que misturada com huá pouca de agoa fez hum edificio de taylor, & muito fragil: somos reformados com huá materia muy sólida; qual he a pedra angular Christo Jesus, que misturada com o seu sangue, pòde fazer o edificio Eternu. Aquelle sangue que no Horto buscou com tanta ancia a *Terra*: *Sicut guttae sanguinis decurrentis in terram*: foy para lhe dar a firmeza que ella de sy não tinha. Depois que Christo fecundou a nossa *Terra* com o seu sangue; & a

Gen. 2. V. 7.

Luc. 22. V. 44.

achou

achou materia capaz de se formar tambem della: depois que benignamente nos comunicou as suas influencias. *Etenim Dominus dabit benignitatem*: não he razão que a nossa *Terra* seja estéril em dar fructos. *Et terra nostra dabit fructū suum.*

Pfal. 84.
Vers. 13.

44 Depois que Christo nos escolheu para morada sua, & para habitar em nós. *Et habitavit in nobis*: não he razão q̄ nós nos não façamos morada de Deos; para que em nós permaneça Deos morador. *Manete in me: ego in vobis.* E se Christo disse, que quando elle fosse levâtado sobre a *Terra*, nos havia levar todos assy. *Ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*: como pôde ser que contra esta força, que nos levanta da *Terra*, rezista o nosso pezo, q̄ nos faz propender para ella? Não he necessario que nós pezemos para Christo com tanto impeto nosso, que não baste deyxar-nos levar sem rezistencia da força com que elle nos atrahe.

Ioan. 1. V. 14

Ioan. 15. V. 4

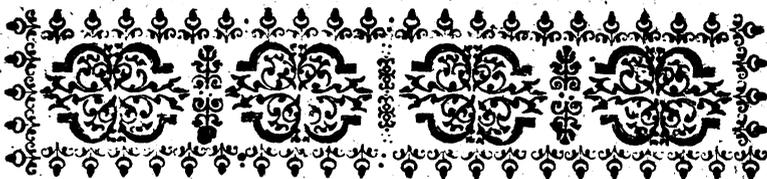
Ioan. 12.
Vers. 32.

Rom. 12. V. 2

Coloff. 3.
Vers. 9.

Reformemonos, torno a dizer; *Reformamini*: Incline o nosso pezo para onde Christo nos chama com tanta força: frutifique em nós a graça, que Christo nos comunica com tanta liberalidade: Dispamonos da natureza antiga. *Expoliantes vos veterem hominem.* Não herdemos de Adam o ser terrenos: vistamonos de huã natureza nova. *Et induentes novum.* Imitemos ao segundo Adam celestial: *Secundum imaginem ejus, qui creavit illum.* E escuzando, por este modo, à nossa *Terra* o vicio de esteril; evitaremos tambem em nós o que nos accuzaõ da vaidade: *Verumtamen universa vanitas omnis homo vivens.*





DISCURSO II.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.

Ex Plálmoo 38. Vers. 6.

45



COMPAROU São Bazilio a natureza das couzas mundanas com huã corrente de *Agoa*, que com impetuoza velocidade oufca, & acha no mar o feu fim. *Res naturales instar aquarum fluxu fluxæ, nunquam staturum, semper varietatem adeptæ, convenienter constitutæ sunt in tempore natura sua fluxu, quod semper urgetur, & effluit, &c.* A mesma semelhança achou São Ioaõ Chryzostomo na vida do homem. *Res nostræ sunt similes vehementi fluenti, quod nusquam vult consistere, sed fertur festinans ad declivem.* Vedes hum Rio, quando mais sobberbo com a enchente das *Agoas*, que parece affecta emulacõens com o mesmo Oceano? Ora inquirelhe o principio; esquadrinhaylhe os progressos, & reparaylhe no fim. Ao principio foy huã pequena fonte; depois com alguns regatos, que lhe acresceraõ, chegou a ser corrente: logo com a mistura de outras correntes, & com a inundacõ das chuvas, cresceu à grandeza de Rio, que não cabendo já na mãe alaga os Campos; & ultimamente desangrado em varios braços, quebradas as forças, perde o ser, & o nome no mar em que se sepulta.

D. Bazil.
hexam. hom.
1.

D. Ioanẽ
Chryz. hom.
30. in 1. Co.
rinth.

46. Eys ali a vida, & as idades do homem. Na *Infancia*,
fon-

Fonte; na *Adolescencia*, Corrente; na *Iuventud*, Rio; na *Velhice*, tambem Rio; mas quebrado já das forças, até que na morte perde o ser; porque acha o fim. Na *Infancia*, fonte, mas de *Agoa* pura; porque ainda innocente, sehem com refabios da terra de que brôta; que he a injustiça original. Na *Adolescencia* já he *Agoa* com mistura de outras *Agoas*; porque ao mesmo passo que cresce com a idade, se diltrahê com as inclinações. Na *Mocidade*, rio, já impetuozo com a força dos affectos dezordenados; já turvo com a mistura dos erros do entendimento, & da vontade. Ultimamente na *Velhice*, perdidas já as forças, ou porque lhe cança o impeto; ou porque lhas divertiraõ por huã parte a sensualidade; & por outras mais vicios. Caminha em fim ao mar Merto, ou ao mar da morte: mar em que continuamente entrão tâtos rios, & nunca cresce: *Omnia flumina mirant in mare, & mare non redundat.* Mar que igualmente sôrve em sy os Rios da *Mocidade*, as Correntes da *Adolescencia*, & as Fontes da *Puericia*.

Ecclez. 1.
Vers. 7.

47 Tanta semelhança tem a natureza do homem com a *Agoa*, & não he de admirar, que tenha o homem com a *Agoa* semelhanças, se participou tambem della a natureza. Não creou Deos ao homem de terra tomente; senão de terra misturada com *Agoa*, ou de lodo, que isso quer dizer a pallavra do Texto *De limo terra.* E como pella prevaricação de nesso primeyro Páe, ficou a parte inferior do hóm em rebellada contra o Espirito; assy como em muitos predomina o Elemento da *Terra*; assy em outros prevalece o Elemento da *Agoa*; porque nelles avulta mais a semelhança que com ella tem: & como a *Agoa* de sua natureza he fluida, descubro nella alguãs propriedades, que a fazem como espelho, em que vejamos as circumstancias da nossa Vaidade: & reparo particularmente em trez. A primeyra he a inconstancia có que a *Agoa* conserva qualquer imagem; que se lhe imprima; porque como he fluida, com a mesma facilidade com que se lhe estampa huã imagem, com esta mesma se lhe perturba, &

Genes. 2.
Vers. 7.

con-

confunde. A segunda, que para a *Agoa* se viciar, & mudar a natureza, basta a qualidade do lugar por donde passa, porque perdendo logo a pureza natural, de que he dotada, se reveste das qualidades alheas, & se accomoda a naturezas diferentes. A terceyra, que sendo tão facil em perder a pureza, & qualidades proprias, he tão difficil de despir as alheas; como vemos na *Agoa* salgada, q̃ não podem adoçalla tantos, & tão caudalozos rios de *Agoa* doce, que continuamente se lhe misturão.

48 Sem chegarmos a ponderar nenhuma destas propriedades, já me parece, que tendes advertido todos, cada hum em sy, o como vos pareceys com este Elemento: porem a my não me satisfaz, que vos vejaes nelle a vós, & à vossa vaidade; he necessario dar vola a beber nesta *Agoa*. Moyzes poremendar a idolatria do Povo, queymoulhe o Idolo, & deu-lhe a beber as cinzas. *Arripiensque vitulum quem fecerant, quombussit, & contrivit usque ad pulverem, quẽ sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filijs Israel.* Oh! quem pudera darvos hoje a beber nestas *Agoas* as cinzas dos vossos idolos, que são as vossas vaidades. Começemos pela primeyra propriedade.

Exod. 32
V. 20.

S. I.

49 **N**A criação do homem, diz o Texto sagrado, que o fez Deus à sua imagem, & semelhãsa. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Deulhe huã alma, em cuja duração lhe estampou a imagem da Eternidade: nella, sendo huã, lhe avinculou trez potencias; representando em huã, & outras huã unidade trina: o ser que lhe deu foy espiritual, asemelhando nelle a sua incorruptibilidade: a inclinação para a verdade lhe pos no *Entendimento*, na *Verdade* a propensão para o bom, na *Memoria*, quasi lhe pos huã simbolo da Immensidade, sendo por virtude desta potencia presentes ao homem os mais antecipados seculos, es mais remo-

Genes. 1.
Vers. 26.

remotos lugares , & ainda os mais dilatados futuros (como adiante veremos) atè a estatura foy levantada para o Ceo, te-
presentandolhe nella a sua origem ; & a mesma figura foy
de Cruz em prognostico da sua redempção. Deulhe poder ,
deulhe sabedoria, & tudo aperfeyço-ou com a graça.

50 Não sey Senhor, para que vos empenhays em estam-
par imagem tão perfeitay em materia tão inconstante: vede
que essa materia leva muita mistura de *Agoa*: ou lhe muday
a natureza, ou esperay que se disforme facilmente a perfeitay
fação da imagem. Assy foy, porque logo no primeyro homem
começou a perderse a imagem de Deos; a incorruptibilidade
do Espirito ficou logeyta, & opprimida da corruptibilidade
dò corpo. A propensão para o bem ; encontrada do *fomes*
peccati para o mal. A inclinação para a verdade enganada
da mentira da serpente. A memoria esquecida do precey-
to, que pouco antes se lhe havia posto. O poder tão limi-
tado ; que atè as espinhas, & abrólhos ; brotavão só para
magoallo. A Estatura abatida, & inclinada para a terra , a
cuja cultura trabalhoza foy condemnado. E ultimamente a
graça, & a justiça original perdida: & da luz mudado às tré-
vas, do saber à ignorancia; do senhorio à logeyção. Como
se mudou, & se destez imagem esculpida, & estampada cõ
tanto cuidado? *Faciamus*. He que a indiferença do nosso
alvedrio he fluido, inconstante, & indifferente para muitas
formas; como a *Agoa*. E se o foy em Adam, em quem o es-
pirito dominava o corpereo; como o não será em nós, em
quem por herança o material arrastra ao espirito.

51 Mas se preguntardes, quem foy o Artifice; que ma-
dou com tanta facilidade esta imagem, achareys que foy a
vaidade. Enganou o Diabo a Adam, dizendolhe que igua-
laria a Deos, & que lhe seria semelhante na sabedoria. *Erutis*
sicut Dij scientes. E enganou a Adam do mesmo modo, que
se havia enganado assy. Desvanecusse aquelle Anjo, & fen-
do tanto mais semelhante a Deos, quanto era de natureza

mas

mais perfeyta: affectou outra semelhança mayor: *Similis* Isaiz 14. Vers. 14.
ero Altissimo. E perdeu de forte a semelhança; que ficou re-
 duzido a Demonio: *Veruntamen ad infernum detraheris.* Ibid. V. 15.
 nha huá imagem; appeteceu desvanecido outra: ficou com
 outra bem differente; & assy como a elle lhe succedeu, assy
 enganou ao homem. Vio que fora feyto imagem, semelhan-
 te. *Ad imaginem.* Tentou-o da vaidade a querer ser mais se-
 melhante. *Erius sicut Dij;* & fez que perdesse huá, & outra
 semelhança. Porem no Anjo foy irremidiavel o erro, pella
 fidalguia do feu espirito; em Adam foy desculpavel pella
 inconstancia da materia; em nós pella herança do delicto.
 Mas que seão os homens herdeyros da desgraça, & não do
 escarmento! Que nos reforme a mesma *Agoa* a semelhança
 no Bautismo, & que a tornemos a afeiar com as offensas!
 Que tornem estas a emmendar-se na Penitência, & que nos
 façao deformes na reincidencia! He que somos *Agoa* sem-
 pre fluida, sempre inconstante: capaz de receber huá ima-
 gem perfeyta; & mais capaz de a perder. Isto que outra cou-
 za he senão vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.* Ecclez. 1. Vers. 2.
 Por que se o ser do homem consistio na semelhança com Deos:
 quanto mais semelhantes somos, mais temos de ser; & por
 consequencia, tanto perdemos de ser, quanto nos afastamos
 da semelhança. Aquillo que distamos da imagem, que fo-
 mos; illo nos poem entre os riscos de não ser, & do nada a
 que nos reduzimos. E passar hum homem voluntariamente
 do ser ao não ser, & ao nada, he vaidade summa: *Verunta-
 men uniuersa vanitas omnis homo uiuens.*

52 Daqui infiro eu a razão de huás pallavras de David.
 Diz elle no Psalmo 50. arrependido do seu peccado. *Cor mundum crea in me Deus.* Psal. 50. Vers. 12.
 Senhor criay em my hum cra-
 ção novo. Todos sa em que a criação, & a geração se di-
 stinguem em que a criação se faz de nada; & a geração se
 faz su pondo materia. Gerasse a planta da terra: gerasse o
 homem do sangue, mas criou a alma de nada: diga pois

C

Da.

David à Deos que o purifique, que o lave, que o enaende, como tem dito no mesmo Psalmo; podem dizer q' lhe erie o coração, que propriedade he de fallar? Oh! Que David suppunha o peccado, & o peccado faz perder a semelhança, & imagem que temos de Deos; pois como aquella imagem he todo o nosso ser, tanto que David o perdeu; ficou reduzido a nada: *Tamquam nihilum ante te.* E pedir o Propheta a Deos, que lhe reforme esta imagem: *Redde mihi letitiam salutaris tui:* he pedirhe que tirando o do nada em q' estava, lhe de novo ser. *Et spiritu principali confirma me.* E isto he crear: *Cor mundum crea.* E assy como restituise ao ser da graça, he huã, como criação de novo; assy oêder a semelhança pello peccado, he reduzirse a nada: *Tamquam nihilum ante te.*

Psal. 38. V. 6.

53 Por isso destes homês vaôs, que se reduzirão a nada pello peccado, dizia o mesmo David a Deos. Senhor assy como se desvanee a imagem vã de hum fôho, quando acordamos; assy reduzireys a nada as imagens destes homês vaôs. *Velut fontium argenti Domine, in oriente tua imaginem eorum ad nihilum rediges.* Como assy? Deos ha de aniquilar os impios, & os mundanos? Melhor fora isso, do que o condemnaremse. E que os aniquilasse a elles, bem está; mas que mysterio tem o dizer, que lhes reduzirà a nada as suas imagens? Caya o castigo em quem teve o vicio: quem no mundo foy vaô; ao depois seja nada: podem a sua imagem hea que ha de ser castigada? Ha de executar se o supplicio como em estatua? *Imaginem eorum ad nihilum rediges.* Que imagens são estas? Estas imagens são os mesmos homens vaôs; & como a vaidade lhes riscou; & escureceu o ser, que tinham de semelhantes a Deos (que isso era o que tinham de homens) ficarão t' o sem ser; tão reduzidos a nada, que já de homês não têm mais que a semelhança. *Imaginem eorum.* E até essa semelhança diz David, que não de perder: *Ad nihilum rediges.* Porque assy como pello peccado se

Psalm. 72. Vers. 20.

apar-

apartão do ser de homês; perdendo a imagem de Deos; ally pella condemnação até a semelhança de homês ficará perdida. *Ad nihilum rediges.* Ficando somente semelhantes a Demonios. *Quia in civitate sua terrena* (diz a Interlinial) *imaginem Dei ad nihilum redigere.* Como se aniquiláraõ ally; desfazendo o que tinhão de imagem de Deos, que lhes dava o ser; ficoulhes somente a representação do que forão; & até essa havião de perder. *Imaginem eorum ad nihilum rediges.*

Gloza hic.

54. Neste mesmo Texto, que tomey para assumpto destas Tardes; parece que repete David este mysterio; porque depois que o Propheta disse que o homem era toda a vaidade: *Universa vanitas animis homo vivens*: acrescenta que a vida do homem passa como imagem: *Veruntamen in imagine pertransit homo.* He verdade que está à mão o reparo; mas he occulto o mysterio. Sea vida do homem he huá duração tranzitoria, & limitada; se o ser do homem he de imagem, que encarecimento he da vaidade dizer David, que o homem passa como imagem? *In imagine pertransit homo.* O mysterio está em que o Texto quer dizer, que o homem passa como imagem de sy mesmo. Da imagem ao exemplar vay esta differença; que o exemplar tem ser na realidade; & a imagem, em quanto tal, so tem ser na representação. Sendo pois o ser do homem (como tenho ditto) huá viva imagem de Deos; porque nelle vivemos, obramos, & sentimos: *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus.* E perdendo nós esta imagem; porque nem vivemos com Deos; nem obramos cõ Deos; nem sentimos com Deos: claro está que perdemos o ser; pois perdemos o ser imagem. E se os homês apartandosse de Deos perdem o ser; que he isto que nós vemos com os homês? Sabeys o que he? Huá representaçõ de homês; huás estatuas sem ser. *In imagine pertransit homo.* Demãneyra, que porque os homens com as tuas culpas, perdem o ser imagens de Deos, lhes não fica de homês mais que a se-

Agor. 17.
V. 28.

melhança. *In imagine pertransit homo.*

Gen. 4. v. 22.
29. & 30.

Marc. 8.
Vers. 24.

55. Mas ainda isto he menos dano : quantos até na representação são brutos ? Digao Nabucodonozor, comendofono : *Fenum ut bos comedes*. Ainda isto não he tudo ; porque ainda os homens chegam a ser (deyxamo explicar asly) mais nada. Quantos perdem até a sentir dos brutos, & parece que ficão como plantas ! Preguntou Christo àquelle Cego de que trata S. Marcos no Capitulo 8. se via alguma couza, depois da primeyra cura que lhe fes. *Expuens in oculos ejus & interrogavit eum siquid videret*. Respondeu o Cego. *Video homines velut arbores ambulantes*. Vejo homens andando como arvores. Notavel couza ? Se erão homens os que via ; como erão arvores ? Via homens : *Video homines* ; & a imagem, & representação era de plantas ? *Velut arbores* ? Sy, porque quando Deos nos cura a cegueyra ; quando nos dá vista, para conhecer nossas deformidades, estranhamos tâto a desse melhança do nosso ser ; que até a representação não he de homens, nem de sensetivos, senão de plantas : *Velut arbores*. Isto verdadeyramente não só he vaidade ; mas vaidade de vaidades : *Vanitas vanitatum*. Porque se a vaidade he nada, a vaidade das vaidades, parece que he o nada desse nada ; & a este nada se reduz o homem pello peccado ; porque pello peccado, perdendo a semelhança de Deos, fica reduzido a hum nada, a huá semelhança de homem : *In imagine pertransit homo*. E até esse nada perdem, pois até a semelhança tem de brutos. *Fenum ut bos comedes*. E ainda de insensetivos, como arvores : *Velut arbores ambulantes*.

§ II.

56. **P**orem : oh desgraça da nossa natureza ! Que sendo tão facil, tão inconstante, & ligeyra para perder o bem, que se lhe imprime ; he tão resistente, & obstinada para se lhe tornar a reimprimir. Para perder a imagem he *Agoa* para

para se lhe tornar a estampar he bronze. Branda para receber semelhanças deformes: dura para se lhe esculpir imagem tão natural. Ainda disse pouco em dizer que eramos bronze; porque para o bronze basta hum buril. Temos a dureza de hum diamante, & ainda o excedemos; porque ao diamante o sangue de hum cordeyro o abranda; & a nós, queyta Deos, que nos não endureça mais o sangue do Cordeyro immaculado. Pois nenhũa couza quer Deos de nós tanto, como a brandura do coração: nenhũa couza o exaspera tanto, como a dureza da vontade.

57 Huã das finezas, que nos Cantares aconselha o Espozo a sua querida Espoza, he que o ponha como Sinete sobre o coração. *Pone me ut signaculum supra cor tuum.* Não lhe pede que lhe de o coração; nem que o traga dentro no coração; senão que o ponha como sinete sobre o coração; porque o sinete, que se poem sobre alguã couza, he para lhe imprimir a imagem, que tem em sy. E foy o mesmo que dizer o Espozo: fazey conta Espoza querida; que sou hum sinete; & a imagem, que tenho, imprimasse no vosso coração. E reparo eu muito naquella pallavra: *Pone.* Ponde; que denota huã applicação facil sem violencia; porque quer Deos a huã alma tão branda; tão facil de amoldar; que só cõ huã leve applicação; *Pone;* se lhe estampe esta imagem. Assy o explica S. Anselmo, comentando este lugar. *Dicitur in eo signaculi effectum, quo sui imprimit characterem, & in ejusdem acceptatione pro imagine, & caractere ipso impresso; ac si dicat, tene imaginem meam, ut exhibeas te mihi similem.*

58 Em outro lugar querendo Deos quebrar o impeto da sua ira em castigos contra o povo, disse a Moyfes, que o deyxasse, que queria, que o seu furor de huã vez acabasse cõ os Hebreos. *Dimittite me, ut irascatur furor meus contra eos.* Senhor que causa tendes para resolução tão irada? Vós não conheceis este povo, não lhe sabeys o genio? Sem embargo disto não o tendes livrado por meyo de prodigios tão grandes?

Exod. 32.
V. 9.

des? Pois para que quereys que acabe com estes homens a grandeza de vossos benefícios? .Deyxayme Moyses, diz Deos, que este povo he duro de coração. *Cernio quod populus iste dur. & cervicis sit.* Sy: mas para Deos, para a sua forteza ha dureza, que lhe rezista? *Fortis robore, quis restitit ei?* Disse Job, Sy ha quem lhe rezista; que he o coração; que se obstina; & como Deos quer de nós a fineza, que tenho ponderado, aquella fineza he a razaõ desta queyxa. Quer que o coração seja tão brando, que estampe em sy facilmente a sua imagem; & o povo Israelita era tão duro, que fabricou novas imagens para idolatrar. Não bastarão os prodigios; nem forão bastantes os benefícios, para lhe imprimir no coração a Ley, que lhe esculpia nas táboas. Para isto duros; & obstinados; para se transformarem, por meyo da idolatria, em outras imagens muito brandos; para haã couza bronze, para outra *Agoa*: sendo que a bondade infinita de Deos fez a sua imagem de modo, que nem a dureza do bronze; nem o fluido da *Agoa* lhe impedissem tão divina estampa.

59 Diz David que a imagem com que Deos nos affinalou, foy a luz de seu Eterno resplendor: *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine.* Entre a imagem da luz, & as outras imagens ha esta differença; que as outras imagens; nem se imprimem no muito solido; nem permanecem no muito liquido; porem a imagem da luz; tanto avulta na dureza de hum bronze; como na inconstancia da *Agoa*. A dureza do bronze faz os reflexos mais vivos; a inconstancia da *Agoa* não faz a luz menos permanente. Por mais que a *Agoa* correndo fuja; dura nella permanente a imagem da luz; por mais que o bronze duro rezista, reverbera nelle mais claro o resplendor do Sol. E que não possa o homem conservar por vontade imagem tão accommodada a sua natureza; & que perca com tanta facilidade semelhança tão perfeyta, he toda a vaidade do homem. *Unversa vanitas omnis homo vivens.*

S. III.

60 **A** Segunda propriedade, que eu cõsiderava na *Agoa*, he que se altera facilmente, & muda as qualidades naturaes. Creou Deos a *Agoa*, & como a hum dos Elementos lhe deu aquella pureza; que por natureza se lhe deve a qualquêr delles; que essa he a differença, que ha entre os Elementos, & os Mixtos; que os Mixtos admittem em sy variedade de partes dos mesmos Elementos, que os compoem; porem os Elementos, são simples, uniformes, puros, & como lhe chamão os Filozofos Omógenos. Assy creou Deos a *Agoa*, pura, transparente, & clara; ou porque havia ser throno do Espirito Santo: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*; Gen. I. V. 21 ou porque nos retratasse, como espelho, a fermozura do Ceo, para que o vissem ainda aquelles, que menos olhão para elle.

61 Comtudo em nenhum elemento vemos hoje tanta variedade como na *Agoa*. Em huã parte a vereys clara; em outra turva; em huã salutifera, em outra venenozza; em huã quente, em outra fria; & em fim são tantas as variedades, que tem; que quazi não cabem em numero. Se preguntardes a cauza aos Filozofos: respondervoshão; que a cauza he pela communicação que a *Agoa* têm com a terra, adonde nasce, adonde se cria, por onde passa, & que da variedade das terras, & lugares, lhe vem a differença de qualidades, que tem.

62 Não vi eu circumstancia em que mais se simbolizem os homens com a *Agoa*; nem que tanto represente a vaidade de muitos homens. Creou Deos a alma do homem, hum espirito puro, assento muito proprio do Divino Espirito: *Inspiravit in faciem ejus, inspiraculum vite*; Gen. 2. V. 7 Espelho em que se retrata a Divindade. *Ad imaginem*. Lareno feu querer, inclinado para o bem, revestido com a pureza da graça no Baptismo. Que vaidade he a dos homêes, que tão facilmente mudão o ser, & as qualidades de tão perfeyto espirito? Sa-

beys qual he a cauza? Muitas são ; porem huã he muito principal. São os lugares, as terras com quem a *Agoa* se comunica. Quero dizer: são as peçoas com quem tendes comunicação ; & as companhias em que vos creays.

Pfal. 45. V. 5.

63 Daqui vem, que huns são *Agoa* pura na paz interior, outros *Agoa* turva na inquietação dos que os divertem. Huns são *Agoa* ládria daquelle rio de quem disse David. *Fluminis impetus latificat civitatem Dei.* Outros *Agoa* mortifera, que beberão o veneno nas conversações depravadas. Donde vereys que muitas vezes nascem duas fontes juntas ; porem de natureza muito diferentes, huã quente, outra fria, huã ládria, outra venenôza. Dous Irmãos, hum Abel ardente no affecto com que sacrifica ; outro Cain fríio na vontade com que oferece a Deos o peyor dos fruttos. Hum Iacob amado : *Iacob dilexit* : outro Izau aborrecido : *Izau autem odio habuit.* E provera a Deos, que não houvera homês, que tem outra propriedade de *Agoa* ; que purificando aos outros, se turva assy mesma. Do numero destes me não izento eu. Provera a Deos (torno a dizer) que nós os Pregadores, & os Confessores, sendo *Agoa* para lavar aos outros ; não ficassemos como *Agoa* impura, por isso mesmo que lava.

Ad Rom. 9.
Vers. 13.

§. IV.

2 Macab. r.
Vers. 10.

Esd. 7. 20.

64 **Q** Vereys saber quanto o lugar muda a natureza das couzas? Ora ouvi. Quando o povo de Israel houve de hir servir miseravelmente naquelle grande, & dilatado cativeyro : determinou (ao menos) rezervar o fogo dos Sacrificios ; & diz o Texto, que o esconderão em hum poço profundo. *Acceptum ignem de altari occultè absconderunt in valle ubi erat puteus altus, & siccus, & in eo cõtitati sunt eum.* O successo foy, que voltando o povo, & buscando aquelle fogo, que tinham escondido no poço, o acharão convertido em *Agoa* grõssa. *Non invenerunt ignem, sed aquam crassam.*

crassam. Notavel cazo! O fogo he quente, & secco, a *Agoa* fria, & humida: o fogo he em extremo delgado, & voraz, que necessita, para sustentarse, de continuo alimento: a *Agoa* he grôssa, & muito mais o foy a em que se converteu este fogo: *Aquam crassam*. O fogo tem por esphera a região que vizinha com o Ceo; a *Agoa* tem por lugar a superficie, & cavernas da terra: pois entre naturezas tão oppostas, transformação tão facil! Que a *Agoa* apague o fogo, he opposição natural; mas que o fogo se converta em *Agoa* he metamorphosis prodigioza. Na mesma duvida tendes a resposta. O lugar do fogo he a região superior; o da *Agoa* são as entra-nhas da terra: pois por mais oppostos que sejaõ estes dois Elementos; posto o fogo no lugar da *Agoa*; que he o poço; há de poder mais o lugar onde está, & onde habita, para o converter em *Agoa*, que a propria natureza para o conservar fogo. Escondelle o fogo no poço: pois ha de converterse em *Agoa*, & *Agoa* grôssa; como de ordinario, he a dos pões. *Non invenerunt ignem; sed aquam crassam*. Não ha que fir da bondade da nossa natureza, nem do antigo dos nossos costumes, para não recearmos de perdellos, se andarmos pelos caminhos onde elles costumão perderse. Havemos de mudar a natureza, como a *Agoa*; & havemos de mudalla, ainda que sejamos fogo: & queyra Deos que nos mudemos, como se mudou o fogo. O fogo metido no poço, converteuse em *Agoa*; porem essa *Agoa*, tanto que a puzeraõ no lugar do sacrificio, tornou a ser fogo. *Accensus est ignis magnus*, Ibid. V. 22) *ita ut omnes mirarentur*.

65. Oh! quantas vezes succede, que o nosso fogo se torna em *Agoa*, metido nos pões dos vicios: a nossa charidade, fóra da companhia dos bons, estria; porem restituída ao lugar do Sacrificio, não torna áquelle. No poço somos *Agoa*, & deyxamos de ser fogo: no Sacrificio não tornamos a ser fogo, & ficamos *Agoa*.

66 **V**istes como se mudão os Elementos, conforme os lugares? Pois o mesmo succede nas outras couzas. Quando Caim matou a seu Irmão Abel: diz o Texto, que a vós do fangue de Abel clamava da terra por vingança; *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* Que clame o fangue de Abel morto, contra o delicto; quando se não queyxa Abel vivo, contra o odio! Que sofra Abel, em quanto vive, & em quanto sente a má vontade de seu Irmão; sem dar queyxa; & que o fangue mudo, insensivel, morto, esse seja o que se queyxa; o que dá vozes: *Vox sanguinis*; & vozes que são clamores: *Clamat*; & clamores que chegaram desde a terra até o Ceo: *Clamat ad me de terra*? He cazo digno de reparo. Abel, pelo que era, mostrava ser manso, pacifico, & soffredor; Abel, pelo que representava, era figura de Christo: cujo fangue clama ao Ceo pello remedio dos que o derramaraõ. E pois como se compadefse tanta mansidão com huã sede tão grande de vingança; que chegavaõ da terra ao Ceo os clamores? Por isso mesmo chega o clamor ao Ceo; porque clama o fangue da terra: *Clamat ad me de terra*. O fangue de Abel em Abel; a mesma mansidão, o mesmo soffrimento: o fangue de Abel na terra, já se reveste da natureza da mesma terra: *Clamat ad me de terra*. Isto que passou na figura, se vio tambem no figurado. O mesmo fangue de Christo, que na terra dos Justos foy redempção; & misericordia; na terra dos impios mudou a natureza; & trocou as qualidades: Revestioffe de justiça; de indignação; de juizo; & de condemnação. *Super vos ipsas flete. Iudicium sibi manducat, & bibit. Sanguis ejus super nos.*

67 Isto mesmo passa nos homés: mudão as naturezas com os lugares; com as terras (isto he com as companhias) tão facilmente como *Agoa*; para que tenhaes entendido, que

a pu.

Luc. 23. V.
28.
I. Ad Cor.
11. V. 29.
Marth. 27.
Vers. 159

a pureza da vossa alma, da vossa consciencia, & da graça, depende muito do commercio alheyo, & dos lugares por onde andays. Chamou David bemaventurado ao homem, que não andou nos caminhos dos peccados. *Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum, & in via peccatorum non stetit.* Psál. I. V. 2. Se dislera David, que era bemaventurado o que não era peccador; bem estava; mas que he bemaventurado o que não anda no caminho dos peccadores; ou o que não está nesse caminho: *In via peccatorum non stetit*: que mysterio tem? Grande: Vay muito no lugar em que affitziz; & no caminho por onde andays; para se saber o que fois. Se quereys ser bom, fugi do caminho dos mãos; porque se não fugirdes, ainda que sejaes bom, haveys de mudar a natureza com o lugar. O menos he isto. Peyor he mudar ao lugar a natureza. Affy fomos muitos: no lugar mão, mudamos, deyxãdo de ser bons; & no lugar bom mudamos he a natureza, & fazemolo mão: tomamos do mal, o mal; & tiramos ao bom o bem.

68 Hum homem bom se se mete em companhia dos mãos; se anda por caminhos roins; muda, como *Agua*, a natureza: o mão que anda pellos bons caminhos; que vay à Igreja; que ouve o Sermão; que reza pellas contas; que se confessa; quantas vezes muda a natureza do lugar; havendo de mudar a sua. A Igreja, que he para orar, mudasse em casa de gallanteyo: o Sermão, que he para doutrina, trocasse em objecto de murmuração; as contas são entretenimento dos dedos, apresto necessario entre os enfeytes; a Confissão queyra Deos não seja sacrilegio. Isto he *Vanitas vanitatum*: Ezech. 1. Ver. 2. Vaidade das vaidades; porque mudar se hum homem para o mal no lugar mão; vaidade he, pois se perde a pureza da alma: porem trocar se em mal o lugar; & accoens boas, he vaidade não vã; que parece duvida o mesmo Deos como isto pôde ser. Notay.

69 Quando Adam peccou no Paraizo, quebrando o pre-

preceyto, que Deos lhe pos; vindo o mesmo Senhor findicar deste peccado; começou a perguntar, & a inquirir por Gen. 3. V. 9. Adam onde estava. *Adam ubi es?* Senhor. Vos não sabeys muyto bem que Adam está escondido no Paraizo? *Abscondit se Adam in medio ligni paradisi?* He certo; porque para vós, não ha couza occulta; pois se sabeys que Adam está no Paraizo escondido, como preguntays onde está? *Adam ubi es?* Não estranha, nem ignora Deos onde está Adam, estranha sy aonde peccou. Havia Deos creado a Adam no Campo Damasceno; & depois transplantou aquella nova planta ao Paraizo: ne qual (como em Palacio) habitava Adam entre innumeraveys beneficios de Deos. Se Adam peccara fóra do Paraizo, não era tanto de admirar, mas peccar Adam no Paraizo; em hum lugar aonde Deos o levou; & quazi mais à vista do mesmo Deos; isto he o que lhe estranha; isto he o que pergunta. *Adam ubi es?* Lembra-lhe o lugar, para lhe fazer mais atroz o delicto.

70 Porem Adam se profanou o Paraizo; escondeusse. *Abscondit se Adam.* Nós profanamos o Téplo, & quãto mais em publico; tanto mais capricho fazemos do dezaforo (não tem outro nome). Esta mesma pergunta repetira eu agora a my, & a muitos. Tu Pregador: posto no Téplo, entre auditório Catholico, em tempo tão sagrado: *Ubi es?* Adverte o lugar em que estás; & lembra-te que deves nelle ensinar a Doutrina, & não profanar o lugar com graças. Tu Christão, que ouves ao Pregador, & talvez o não ouves; & sómente o ouves para o murmurar. *Ubi es?* O lugar da murmuração não he em nenhuã parte; mas na Igreja menos. Tu Herege, que vives entre Catholicos, & veins coriozamente à Igreja a ouvir o que não aprendes. *Ubi es?* Se mão (já que o queres fer) erra, perdete-no caminho da maldade, do erro, & da perdição: se, o que quizeres no Campo Damasceno; mas no Paraizo? *Ubi es?* Onde estás? Iustamente pos Deos hum Cherubim à porta do Paraizo com huã espada de fogo, para fa-

Fazer defeza a entrada. Já que o Paraizo não muda a Adam, não profane Adam o Paraizo.

7^E A Igreja de Deos he o seu Paraizo, & com grande propriedade (disse hum Douro engenhosamente). Porque he circunvalada com os impenatraveys muros da Soldadesca Celeste, que lhe faõ defenfa aos infernaes affaltos; adornada de admiraveys, & frondozas plantas, quaes faõ os melancolicos *Cyprestes* dos *Patriarchas*; os umbrozos *Plátanos* dos *Prophetas*; os áltos *Cedros* dos *Apostolos*; as victoriozas *Palmas* dos *Martyres*; os odoríferos *Cinamemos* dos *Pontífices*; as verdes *Oliveyras* dos *Confessores*; os prezados *Balsamos* das *Virgens*; as amargas *Myrrhas* dos *Conjugados*: Neite Paraizo se deyxá ver hum vistozó *Prádo*, pella variedade de tantas flores, singularmente aprazível; porque ali se deviza a encarnada *Rosa*, entre *Martyres*, primeyro *Abel*; a candida *Açucena*, pella *Angelica* pureza, *Enoc*; o amarello *Goyvo*, pella sábia *Inoscencia*, *Abram*; o prateado *Ischim*, pello desprezo dos lascivos deleytes, *Joseph*; o dourado *Girafal*; o creado entre ouro, *Moyfés*; o azulado *Iacinto*, pellos Celestes favores; *David*; o flamante *Cravo*, pello ardente zelo, *Elias*; o habido *Narcizo*, o dolorozo, mas paciente, *Iob*; a pallida *Violeta*, o afflicto, mas consolado, *Tobias*. E para mayor recreação da alma, & deleyte dos sentidos, afermozeado no meyo de huã abundante *Fonte* de crystalina *Agoa*; não rica; nem vistozá pella arteficioza composição dos *Marmores*; & disposição da *Arquitectura*, mas porque nasce da viva pedra, *Christo Iesus*; dandonos em suas Divinas correntes mães de graça. Vede se há femelhança mais propria; nem mais natural entre a Igreja de Deos, & o Paraizo. A *Espada* de fogo com que o *Cberubim* defendia a entrada, faõ os *Pregadores*; *Adam* peccando, fomos nós. Já que no lugar bom não tomamos o bem; ao menos não lhe comunicemos o mal. Se havemos de ser máos, seja fóra do Paraizo, não seja dentro na Igreja: se nos inficionamos a nós, como *Agoa*; não inficionemos

Teatro delle
Descrizzio-
ni sacre Mo-
rali, e Aca-
demiche, del
P. Dó Alef-
sandro Cò-
sedenti. fol.
97.

Fluvius egre
diebatur de
loco volu-
pratis ad ir-
rigandum
paradisum.
Gen. xV. 10.

nemos aos outros com a comunicação illicita ; porque será essa a nossa mayor vaidade. *Univerſa vanitas omnis homo vivens.*

§. VI

72 **A** Terſeyra propriedade, que entre muitas, ſe pôde conſiderar na *Agoa*, pertence propriaméte ao *Mar*. Reparou Salamão, que entrando continuamente tantos, & tão caudalozos rios no mar, de tal modo ſe ſubmergião entre as ſuas ondas, que nenhuã couza avultava a ſua enchente. *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat.* E em reparo que não ſo não avulta mais a grandeza do mar com a enchente dos rios, por muitos ; mas que não perde couza alguã da ſua ſalgada natureza com a enchente deſſes rios, por doces : ſe grande era, grande fica ; ſe era ſalgado ; nada ſe adôça.

Ecclez. 1.
Verſ. 7.

73 Grande ſemelhança com a natureza dos homens, & mayor com a natureza dos peccadores. He a vida de hum peccador mar ſalgado ; ſempre empollado em ondas da *ambição* ; ſempre furiozo em eſcumas da *laſcivia*, ſempre tempeſtuozo em rancos da *ſerberba* ; ſempre alterado na inquietação da *cobiça* ; ſempre collerico nos movimentos da *ira* ; ſempre corrente para os precipicios da *vontade* ; ſempre infamado com a incerteza dos naufragios ; nunca eſcarmetado com a frequencia dos perigos : as prayas que o cercão, & aonde quebra furiozamente o impeto das ſuas ondas, ſão as portas da perdição.

74 Neste mar entraõ continuamente impetuoſos rios, já dos auxilios, já das inſpiraçoens, já dos conſelhos do *Cóſellor* ; já das advertencias dos *Pregadores* ; & que frequentemente ſuccede, que nem o mar ſalgado ſe adôça, nem com a enchente dos rios redundat. *Et mare non redundat.* A graça de Deos a rios, & as ondas dos peccados a mares : a corrente dos auxilios permanece, & mais permanece a turbação das ondas.

das. Mas Salamaõ que fez o reparo; deu tambem a resposta. Não cresce o mar com os rios, que lhe entraõ; porque desse mesmo mar, nascem esses rios. *Ad locum enim unde exeunt flumina revertuntur.* Eu digo; que não avultaõ no mar dos peccados os rios da graça; porque não entraõ nelle, & se entraõ logo sahem. Rios chamou David, na expozição de Vigo Cardeal, aos Pregadores; que com a corrente das suas vozes, repetidamente rompem por entre as ondas dos nossos peccados. *Elevaverunt flumina Domine, elevaverunt flumina vocem suam.* Se as vozes não entraõ, claro está, que não entraõ os rios; & não entraõ as vozes; porque vós não queceys ouvilas. Notay.

Psal. 92. V. 3.

75 Quando o povo de Israel esperava, que Moyzès lhe trouxesse a Ley do monte: houve no circuito desse monte grandes estrondos, & demonstraçoens, que davaõ final da grandeza do mysterio, que nelle se tratava: *Ceperunt audiri tonitrua, ac micare fulgura, & nubes densissima operire montem.* Tudo isto vio o povo, & tudo admirou por grande, & por dezuzado. *Timuit populus, qui erat in castris.* E he couza notavel ver a facilidade com que idolatrou logo aquelle povo. Pregunto. Estes homẽs não tinhaõ visto em tão raro prodigio, hum quazi penhor, & certeza de que Moyzes tratava com Deos; & lhes havia trazer (como em effeyto trouxe) a verdadeyra Ley? He certo. *Deditque Dominus Moysi in monte Sinai duas tabulas testimonij.* Pois como se apreslaõ com tanta facilidade a buscar idolos, a quem tributem a sua adoraçãõ? *Fac nobis Deos, qui nos precedant.* Das pallavras do Texto collijo a resposta. Diz o Texto; que todo o povo via aquellas vozes, & estrondos, que havia no monte; *Cunctus autem populus videbat voces, & lampadas, & sonitum buccinae, montemque fumantem.* Pois por isso as vozes não penetraõ o povo; nem fizeraõ impressãõ nelle; porque as vozes naturalmente entraõ pellos ouvidos, & ao povo entraraõ-lhe pellos olhos; não as ouviraõ; viraõ-nas. *Cunctus autem*

Exod. 16.
Verf. 16.Exod. 31.
Verf. 18.Exod. 20.
Verf. 18.

populus videbat voces. Se não ouviraõ as vozes; he certo que lhes não entraraõ; & se as vozes não entraõ; mal podem fazer effeyto.

76 Quantos ha que não vindes a ouvir o Sermaõ; mas a ver somente o Pregador? Por isso as vozes do Pregador vos não penetraõ; porque vòs não as ouviz: por esta cauza no mar dos vòstros peccados não cessa a vaidade da vossa idolatria; porque emfurdeceys às vozes dos Rios; por quem Vgo Cardeal entende os Pregadores: *Flumina sunt Doctores, & Predicadores, qui totum modum influunt.* Mudays os objectos, & as potencias: os Sacramentos, que se celebraõ à vossa vista; de tal maneyra os vedes; como se totalmente os ouvireis: as vozes dos Pregadores, que vòs atraião os ouvidos, de tal modo as ouviz, comò se somente vireis q' tem aõ articula. *Cunctus populus videbat voces.* Havendo de ser pelo contrario; porque haveys de abrir os ouvidos para as vozes, & fechar os olhos para o Pregador. Não haveys de reparar na peçoa, & menos nas a. ç. és: haveys de advertir na doutrina; porque o Pregador não he o que falla; a vòs he de Deos, & as pallavras de Deos ouvense, sem se reparar em quem as diz.

77 Aquellas pallavras, que denunciaraõ a sentença a Balthazar, viraõ se escritas, vio-se a maõ, que as dilinia a; mas não se vio de quem era essa maõ; & ainda a maõ diz o Propheta Daniel, que era maõ só na apparencia. *Quasi manus hominis scribentis.* Mas se no que parecia era maõ de homẽ; na realidade a maõ era de Deos; porque só della vem sentenças taõ diffinitivas. Assy he a bocca do Pregador, quando dà vozes. Haveys de reparar no que significaõ as vozes; & não em a bocca, que as articula; porque se a bocca parece de homem; na realidade quem nella falla he Deos: disse o Christo. *Non estis vos qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis.*

78 Porem eu estou vendo, que ao mesm tempo que

vos

Vgo Card. in
cap. 1. Eccl.
& in hunc
oc.

Dan. 5. V. 5.

Math. 10.
v. 20.

vos atroño as vozes, cresce em vós a surdêza. Parece que o significou David, quando fez tanta menção da repetição destas vozes. Diz que repetidamente levantarão os rios as vozes: *Elevaverunt flumina Domine, elevaverunt flumina vocem suam.* Ainda não basta, torna a repetir, que levantarão as suas ondas. *Elevaverunt flumina fluctus suos.* E que às estrondozas vozes destas Agoas; *A vocibus aquarum multarum*: forão admiraveys os estrondos, & o empollado das ondas do mar: *Mirabiles elationes maris*. Admiravel he a misericordia de Deos, admiraveis seus altos juizos: *Mirabilis in altis Dominus*, que com tão caudelozas enchentes, quer mudar a natureza a este nosso mar; porem eu não sey se diga, que he mais digno de admiração o empollado das ondas deste mar; *Mirabiles elationes maris*, que fazem desvanecer as vozes daquelles rios. *A vocibus aquarum multarum.*

79 Dos que habitão junto do Nilo (escrevem os Historiadores) que são surdos por cauza do estrondo das torrentes deste rio. Se isto succede a quem está junto ao rio; que acontecerá, a quem dentro de sy tem hum mar? Succede; que com o estrondo das ondas, não percebe as vozes dos rios, por isso os rios não entrão; porque as vozes não se ouvem; & quando se ouvem he de modo, que entrão, & sahem: entrão por hum ouvido, & sahem pello outro. O mar não cresce com os rios. *Et mare non redundat*; porque se por huã parte entra nelle; por outra sahem delle mesmo. *Ad locum enim unde exeunt flumina revertuntur.*

80 A quantos succede, que penetrados da vós do Pregador, applicão logo os ouvidos ao mão conselho, ao divertimento, à perfuzaão? E he o mesmo que fahirhes por hum ouvido a vós, que lhes havia entrado, por outro. Por isso S. João diz no seu Apocalypse huãs pallavras mysteriozas a este intento. *Qui habet aures audiendi, audiat.* Quem tem ouvidos de ouvir, ouça. Porque não só ha ouvidos, que não ouvem (como ategora ponderavamos); senão que he necessa-

D. rio,

rio, que quem ouve a pallavra de Deos, a ouça com ambos os ouvidos. Mas provera a Deos que o nosso mar fora como o mar do mundo.

81 Quando Deos na criação do mundo quiz dar destreito ao mar; diz a Escriptura sagrada, que congregou as *Agoas* em hum lugar; & que se descobrio a terra para produzir livremente os seus fruttos: *Congregentur aquae, quae sub Caelo sunt in locum unum, & appareat arida.* E que às *Agoas* poz preceyto não passassem dos seus limites. *Legem ponebat aquis ne transirent fines suos.* Provera a Deos (torneo a dizer) que fossemos nós affy. Mas o nosso marafaga as terras fecundas; tornandoas infructiferas. Não nos contentamos com a nossa vaidade, & com a nossa prevaricação; senão que a comunicamos a muitos, que de sy erão terra capaz de produzir fruttos de santidade. Não nos parece bastante termo o de peccarmos nós (já que estes são os nossos fins) senão que queremos, & fazemos com que pèquem os outros. Isto que outra couza he, senão passar o mar além dos seus fins? Pois nenhuá couza, me parece, que tem mais difficultozo o perdão, do que este genero de crime. Por isso David pedia com tanta instancia a Deos, que o livrasse dos peccados alheyos. *Ab alienis parce ser vo tuo.* Porque o peccado proprio tem a disculpa na fragilidade: o alheyo, de que vós fois a occasião; não pôde deyxar de ser sobra de malicia. Que o mar seja tempestuoso de fora dos seus limites, he natureza do mar; porem que intente innundar tambem as terras, he insolencia que passa as balizas da sua jurisdicção.

82 O mar não passa os seus fins; porque Deos lhe poz preceyto. *Legem ponebat aquis ne transirent fines suos.* E nós nenhum outro motivo temos para a transgressão dos preceytos; mais que os mesmos preceytos que Deos nos poem. De conheceu isto o Demonio, quando tentou a nossos primeyros Pais. Para fazer que cahissem naquelle peccado; lembrou-lhes

Genef. 1.
Verf. 9.

Proverb. 8.
Verf. 29.

Mat. 23. v. 14

doe o seu peccado. Senhor (diz David) compadesseyvos de my, conforme a grandeza de vossa Mizericordia. *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam.* Insta mais na petição. E segundo a multidão infinita de vossas Mizericordias, perdoayme. o meu peccado. *Et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.* Ainda aperta mais. Mais, Senhor , lavayme da minha maldade com a enchentẽ dos rios da vossã graça. *Amplius lava me ab iniquitate mea, & à peccato meo munda me.* Não sey se reparays em huã grande disparidade desta petição de David ; O Prophe- ta não faz menção mais que de hum só peccado, *Ab iniquitate mea, à peccato meo.* E contra este peccado invoca a Mize- ricordia Divina infinita, infinita no ser, o numero dos actos dessa mizericordia, tambem quazi infinito. Pois para hum peccado repete tanto as razões de Deos lhe perdoar ; & a multidão de suas Mizericordias ? Sy ; que ainda que era hó, era peccado ; & por tal era mão, & para hum acto de maldade de se desvanecer de todo, & perder a natureza de malicia : pa- ra se lavar o salgado, com que vicia huã alma ; he necessario as enchentes todas, & a doçura da Divina Mizericordia : pa- rece que se assy não fora, não podera adoçar-se o salgado de hum peccado ; nem lavar-se a alma delle ; sem crescer a mais, & mais as *Agoas* da Divina graça. *Amplius lava me ab iniquitate mea.*

§. VIII.

86 **T**Endes visto o que a vaidade humana simboaliza com a *Agoa*, que he o segundo Elemento de que se compoem o homem. Agora he necessario que tambem vos reformeys neste Elemento. No dia do juizo ; no fim do mundo, diz o grande Evangelista São Ioã, que se hão de re- formar os Ceos, & todos os Elementos. *Vidi Cælum novum, & terram novam ; primum enim Cælum, & prima terra abiit,*

Et mare jam non est. O dia do juizo de cada hum de nós he qualquer hora presente; porque em qualquer podemos entrar em juizo com Deos, & depois disso em todas devemos entrar em juizo commosco. Se no juizo universal se hão de renovar os Elementos do mundo: no juizo particular he bẽ que se reformem os Elementos de cada hum: *Reformamini.* He necessario reformar os vicios desta *Agoa* cõ outra *Agoa*: he justo dar entrada em nossos coraçõens aos rios da Divina graça, cuja fonte he o Paraizo: he conveniẽte adoçar o salgado de nossas ondas com as *Agoas* da *Penitencia*.

Ad Rom. 13
Vers. 2.

87. Fazer distincão entre as *Agoas*, que estão sobre os Ceos, & aquellas que ficaráõ sobre a terra: tendo entendido, que nas que estão sobre os Ceos se simbolizãõ os espiritos puros, que nelles habitãõ; & nas que ficaráõ sobre a terra, os abyssos com que se confunde. He preciso dar entrada à suavidade da voz de Deos: *Sonet vox tua in auribus meis;* & dar sahida ao amargozo das culpas pella fonte das lagrimas. E assy como do mar sahem os rios, mas não sahe o mar; em nós ha de ser pello contrario; porque ha de sair o mar, para que entrem os rios: entrem os rios dos auxilios, & faya o mal salgado nas lagrymas; que esse salgado que as lagrymas tem, o mar dos peccados he lho comunica. O mar he no coração; as ondas são as lagrymas; as prayas, onde quebrão a furia, são os olhos.

Cant. 2. V. 14

88 De dous peccadores (entre outros) lemos na Escritura que choraráõ: da Magdalena, & de Pedro. Das lagrymas de Pedro, diz São Matheus, que forão amargozas: *Flevit amare.* Das lagrymas da Magdalena, sendo tão perennes, não se explica esta circumstancia. A razão da differença he a meu ver; porque as lagrymas de Pedro forão lagrymas, que fez chorar o peccado da sua negação: as da Magdalena forão lagrimas, que nascerão da fonte do amor. *Dilexit multum.* E quanto as lagrymas do peccado tem de amargozas: *Flevit amare*: tanto tem de doces as lagrymas do amor.

Matth. 26
Vers. 75. 1

Luo. 7. V. 38

Cæpit rigare: dilexit multam. Mas se primeyro não fahirem huás; não pòdem ao depois brotar as outras. He necessario que fayaõ primeyro as lagrymas falgadas; para haverem de fahir as doçes; porque depois que o coração se purificou do amargozo do peccado; já a *Agoa* da Divina graça pòde entrar ao coração pellos ouvidos, & do coração tornar a fahir pellos olhos, sem o diffabor desse amargozo.

89 • Estas *Agoas*, por mais que cretção, nunca passaõ os seus fins; porque ainda quando são muitas, parece que estão no principio: *Cæpit rigare.* Estas *Agoas*, quanto mais inundão a terra da nossa humanidade, mais a fertilizão. *Qui seminant in lacrymis in exultatione metent.* E se he digno de reparo, que o mar com a enchente dos rios não cretça: *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat.* Mais digno de admiração he, que o nosso coração, por mais que vazê nesses rios; nunca diminue; porque quanto lugar lhe sobra na vazante das lagrymas, tanto se encha com o preamar da graça, em que fazemos segura a viagem para a glória. *Ad quam nos perducit: &c.*



juntos se faz a composição do homem; qualquer delles, que exceda com demazia, se arruina, & se desvanece, mas de nenhum tão comumente, como do excessô do *Ar*; porque ordinariamente os homêes mais vaõs são aereos: *Ocos*, que todos se desvanecem em vapor, & em fumos. Parece que ficou vinculada aos homêes esta desgraça, quando se lhe pôs a vida tão dependente da respiração. Entanto vive hum homem (diz Arigoteles) em quanto respira; & a respiração, que outra couza he, senão hum pouco de *Ar*, que continuamente bebemos? Se pois a vida do homem depêde tanto do *Ar*, que respira; que muito que por esta parte, mais que por outra qualquer, seja vaidadê aerea a vida de hum homem: *Universa vanitas omnis homo vivens.*

Iob 7. V. 7.

92 Porem não só tem a vida de hum homem tanta dependência do *Ar*; senão que he o mesmo *Ar*; & *Ar* inconstante, sempre movel, sempre vão. Affy o disse Iob, quando ponderou a vaidadê da vida humana: *Ventus est vita mea.* A minha vida he hum vento; & vento porque? Porque o vento não he mais que o *Ar* movido, & inquieto com os vapores, & fumos que se levantão da terra; & esta he a nossa vida: hum pouco de *Ar* continuamente movido, inconstante, & perturbado com os fumos da nossa vil, & miseravel terra. Ainda que nisto com differença; affy como tambem são os ventos muito differentes; porque ha hums, cuja vida he *Ar* de vento *Nordeste*, agudo, & futil, que penetra, & corta: esta he a vida de hum murmador, de cuja bocca o *Ar*, que sabe, & he articula as pallavras, fere, & penetra o mais intimo da alma. Outros são *Ar* de vento *Sudo*, que cresta as cebras, & não deyxá medrar os fruttos; & esta he a vida de hum escandalozo; vento abrazador das boas obras, & que só serve, como aquelle do Egypto, para produzir pragas, & vicios significados nos gafanhotos. A vida de outros he hum vento, a que chamais *Rodomonho*; que tudo confundem, revolvem, & andão perpetuamente em hum circulo cõ todos,

todos, & comfigo mefmos; fem quietação propria, & com inquietação alhea: dos quaes disse David, que erão impios: *In circuitu impij ambulant.* A vida de outros he hum pee de vento, que mal comêça, já acaba, & com tanta brevidade, q parece que não he, nem tem fer: *Fuiffem quafi non effem, de utero translatus ad tumulum.* Outros são *Ar* de vento *Sal*; nem muito quente, nem muito frio; tépidos; ou como vós dizeys, mórnos: a quem São Ioaõ aborreceu sempre: *Uti non calidus, aut frigidus effes, sed quia tepidus es, incipiam te evomere.* Outros finalmente são ventos destes, que em certo tempo estão focegados (chamãbhes os Filozofos Anniverfarios), & a certo tempo ventão. Muita quietação, muito focego, quando muito na Quaresma; porent nò mais tempo; torna o vento a soprar como de antes. Em fim que a vida do homem he *Ar* por natureza; depende delle para a conservação, & simbolizasse no *Ar* pella semelhança; & muito mais pella semelhança das vaidades. *Univerfa vanitas omnis homo vivens.* Esta semelhança tão grande (segundo a ordem dos outros Sermões) descobriremos em alguãs propriedades, q concorrem neste Elemento; que o ponderar todas excede os terms, & limite de hum breve discurso.

§. I.

93 **H**E o *Ar* hum Elemento por natureza facil, brando, & accommodado: perpetramente nos acompanha, para toda a parte nos segue; para nenhuã nos estórva; & a qualquer forma se accommoda, fem repugnancia. Se ha de levantar-se hum edificio, o *Ar* não impede a altura da fabrica; se ha de arruinar-se, tambem lhe não estórva o precipicio: se ha de remontar-se huã ave com os vo-os, o *Ar* a sustenta; se ha de abrir-se na terra huã caverna profunda; lá se acha tambem este invizivel Elemento. Sobre estas proposições; que são verdades naturaes, me parece; que esta natu-
ral-

ralmente fundada a semelhança da vaidade da *Adulação*.

94. Que genio tão facil tem a *Adulação*? A que formas se não accomoda? Que caminhos não facilita? Se seys grande; assy como o *Ay* nos lugares altos he mais livre, & mais futil; assy a *Adulação*, entre os grandes, tem mayor liberdade, & se introduz com mais subtileza: aos grãdes faz mayores; aos pequenos quer fazer grandes; a todos cerca, com todos, os genios se confirma, & quando nos faltaõ os adulaadores do mundo; nunca deyxá de cercarnos o adulator do inferno: *Circuit querens quem devoret*: vejamos todas estas circumstancias em dous lugares.

1. Pet. 5. V. 8.

95. Ponderemos duas *Adulaçoens* deste infernal Espirito. Huã feyta ao primeyro homem, Adam, outra feyta ao segundo Adam verdadeyro Deus, & hõmem. Na primeyra lizongeu ao primeyro homem, facilitandolhe a soberania da Divindade: na segunda tentou ao segundo Adam, querendo persuadillo ao dominio do mundo todo, que elle duvidava; & não sabia se Christo tinha: em huã, & outrã ocazião ha muitas circumstancias dignas de reparo. Duvída Rupertõ se a Serpente [de cuja forma se revestio o Diabo] estava verdadeyramente no Paraizo; porque sendo este hum lugar de deleytes, & suavidades, não parece verossimil q fosse habitaçõ de animal tão manhozo, & peçonhento. A Rupertõ lhe pareceu esta razãõ tão forçoza, que entende estava a Serpente fora do Paraizo. *Nunc autem cum ita dicat, sed et serpens erat callidior cunctis animantibus terrae, quae fecit Dominus Deus, & deinde subjungit, qui dixit ad mulierem, &c., libera nobis relinquitur facultas asserendi, quod non serpens, praesertim a diabolo corporaliter invadente possessus, in pari adesse fuerit.* Eu com licença do doutissimo Abbade, dislera, que se a Serpente era hum animal simulado; & se o espirito, que nella se introduzio, intentava per meyo da *lizonja* arruinar ao primeyro homem; não erã muito que penetra e hum lugar tão sagrado. Se Adam no Paraizo estava feyto Rey;

Rupert. relat. in Caten. Lippoman, in c. 3. Gen. pag. mihi 78. propè fin.

Do.

Domina tibi: tanto mais soberana era a sua Dignidade; quanto mais naturalmente o havia seguir ahy a *lizonja*. Nem he muito que pudesse entrar no Paraizo, a que teve ouzadia, para se chegar à arvore da vida; porque em outra tentação q̄ o Diabo fez a Christo; a ultima reposta que teve, foy dizer-lhe: *Vade retro*: Se Christo diz ao tentador, que se vâ, he argumento de que o tentador se chega: nem he necessario argumento: o mesmo Texto o diz: *Accedens tentator*: chegou se o tentador. E notay que a força daquella pallavra: *Accedens*: parece que significa chegar se mansamente. Como a tentação, para com Adam, era lizongeo com a Divindade: *Eritis sicut Dij*; & para com Christo, que lhe havia dar o dominio do mundo: *Hec omnia tibi dabo*. Tentação de *lizonja*, lá penetra dentro ao Paraizo: lá se quer chegar à mesma Arvore da vida: com brandura, sy; mas com sagacidade, & diffimulação: *Accedens*.

96 Esta he a natureza da *lizonja*; seguir em toda a parte a todos; principalmente aos grandes: & assy como o *Ar*, ainda quando o afastays de vós, elle se chega para vós; assy a *lizonja*, ainda quando a rezeltis, sempre vos segue; & muitas vezes vos senhorea. *Blanditiæ etiam cum rejiciuntur capiunt*; & senhorea; porque se accomoda à vossa forma, à vossa natureza, ao vosso genio.

97 Diz o mesmo Ruperto, que quando o Diabo tentou a Eva com o pomo; já havia começado a tentar a Adam cõ a suggestão: representandolhe que aspirasse à Divindade; & dà Ruperto a razão; porque como Adam era hum composto de espirito, & corpo; accommodouse o Diabo com a natureza destas duas partes: ao Espirito com a suggestão, ao corpo com o bocado. *Ut ego duplicis substantiæ creatura, scilicet homo, qui ex corpore constat, & anima, duplicem corporis, & animæ pertraheretur ad mortem, prius in anima spirituali corruptus est superbiæ vitio, deinde & corporeo contra Dei mandatum injectus est cibo*. Ora reparay. Tentou o Diabo a Eva

com

com vós humana, articulada por huã Serpente: por meyo de Eva tentou a Adam; & a Adam cõ a suggestão; & cõ o bocado. Vede o que buscou de formas para se accomodar a *lisonja*. A Eva accomodou-se na semelhança do fallar; a Adam tentou-o com sua semelhante Eva; & porque o conheceu composto de espirito, & de corpo; accomodou-se ao espirito com a suggestão, & ao corporeo com o bocado: isto foy em Adam; & em Christo, pelo que lhe conhecia de homem, lizongeu-o na fome com o comer, para provar se era Deos: pello que prezamia de Divindade, adulou-o com a ocazião de fazer milagres, & pello que lhe via de homem grande, mas pobre, offereceu-lhe o dominio do mundo. Assy se sabe amoldar a *lisonja*, & accomodarse a tantas formas, quantas lhe parece, que tem o fugeyto adulado.

98 E se a *lisonja* he ligeyra em seguir, facil em se accomodar; muito mais branda he no facilitar os caminhos, que persuade. *Mitte te ator sum*: dille o Demonio a Christo: lançayvos deste precipicio abayxo: não se vos reprezente difficultozo; que para a vossa grandeza todo o caminho he lha-no, & facil. As pedras se vos haõ de afastar, os Anjos vos levarão nas palmas. *In manibus portabunt te, ne offendas ad lapideno pedem tuum*. E a Adam persuadiõ-lhe, que era tão facil o ser Deos, como gostar o pomo vedado: *In quocumque die comederitis, eritis sicut Dij*. Demaneyra que se aspirays a subir; a *Adulação* vos abre o caminho, & vos facilita os passos, & se vos quizerdes precipitar, a mesma *Adulação* vos tira os tropeços, & vos afasta as pedrinhas. No subir vos tira o impedimento; no cahir vos persuade, que não ha riscos para onde o vosso desvario vos inclina; para ahi mesmo [como *A*] vos abre caminho, tão facil, como enganoso, & enganoso para o que lizongea, & para o lizongeador.

§. II.

99 **E** Que vaidades não ocasiona nos homens a *lizonja*? A que perigos os não expõem? A que ruínas os não faculta? Como os homens são pó, & são terra, & a *lizonja* he *Ar*: tantos perigos correm os homens entre a *lizonja*, quantos o pó soprado dos ventos, & levado pellos ares. *Committam eos* (diz Deos por David) *ut pulverem ante faciem venti*. Hey de desfazer estes homens vaõs, como o pó, que leva o vento, & que castigo, tão grande, he desfazer os homens em pó, se em pó se hão de desfazer por ley, & por natureza? *Pulvis es, & in pulverem reverteris*. Reparay; que não diz Deos sómente, que os ha de fazer em pó, senão em pó, que leva o vento; porque o pó tem por lugar a superficie da terra, & levalllo o vento pellos ares, he estar o pó em outro elemento, que lhe não pertence. Pó metido entre os ventos, pó tirado da terra: oh que perigo tão grande! Cada Elemento tem a sua esfera, fora da qual, não está bem; porque está contra a natureza, & se o homem he pó da terra, como pôde deyxar de lhe servir de castigo viver na região do *Ar*? Que constancia pôde ter o pó, a quem o vento da vaidade arrebatara pellos ares da *lizonja*?

Psal. 27.
Verf. 43.

Genef. 3.
V. 19.

100 Disse o Apostolo Sant-Hiago que a natureza humana se logeytão as feras, os peyres, & as aves; porem que a lingua não, & fallia não tinha logeytaõ alguã. *Omnis enim natura bestiarum, & volucrum, & serpentium, & ceterorum domantur, & dicitur a sunt à natura humana: linguam autem nullus hominem domare potest*. E preguntando os *Expozito- res*, que se entende debayxo da significação de aves, responde Vitriaco, que pellas aves se entendem os homens vaõs, le- ves, & aereos, que se deyxão desvanecer da *lizonja*. Porem em que podem estes homens ter semelhança com as aves? O

S. Iacob. 3.
c. 3. V. 7.

Ibid. V. 11

Vitriacus
relat. à Zo-
let. in cap. 2.
§. 11. n. 4

Dou-

Zuleta cõ-
ment. in
Epist. Ca-
tholic. S. Ia-
cobi Apost.
c. 3. §. 11. n. 9.
pag. mihi
236.

Doutissimo Padre Ignacio de Zuleta disse, que assy como as aves, com o canto semelhante das outras aves, se cassavão facilmente: assy os vaõs, com os louvores dos lizongeyros, q. mais se accomodavão aos seus genios. Eu quizera descobrir a origem desta semelhança na origem das mesmas aves.

Gen. 1. V. 12
& 24.

Gen. 2. V. 7.

Ibid. V. 20.

101 Se bem reparays na creação do mundo; a terra, & agoa forão a origem de todos os viventes. Da terra nascerão as plantas, & os animaes terrestes. *Protulit terra herbam vi-
rentem, lignumque faciens fructum. Producat terra animam
viventem in genere suo, jumenta, &c.* & se formou tambem o
mesmo homem. *Formavit igitur Dominus Deus hominem de
limo terre.* Da agoa tiverão a origem todos os peyxes; &
todo o genero de aves. *Producant aque reptile animarum,
tis, & volatile super terram.* Porem com hũa differença, que
as plantas nascerão da terra, & na terra fruttificarão: os ani-
maes nascerão da terra, & nella fizerão habitação: os peyxes
nascerão da agoa; & entre as mesmas agoas môrão: em fim q.
todos vivẽ no elemento onde nascerão: sã as aves, nascendo
da agoa, vivem no *Ar*, sobre elle voão, & quando muito des-
cansão hum pouco sobre a terra. Pois eys ali a semelhança
dos homẽs, a quem desvanece a falsidade aerea da *lisonja*.
Sã nascidos em hũ elemento, & querem viver em outro: sã
terra, & querem habitar nos ares: a origem he bayxa, o des-
vanecimento muito alto; sã em firmes da terra; pois que
nascendo della, aspirã a viver (como aves) voando sem-
pre em elemento mais alto; porem as aves voão com as suas
azas, & o *Ar* as sustenta: os adulados voão sobre a mentira
falsa, & aerea; & esse mesmo vã os derruba, porque quanto
tem de *Ar* brando a *lisonja* para desvanecer falsamente, tan-
to tem de vento impetuozo para derrubar muito de veras.

102 Tornemos às adulações do Diabo. Adulou o Dia-
bo a Christo com o offerecimento do mundo todo: para isso
o levou a hum lugar altissimo (vede como o leva proximo à
região dos ares) & ahi lhe mostrou todos os Reynos do mũ-
do:

do: *Offendit et omnia regna mundi*, mas com clauzula de que lhós daria todos, se cahindo o adorasse. *Hæc omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.* Ora reparay. A promessa era falsa, & enganoza, affy porque lhe quiz representar, que lhe daria, o que o Diabo não podia dar; como porque elle não podia mostrar o mundo todo de nenhum lugar, senão fantásticamente. E sendo a promessa com que o Diabo queria provar se Christo se desvanecia, tão falsa; a quèda queria que fosse certa. A promessa falsa, & de futuro: *Omnia dabo*: a quèda certa, & de presente: *Cadens.* *Hæc omnia tibi dabo*: eys ahi o *Ar* brando da *lizonja*, que parece vós levanta. *Si cadens*: eys ahi o vento impetuozo, que vos precipita.

103. Atè nisto tem a *lizonja* semelhança com o *Ar*, porque se preguntardes aos Filozofos, qual he a razão da velocidade com que huã pedra, que cahe do alto, quanto mais desce; tanto mais impeto leva: respondem muitos; q̄ quando a pedra cahe, rompendo o *Ar*; o mesmo *Ar* (afastandosse para os lados) lhe abre caminho facil para descer, mas que esse proprio *Ar*, que para o caminho se lhe desvia facil; e que outra vez pellos mesmos lados, & dá mayor impulso ao movimento. Facilita o caminho, & apressa a quèda: desviasse brando, & derruba com impeto.

104. Porem não succede ser huã sóa quèda da *lizonja*: he quèda de ambos: cahe quem se leva da *lizonja*; & cahe tambem quem lizongea. Se bem advertirdes de dotis modos tentou o Diabo a Christo nesta ocazião; lizongeando-o, & querendo que Christo o lizongeasse a elle. Lizongeou a Christo no offercimento, que lhe fez; & quiz que Christo o lizongeasse na adoraçõ, que lhe pedia [que não ha mayor *lizonja* para o Diabo, que as adoraçoens, que muitas vezes lhe damos). E que he o que lhe pedia? Que caindo o adorasse. *Si cadens adoraveris.* Muitos ha que quanto mais cahem, mais adorão; porem ainda que he comum em quem tem este vicio, cahir, & lizongear: he mais commum li-

zon-

Gen. I. V.

zongear, & cahir: *Si cadens adoraveris.* Nem era necessaria mayor quèda, que cahir na tentação da lizonja: *Si cadens adoraveris.* E na tentação cõ que a Serpente adulou a Adam, com as esperanças da Divindade. *Eratis sicut Dij.* Deyxandosse Adam levar da lizonja; cahio do alto cume do estado da innocencia, em que Deos o havia posto: a Serpente ficou cahida sobre a terra; & por castigo, que andasse de rastos: *Super pectus tuum gradieris.*

S. III.

Pfal. 119. V. 3.

Pfal. 5. V. 11.
& Pfal. 13.
Vers. 3.

105 **S**ÃO tão perigozos os desvanecimentos aereos, que socazona a lizonja; que se não se acautelão de antes; não se evitão depois. David, quazi que não achou cautela para estas linguas enganadoras. *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolosam?* Que remedio, ou que defensivo poderà haver para estas linguas, que sempre vos engañão? Remedio, parece que o não pôde haver; porque a estas comparou o mesmo David a huã sepultura aberta: *Sepulchrum patens guttur eorum.* E que mysterio tem, ser sepultura, & ser aberta? Reparay. A sepultura he para os mortos; & della ninguem se levanta; senão pôr milagre: & sepultura aberta he huã cova, em q̄ he muito facil o cahir, se os passos não forem bem seguros sobre a terra. São pois estas linguas sepultura, & aberta; porque nella he tão facil o cahir, como difficultozo o levantar. Para a facilidade da quèda, cova aberta: *Patens*: para a difficultade do levantar, sepulchro: *Sepulchrum.* Se pois o remedio he difficil, a cautella qual pôde ser? A meu entender, o mesmo sepulchro. O remedio de nos não sepultarem na quèda estas linguas, que nos desvanessem, & nos emganão, he o enterrarmonos primeyro a nós, porque se o nosso perigo està no vo-o, com que tiradonos da terra que somos, voamos como aves à região aerea: a cautella ha de ser não voar; nem nos apartar da terra, que nos dezenanna.

De-

105 Dezejava Iob o léguero descansó cõ os Reys, que fabricarão sepulturas para sy. *Nunc enim dormiens silerem, & somno meo requiescerem cum Regibus, & Consulibus terræ, qui ædificant sibi solitudines.* Adiante ponderarey este Texto a outro intento: agora duvido; porque razão dezeja Iob mais o descanso dos Reys, que o dos outros homês? E porque o dos Reys, que fazem sepulturas? Oh! que os Reys são os que a fortuna pos em lugares mais altos; & em Região mais supperior: são os que nessa altura solícita mais a lizonja: são os que tendo sobra de tudo, tãbem a tem dos engannos aduladores: tudo possuem, faltalhes quem os não lizonged. *Monstrabo tibi (diz o Seneca) cujus rei inopia laborant magna fastigia; quid omnia poss. dentibus; desit, scilicet ille, qui verum dicat, sed adulandi certamen est, & unum amicorum officium, una contentio, quis blandissime fallat?* E contra estes perigos, a cautella segura para não cahir, he o cuidado fixo na sepultura; a memoria da terra, contra o desvanecimento do Ar. E isto he o que se pôde dezejar; & envejar: o meyo de achar entre as regicões, em que a lizonja reyna, o seguro com que a quèda se acautella.

Senec. de Benef. lib. 6, c. 30, pag. m. hi 61.

106 Naquelles gafanhôtos, que cobrirão todo o Egypto, disse São Gregorio Magno, que se significavão as linguas dos lizongeyros: & quem livrou o Egypto de tão grande prãga? Hum vento, que soprou da parte do Occidente. *Oravit Dominum, qui flare fecit ventum ab occidente vehementissimū, & arreptam locustam projecit in mare rubrum.* E porque mais hõuve de soprar q vento do Occidente? Porque o Ar, que sa he das cóvas das sepulturas, que são o nosso Occidente, he o remedio, & o defensivo unico contra a lizonja. E reparay, que este vento foy mandado por Deos: *Oravit Dominum, qui flare fecit ventum.* Hum vento levantou a prãga; outro a consumio. *Ventus urens levavit locustas: Qui flare fecit ventum.* Hum Ar turbulento, & contagiozo da lizonja nos desvanece: outro vento vehemente nos remedeia. O primeyro

Exod. 10, Vers 19.

Ibid. V. 13

E he

he *Ar* da vaidade; o segundo *Ar* da inspiração. Hum he dos homês, que vivem, outro dos homês, que morrem: este do Occidente, que nos remedeia; aquelle da vida que nos enganna, & nos desfanece. *Univerſa vanitas omnis homo vivens.*

S. IV.

107 **A** Estas propriedades, que consideramos no *Ar*, anda junta outra, que como effeyto nasce desta mesma cauza; & na qual, com grande Allegoria, se descobrem muitos defeytos da vaidade dos homens. Considerada pois a natureza do *Ar*: vejamos lhe agora os *caminhos*. Perguntou Aristoteles qual era a razão porque em qualquer lugar não entrava tão facilmente a luz, como o *Ar*; sendo que a luz he de natureza muito mais fobida, & delicada, & que quazi chega a vizinhar com a natureza dos Espiritos; & penetra com tanta facilidade o proprio *Ar*, que no mesmo instante em que esse fermoço Planeta, mineral de luzes, começa a repontar no Oriente, nesse mesmo illustra fermozamente a terra: penetrando a celeridade da luz distancia tão larga, & a região do *Ar* tão dilatada. Cemtudo para impedir que a luz entre em huã cauza, basta o pequeno efforvo de fochardos a genella; porem ao *Ar*, não ha impedimento, que lhe baste; tudo penetra, em qualquer leve, & invizivel póro se introduz; sem que seja possível acharse lugar vazio de outro corpo, que não entre o *Ar* a occupallo; ainda que seja sabindo fora da sua esfera, & humilhãdoſſe até as cavernas mais profundas do centro da terra.

108 Dã o Filozofa a razão, & qualquer de nós a dera, sem ser Filozofa. A luz não anda senão por caminho direyto; o *Ar* penetra, ainda que o caminho seja torſido. A luz, se algum dia se desvia da linha recta de seus rayos, seguindo o caminho reflexo; até nessa reflexão observa direytura; o *Ar* turbulentamente, sem observar regra, nem direytura
algũa,

alguã, entra por toda a parte, penetra por todo o *caminho*, accommodandose aos lugares, & quazi revestindose da sua natureza.

109 Não fey eu que couza mais commua haja nos *caminhos* dos homês, do que o serem torcidas, que he o mesmo, que dezemcaminhados; quando o *caminho*, que Deos lhes abriu para a carreya, he o *caminho* recto da luz. O *caminho* que christo mostra aos homês he elle mesmo: *Ego sum via*, & de sy diz o proprio Christo, que he luz: *Ego sum lux* Ioan. 8. V. 12 Claro está, que he o *caminho* directo, se he o *caminho* da luz. Mas o *caminho*, que os homens ordinariamente seguem, tanto lhe falta de recto, quanto se apartão da luz, & seguem as trevas. São estes *caminhos* tão torcidos, que não fey eu como lhes poderemos dar alcance com os passos; mas não he muito que não saybamos nós esquadrialos; quando a sabedoria de Salamão, não pode comprehendelos. Day-me atençaõ.

110 Quatro *caminhos* aponta Salamão; trez dell'es difficultozos ao seu juizo, & hum totalmente inintelligivel. Os trez difficultozos são, o *caminho* da *Agua* no meyo do *Ar*; o *caminho* da *Não* entre as ondas do Oceano; & o *caminho* da *Cobra*, que se arrasta sobre a pedra. O inintelligivel he o *caminho* de hum homem na sua mocidade. *Tri sunt difficulta mihi, & quartum penitus ignoro: Viam aquile in Cælo, viam colubri super petram, viam navis in medio maris, & viam viri in adolescentia.* Ponderemos em que está a difficultade dos trez primeyros *caminhos*; & logo avultará melhor a inintelligibilidade do ultimo. Proverb. 30. V. 18. & 19.

111 O lugar natural das aves he o *Ar*, & entre ellas se uzurpou este dominio; mais que todas, a *Agua*; porque escalando os ares com a ligeyreza de seu vo-õ; como se fora rrayo de pluma, ou exalaçõ com azas, se remonta tão alta a nossos olhos, que nos tira a admiração, com que respeytamos õ elevado dessas nuvens. Se às ayes deu Deos o vo-õ por na-

tureza, que tem que lhes estranhar Salamão? A agoa, ainda que he lugar natural para os peyxes; tem comtudo, tambem por natureza, poder sustentar em sy as couzas menos peçadas. Que admiração he, que se sustente huã *Não* sobre as ondas, se para o *caminho* se lhe apartão, & parã não sumergirse se unem? Na *Cobra* o atrastrarse sobre a terra; não só he natureza; mas castigo: *Super pectus tuum gradieris*; & tambem ha naturezas, que servem muitas vezes de castigo. Que he logo o que Salamão acha difficultozo nestes *caminhos*?

112 A difficultade a meu entender, está, em q̃ a *Agua* voa no meyo do Ceo; sóbe a especular os segredos dessa região supperior; vemola em hum lugar tão eminente, que quazi a não vemos; mas se lhe buscades o *caminho*; não lhe haveys achar rasto. Demaneyra, que sabemos que voou, vemos que tem voado; mas o *caminho* por onde, não o sabemos. Pouco mayores vestigios se achão no *caminho* da *Não* entre as ondas; mas cauza admiração; que ao sopro de hum leve vento, recolhido em huã pequena vella, navêgue com tanta ligeyreza huã *Não*, a quem não poderão abalar as mayores forças. A *Cobra* destituiu de pees a natureza para o movimento progressivo; & não obstante este defeyto com que nãseu; he a sua carreyra tão veloz; como se toda ella não constara mais, que de pees para a carreyra.

113 Todas as difficultades, que divididas fazem estes *caminhos* embaraçados ao entender de Salamão, vemos nos juntas nos *caminhos* dos homês. A quantos vedes, que voa; não; mas não lhes sabeys o *caminho*? vedelos sobidos ao lugar mais alto; mas não sabeys o por onde sobirão; & muitas vezes, nem são *Aguias*; nem tem azas. E se he de admirar, que a *Cobra* ande de rastos sobre a terra; quanto mais he para pasmar, ver a muitos, que não podendo andar de rastos, voão. Que voe quem tem azas, como *Agua*, difficultozo he, mas não impossivel; mas que voe quem não podia andar de rastos, como *Cobra*; como pôde este *caminho* deyxar de ser diffi-

difficultozo. *Tria sunt difficilia mihi: viam aquilæ in cælo.* Que se sustente, & navegue sobre as agoas huã *Não*, govêrna o leme; mõeua o vento, facilitãolhe as mesmas ondas o *caminho*; mas que ande sobre as ondas, que rompa por entre as tormentas, quẽ não tem bojo, para se sustentar sobre ellas; nẽ lême, que lhe indireyte o *caminho*: fiado sómente em hum pouco de *Ar*, que lhe sópra a sua vaidade: claro está que deve cauzar admiração. *Viam navis in medio maris.* E quantos ha, que o seu *caminho* he como o da *Cobra*? O modo natural com que a *Cobra* se mõeve; he emcolhendo primeyto parte do corpo; & depois estendendo a outra parte: demaneyra, que primeyto se emcolhe; para estenderse depois. Oh quantos por este *caminho* (ainda que difficultozo) vemos, que não só correm, mas voão! Huns voão; porque estendem as azas como *Agua*; outros correm; porque largão o panno todo, como *Não*; outros dezaparecem velozes; porque se emcolhem, como *Cobra*: Emcurtãse, como se quizessem ocupar menor lugar; acanhãose, como emcoabrindo a sua ligeyreza; & quando menos o cuidays: correm como *Cobra*, de maneyra que parece voão, como *Agua*. *Viam colubri super terram.*

§. V.

114. **M**As não são ainda estes os *caminhos* torcidos, quẽ fazem inintelligivel a hum homem na sua mocidade; tebem grande semelhança com os da *Cobra*; porque o mayor castigo de quem os segue, he seguillos. Que esse he o castigo, que eu dizia dera Deos à Serpente; p'istendo por natureza o andar de rastos, lhe foy dado por castigo o arrastarse. *Super pectus tuum gradieris.* Porque o mesmo *caminho* por onde a vossa natureza vos leva; he o castigo que vos arrasta. Porem (como eu dizia) os *caminhos* inintelligiveys da mocidade são aquelles por onde totalmente

vos apartays da luz ; porque como fogiz do *caminho* direyto, & vos meteys no laberintho dos *caminhos* torcidos ; nem hum Salamaó vos pôde entender o *caminho*. *Quartum penitus ignoro: viam viri in adolescentia.* Sois verdadeyramente laberintho, em que só se conhece a entrada, & a sahida ; porrem os *caminhos* a ninguem emganão mais, do que a quem anda nelles : só Deos os pôde descobrir , & já antigamente parece o descobrio a Ezechiel. Estay comigo.

115. Levou Deos em Espirito a Ezechiel para ver o interior da Cidade de Ieruzalem ; & mandoulhe, que olhásse para o *caminho* , que guiava para a parte do Norte. *Ad duxit me in Ierusalem in visione Dei juxta ostium interius, quod respiciebat ad Aquilonem.* Como lhe queria mostrar as abominaçoens, & vaidades do povo; o *caminho* para onde o máda olhar he o do Norte; porque desse *caminho* começou em

Ezech. 2.
V. 3.

Ezai. 14. V. 13

Lucifer a abominação , & a vaidade. *Sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis.* E ainda mal que tanto continuação ainda hoje as abominações da parte do Norte ; como se ficara inficionado o lugar, só com o intento que Lucifer teve de occupallo. A primeyra couza, que Deos mostrou a Ezechiel foy o Idolo do Zelo : *Ubi erat statutum Idolum Zeli:* collocado no frontespicio da porta, & as abominaçoens , & idolatrias, que o povo fazia diante deste Idolo. Vedes ahi começado a torfer o *caminho*. O *caminho* direyto da adoração terminace a Deos, como a seu proprio fim ; & os homêns torsem a adoração para os Idolos. Adoração por adoração, não he mais facil, não he mais bem emcaminhada a Deos, que a hum Idolo ? Este Idolo diz o Propheta, que era do zelo: *reys ahi o caminno* ainda mais torcido. O verdadeyro zelo ha de fer da honra, & gloria de Deos, como o de David. *Zelus domus tua comedit me.* O *caminho* direyto he zelar , que não haja Idolos : o *caminho* torcido he idolatrar nos Idolos do zelo. Quantos com a cappa do zelo idolatraes ? Vem muitos pello *caminho* direyto dar culto , & adoração a Deos

na Oração, nos Sacramentos, nos exercicios do espirito, & o vosso zelo todo he murmurar estas adorações, estranhar estes *caminhos*, perseguindo, com cappa de zelo, pello mesmo *caminho* por onde os outros, com zelo verdadeyro, largão os Idolos, & buscaõ a Deos; & he grande lastima, que pello mesmo *caminho* por onde huns adoraõ, outros idolatrem. Justamente he esta a primeyra couza, que Deos estranhou entre as abominaçoens de Ieruzalem, & he, a meu ver, a razão do castigo que deu a Faraõ.

116 Quando Faraõ perseguio o povo na passagem do mar vermelho; no mesmo *caminho* que as ondas abrião para a passagem do povo; fabricarão soberbas sepulturas para ruina do exercito. *Reverseque sunt aquae, & operuerunt currus, & equites cum egi exercitus Pharaonis*, &c. E não podera Deos castigar a Faraõ, & ao seu exercito com outro genero de castigo? Sy podera, mas não quiz; porque como o delicto de Faraõ era perseguir o povo de Deos pello mesmo *caminho* por onde Deos guiava ao povo; era justo que nesse mesmo lugar percesse: a lastima foy grande; porem merecida. Este exemplo virão entãõ os olhos em Faraõ; & este mesmo pôde ver agora a nossa consideração repetidas vezes, & he couza lastimoza, que o mesmo *caminho*, que he direyto para os zelozos da adoração, seja *caminho* torcido para os adoradores do zelo.

117 Passada a porta, vio Ezechiel por hum pequeno buraco, que se rompeu na parede, toda a semelhança de animaes, que andão de rastos. *Et introduxit me ad ostium atrij: & vidi, & ecce foramen unum in pariete: & ingressus vidi, & ecce omnis similitudo reptilium.* Vio tambem todos os Idolos pintados na parede: *Unversa idola domus Israel depicta erant in pariete*; & hum grande numero dos mais velhos de Israel idolatrando nestes Idolos. *Et septuaginta viri de senioribus domus Israel.* Já a minha difficuldade parece mayor que a de Salamaõ: A Salamaõ foy difficil o *caminho* da Cobra, & foy

incomprehensivel o *caminho* da mocidade. *Quantum penitus ignoro: viam viri in adolescentia.* E que sera o *caminho* do homem, que não he como de moço; senão como de *Cobra*? *Omnis similitudo reptilium.* E que sera, ainda mais, o *caminho* do homem, não moço, como na adolescencia; mas velho, como não devéra na velhice? *Septuaginta viri de Senioribus Israel.* Que dezemcaminhem os Idolos aos moços; muito he contra a natureza de homẽs; mas que tambem idolatrem os velhos; ainda he mayor a difficuldade da que se reprezentou a Salamão.

118. Antigamente se queyxa, & chorava EREY Ezechias de que se lhe cortassem os fios da vida no meyo de seus dias. *Ego dixi in dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi.* E he digno de reparo, que os annos conta como dias, os dias como seus, & que poem termo ao dia da morte; como se para a vida houvéra principio, ou meyo, que não pudesse ser juntamente fim. E que mais importa a Ezechias, que se lhe dilate a vida, do que se lhe apête a morte? Mas appella Ezechias dos annos da mocidade para os annos da velhice: entendendo que nos caminhos, que devemos seguir, vão mais seguros os muitos annos que os poucos. E se isto diz Ezechias, que andava pello *caminho* da verdade, como elle mesmo repetia a Deos: *Obsecra Domine, memento quaeso, quemodo ambulaverim coram te in veritate.* Que hão de dizer os velhos sempre idolatrando? Ezechias fez distincção de que os dias erão seus, para differença dos dias, q. são de Deos; como dando a entender, que se os primeyros dias da nossa adolescencia os usurpamos, como nossos; ao menos os ultimos annos da nossa velhice; por direyto se devem a Deos.

§. VI.

119. **E** Que quando os muitos annos vão *caminho* direyto para Deos, queyrão ter semelhança cõ os poucos.

cos, que vão *caminho* torcido para os Idolos, este he o *caminho* mais inintelligivel. E eu acrescêto já à sentença de Salamaó: que o *caminho* da adolescencia, não se entende, mas que o quinto *caminho* da velhice, nem se entende; nem he possível entenderse; porque he verdadeyramente *caminho* torcido: *caminho* de trévas, totalmente afastado da luz: primeyramente da luz de Deos; depois da luz da razaó, & vltimamente da luz dos annos. Muitas vezes se vos faltou a luz da graça (que he a que emdireyta o *caminho*) ficou ao menos a da razaó, que emdireytou a muitos entre a cegueyra da gentilidadade. Se a luz da razaó avultou pouco entre as nuvens dos affectos da adolescencia; aclarou ao depois com o discurso dos annos; & se nem com os annos appareceu esta luz, são trévas densas, em que se não pôde acertar com o *caminho*, são *caminhos* vaós; em que os, a llos são a mesma vaidade: *caminhos*, não de luz, mas de *Ar* todos torcidos: *Vides que senioribus Israel faciunt in tenebris?*

120 Ainda vio Ezechiel *caminhos* de mayor abominação. Rompeuse outra parede, & o que se via lá dentro, eraõ huás molheres chorando por Adonis. *Et introduxit me per ostium porte domus Domini, quod respiciebat ad Aquilonem: & ecce ibi mulieres sedebant plangentes Adonidem.* Que vos leve por *caminho* torcido a representação do gosto, he vaidade desgraçada do appetite; mas que no mesmo *caminho* da pena, & das lagrymas acheys vereda para a vossa perdição; he lastima da vaidade inexplicavel! Que se esconda Adam; porque commeteu o delicto; que entre Pedro em huã cova a chorar o seu peccado; buscão a luz atè pello *caminho* da escuridade; mas que se fechem estas molheres a sette paredes, & essa clauzura seja para chorar, & seja por Adonis esse choro; he torser o *caminho* direyto do retiro, & das lagrymas.

121 Quando Deos quiz fallar ao coração daquella Alma; que introduz o Propheta Ozeas no Cap. 2. levou a para o retiro de hum dezerto: *Ducam eam in solitudinem, &*

ibi loquar ad cor ejus. Porq̃ o *caminho* direyto de seguir a Deos, he o retiro do mūdo. Quādo a Magdalena começou a ser illustrada com a luz do verdadeyro *caminho*, que he Christo: *Ego sum via*: os primeyros passos, que deu, forão as lagrimas, que chorou. *Ut cognovit: Caput rigare*; mas he porque seguia o *caminho* direyto; porém no retiro, & nas lagrymas achar *caminho* para idolatrar em Adonis? Quem havia de imaginar, que em paredes tão fechadas achasse tal *caminho* a idolatria? Mas achou *caminho*; porque não entrou como luz, & entrou como *Ar*; que em toda a parte acha *caminho* a vaidade aerea.

Ioan. 8. V. 12.

Luc. 7. V. 38.

Ibid. V. 16.

122 Entrou Ezechiel mais dentro ao pátio da Casa de Deos, & vio vinte & quatro Varões, que tinham as cóstas contra o Templo de Deos; & o rosto para o Oriente, adorando o Sol. *Et introduxit me in atrium domus Domini interius: & ecce in ostio templi Domini inter vestibulum, & altare, quasi viginti quinque viri, dorso habentes contra templum Domini, & facies ad Orientem: & adorabant ad ortum solis.* Esta he tambem a vaidade das vaidades: *Vanitas vanitatum*: pello *caminho* da luz idolatrar a cegueyra; porém na minha estimação se affy como estes homēs olhavão para o Oriente do Sol; répararão bem no seu Occidente; mais facil lhes era achar entre as trévas, a luz, & entre a noyte, o dia. O melhor *caminho* de nos amanhecer o Oriente da graça, he emcaminhar os passos do discurso ao Occidente da morte; porque de entre estas trévas fahê a luz da graça mais fermoza. A luz material no principio do mundo foy dividida das trévas: *Dirigit lucem à tenebris*: A luz da graça he mais viguroza entre estas sómbra. Importa voltar as costas à luz do mundo, & o rosto ao Tempo de Deos; ou para melhor dizer, a Deos no seu Templo; porque como he possível, que nos encontremos com Deos; senão buscamos a Deos pello mesmo *caminho*, por onde elle nos busca.

123 Lembrame que diz o Propheta Rey, que a *Miser-*

ricordia, & a Verdade se encontrarão no caminho. Misericor- Psal. 84
dia, & veritas obviaverunt sibi. A Misericordia he o cami-
 nho por onde Deos nos busca ; a Verdade he o caminho por
 onde nós buscamos a Deos : se os nossos passos não forem
 pello caminho direyto da Verdade ; como podem encontrar-
 se pello caminho direyto da Misericordia.

124 Aquella Escada, que Iacob viu em sonho nos cam-
 pos de Mozopotamia : diz o Santo Patriarcha, que vira sobir,
 & descer por ella aos Anjos. *Viditque in somnis scalam stan-* Genes. 28
Vers. 12.
tem super terram, & cacumen illius tangens cælum : Angelos
quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam. No alto da
 Escada estava Deos : *Dominum innixum scale :* ao pé de Iacob.
 E não poderaõ ser duas as escadas, huã por onde os Anjos so-
 bissetem, outra por onde descessem ? Não ; que nesse sobir, &
 descer dos Anjos, & nessa continuação da Escada do Ceo até
 a terra, se significa a communicação de Deos com os homês ;
 & he impossivel, que bayxe Deos por outro caminho a com-
 municar aos homês, senão por aquelle mesmo por onde os
 homens sobem a buscar a Deos. E posto que Deos he sem-
 pre o primeyro que desce a buscarnos : o caminho de nós so-
 birmos a buscar a Deos, ha de ser tambem descendo. Have-
 mos descer de nós, para sobirmos a Deos ; assy como Deos
 desceu de sy, para nos sobir a nós. *Minuisti eum paulo minus* Psal. 8. v. 6.
ab Angelis : Constituisti eum super opera manuum tuarum.

125 Deos abateuse a sy descendô : *Humiliavit semetipsum ;* Philip. 2.
Vers. 8.
 para nos sobir a nós ; & nós havemonos de abater, para sobir
 a Deos. A pedra, que depois de derrubar a Estatua, cresceu
 à grandeza de monte : *Factus est mons magnus.* Primeyro
 desceu de outro monte. *Abscissus est lapis de monte ;* & arrui-
 nou a estatua da vaidade : *Percussit statuam in pedibus : reda-*
ta : &c. A agoa, que ha de sobir de hum lugar bayxo, para
 brotar em huã alta fonte ; he necessario que desça primeyro
 de outro lugar mais alto ; & abatendosse, cõbra vigor para
 sobir. O Cypreste, que se levanta a mayores com as outras
 plan-

plantas, & qual agulha de esmeralda parece que quer cozer a terra com o Ceo; primeyro profunda as raizes nas entranhas da terra, & por isso sóbe mais alto; porque sóbe mais direyto. Porem he tal a *Mizericordia* de Deos, que não só nos busca pello *caminho* recto; mas tambem pello atalhos; porque nos busca pello *caminho* por onde nós andamos; & não quer que nesses atalhos torcidos, & escuros nos falte alguma luz.

126 Quando Deos na infancia do mundo dividio a luz das trevas; fez dous grandes, & luminozos Astros: *Fecitque Gen. 1. V. 16. Deus duo luminaria magna*: separandolhes a jurisdicção, & dividindolhes as prezidencias: *Luminare maius, ut præset diei: & luminare minus, ut præset nocti*. Pergunto. Se Deos sepára a luz das trevas; para que verna a misturar com as trevas a luz? Se dividio o dia, com a luz do Sol, das trevas da noyte: *Divisit lucem à tenebris. Appellavitque lucem diem, & tenebras noctem*: para que alumeya a noyte com a luz da Lua, participada do mesmo Sol? A razão he; porque nunca a *Misericordia* de Deos divide tanto a luz do seu dia das trevas da nossa noyte, que, ao menos, entre essas obscuras trevas, não appareça a luz da Lua; ainda que menor, & participada do mesmo Sol. Se nós não illustra com rayos direytos no *caminho* do dia; não nos dezipara com os rayos reflexos nos atalhos da noyte; porèm como a natureza da luz atè nos reflexos observa rectidão; por isso nos diz Izaias; que façamos os atalhos direytos. *Rectas facite semitas Dei nostri*. Porque já que a desgraça da nossa vaidade nos dezia do *caminho* da luz do Sol; não seja o *caminho* tão torcido, que totalmente fuja da rectidão da luz; porque será vaidade das vaidades, quem pôde achar atè nos atalhos *caminho*, torcido de sorte, que esses mesmos atalhos lhe faltem.

127 Melhor he seguir tal *caminho*, que ainda depois de corrido o passo, se continuem os passos pello *caminho*: que não dizer, que sigamos em vida hum *caminho* tão direyto; tão

livre da vaidade; que quando a morte o atalhar, pareça que vamos ainda seguindo. No *caminho*, que guiava para Bellem morreu a formosa Rachel; que he muito costumado uzo da morte, cortar os passos ao *caminho* das Racheis. *Mortua est ergo Rachel*. Sepultarão a Rachel no mesmo *caminho*: *Sepulta est in via, quæ ducit Ephratam, hæc est Bethlehem*. E não podera a Sepultura ser em outro lugar? Bem podera; mas não com tanto mysterio. Sepultesse Rachel no *caminho*, para que o mesmo *caminho*, que seguio em vida directamente; pareça que o prosségue ainda depois da morte: em vida com os passos, em morte com o dezengano: sempre rectamente, sempre longe dos *caminhos* da vaidade; que se podem divertir aos homêes, em quanto vivos: *Universa vanitas omnis homo vivens*: q. dezenganem com o lugar da sepultados. *Sepulta est in via*.

§. VII.

128 **T**Endes visto os *caminhos* que segue o *Air*: reparay agora no *lugar*, que occupa; & seja esta, entre muitas a ultima circumstancia do nosso discurso. Occupa o *Air* aquelle dillatado espasso, que da superficie das agoas, & da terra se estende até a Região do fogo; & se consultarmos aos Mathematicos, acharemos, que he esta esphera sem comparação mayor, que aquella que o occupa a *Terra*, & a *Agoa* juntamente. A *Agoa* achou bastante *lugar* na capacidade das cavernas da *Terra*; à *Terra* bastoulhe por *lugar* a pequena esphera em que se comprehendia debayxo da *Agoa*; sendo que a *Terra* foy destinada para habitaçam de todo o genero humano; para a producção de innumeraveis brutos na especie, & em numero; para a vegetação das plantas; para as minas dos metaes; & para outros uzos infinitos. A *Agoa* houve de fecundar a *Terra*, houve de produzir tanta, & tão grande variedade de peyxes, & todo o gene-

ro de Aves, que continuamente povoão os ares ; & comtudo não tendo o *Ar* nenhuma destas prerogativas , occupa huã tam dillatada esphera, & tão eminente a estes dous Elementos.

129 Esta he a ultima, mas principal semelhança, que eu confidero no *Ar* com a vaidade dos homens ; porque vemos muitos (& por certo os que servem para menos) a quem todo o *lugar* he pequeno : querendo occupar mayor esphera do que pôdem ; & parecendolhes, que quanto mayor for o *lugar* da sua habitação ; tanto mais crescerà a grandeza da sua peça. Que outra couza são os soberbos edificios ; os magestôzos Palacios, as Pyramides competidoras de Babel ; senão huã vaidade aerea com que os homês intentão occupar mayor *lugar* ? Commummente dizéys, que huã caza he grande ; porque tem grandevão ; & ovão he grande ; porque recebe muito *Ar* : de maneyra que quanto o *Ar* he mais, tanto ovão he mayor ; & quanto ovão he mayor, tanto vos parece mais soberano, & magnifico o *lugar* da vossa habitação : seguesse logo, que a grandeza do vosso *lugar* he aerea, & assy he, que se os homês se fizeraõ assy o *lugar*, como terra que são, pouco *lugar* lhes bastava ; porem os que o não lem pelo aerio da sua imaginação, toda a esphera lhes he curta.

130 Dizia o paciente, & Santo Job, que dezejava descansar com aquelles Reys, & Princepes , que edificação solidões ; entendendo por solidões as supuluras. *Nunc enim dormiens silerem, & somno meo requiescerem: cum Regibus, & Consulibus terræ, qui edificant sibi solitudines.* Tornemos a ponderar estas pallavras a diverso intento (que do *lugar* das sepuluras, não he só huã a ponderação , que se tira contra a vaidade). Se dissera Job que descansaria com os Reys, que edificação Palacios magnificos, edificios soberbos ; habitações magestozas iguaes à sua dignidade, & soberania, se isto dissera Job ? dissera o que os Reys, & Princepes commummente fazem, & aquillo em que entendem tem o seu descanso :
po-

porém querer descansar com os Reys, que edificação sepulturas solitarias. *Qui edificant solitudines?* Que achou Iob neste edificio, mais que nos outros, em que os Reys se empregão? Que mais tem o *lugar* pequeno da sepultura, q̄ o grãde *lugar* de hum Palacio sumptuozo? Tem de mais o que tem de menos; quanto este lugar tem de menos., tanto he mais ajustado ao que se deve ao homem. O homem, em quãto terra, bastalhe por *lugar* quatro palmos de terra da sepultura: o homem, em quanto *Ar*, não cabe no dilatado *lugar* de hum, & muitos Palacios. Estes são fabrica do desvanecimento aereo; aquella he medida ajustada do abatimento terreno.

131 Dirmebeys. E nas sepulturas dos Reys não tem também grande parte a vaidade? Digaõ-no quantos Mauzoleos levantou antigamente a Gentilidade, & edifica ainda hoje, a soberba desvanecida; querendo a vaidade, do mesmo abatimento da morte, levantar Obeliscos ao desvanecimento; & dando às poucas cinzas de hum cadaver, que já não he, hũ *lugar* tão grande, como a vaidade, que o fabrica. Assy he, & assy o confesso: porém se bem reparays no Texto; namfalla Iob somente, nas sepulturas, que os Reys edificaõ; senão naquellas que edificão para sy. *Qui edificant sibi.* Reparay na energia daquelle *Sibi.* Para hum homem, ainda q̄ seja Rey, pouca sepultura basta; *Sibi.* Para quatro cinzas, basta huã pequena cova. *Sibi.* Para o que brevemente ha de ser nada, ainda a sepultura he *lugar* que sobeja: *Sibi.* Para a pequena *lugar* pequeno he o mais proprio; a mais grandeza, que v̄ des, não he para elle: *Sibi:* he para os vindouros. Essa sumptuosidade he hum engano dos que hão de vir: aquella pequenez, he o dezengano de quem a edifica. *Qui edificant sibi.*

132 Mas se são vaõs os *lugares*, que a vaidade dos homens acicamente se fabrica; muito mais vaõs, & aereos são os pensamentos com que intentão essa fabrica. Antigamete qui-

quizerão os Babilonicos edificar aquella celebrada Torre ; tão portentosa na altura ; que as ameias chegassem a em-
 Gen. II. V. 3. star com o Ceo : *Cujus culmen pertingat ad cælum.* Se bem proporcionarmos esta altura, dependia de mayores aliceces, do que se podião fundar sobre a terra, & consequentemô- te o circuito, & a capacidade mayor da que pôde caber em planicie alguã. Conseguir esta obra, era impossivel ; porque nem o trabalho humano poderia abranger a grandeza tam desmedida ; nem as vidas dos homês poderião conservar-se, depois que a Torre chegasse às Regioes superiores, & vizinhança dos Astros. Quiz Deos desvanecer os intentos destes mundanos ; & o expediente que tomou, foy o de confundir-lhes as linguas : *Confundamus linguam eorum.* E nam pôdera Deos desbaratar em hum instante todo este edificio, affy como fez aos muros de Jericó ? Não podera tirar a vida aos mefmos que edificavão, affy como a tirou aos Primogenitos do Egypto ? Bem podera, pois para que lhes confunde as linguas ? A razão, a meu ver, he, porque ainda q̃ a obra em sy era vã, o pensamento, com que se edificava, era mais vão ; & quiz Deos destrohir antes a vaidade do pensamento, do q̃ a vaidade da obra. Se destrohira a fabrica, poderião ficar aos Artifices novos intentos de reedificalla, se matara aos Artifices, não lhes ficara o dezégano da sua vaidade, pois permaneça o principio da obra, para testemunha da vaidade, que se intentou ; & vivão os Artifices, para dezégano do impossivel, que começarão : confundaõselhes finalmente as linguas. *Confundamus linguam eorum* : para a confusão, & confusão de pensamentos tão aerios, que intentaõ fabrica, que occupasse mayor lugar, do que todos os Elementos. *Cujus culmen pertingat ad cælum.*

133 Não he outro o castigo, que David roga, como
 Sal. 5. V. 11. praga, aos mãos, & aos vaõs. *Decidant à cogitationibus suis.* Cayaõ, Senhor, de seus pensamentos, não lhes dezeje, que cayaõ de suas obras, que isso he o menos ; pède que cayaõ
 dos

dos seus pensamentos; *A cogitationibus*; porque como estes aspirão sempre a *lugar* mayor; tanto mais alta, & perigoza será a quèda. Vedes aqui o que de ordinario costuma succeder aos vaidozos do *lugar*; que não só cahem nos pensamentos; mas cahem dos mesmos pensamentos. Quando a vaidade de hum homem lhe faz appetecer *lugar* grande, cahe no pensamento; porque regularmente, appetecendo o mais, fica no menos; porém quando Deos lhe abâte a vaidade; ainda cahe desse menos, em que o pos o seu pensamento; & isso he cahir do pensamento: *Decidant à cogitationibus suis.*

134 A Lucifer propos Deos por *lugar* a grandeza do Ceo, & elle appetecendo *lugar* mayor; disse que havia por o seu assento sobre as nuvens. *Ascendam super altitudinem nubium.* Eys ahi Lucifer cahindo no pensamento; pois cuidando, vaidozamente em conseguir mayor *lugar*, appetecia o inferior. Castigou Deos a Lucifer, & deulhe por *lugar* o inferno no centro da terra. *Veruntamen ad infernum detraheris in profundum lacu.* Eys ahi Lucifer cahindo do pensamento; porque querendo sentarse sobre as nuvès, se sepultou nos infernos. *Decidant à cogitationibus suis. Veruntamen ad ad infernum detraheris in profundum lacu.*

§. VIII.

135 **P**orem que muito que assy caya, quem assy sóbe, & q se reduza a *lugar* tão pequeno, quem quer occupar espheras tão dillatadas? Mas nisto excede a vaidade dos homens ao *Ar*; que o *Ar* tem *lugar* grande, mas occupa o, & os homens querem occupar mayor *lugar* daquelle, que podem emcher. O *Ar* emche huá esphera grande; porque em sy he grande; & os homens querem ser grandes; porque occupão *lugares* grandes. O *Ar* tem grandeza propria, & por isso ha mitter esphera larga; os homens, sendo em sy

F pe-

pequenos, querem que o *lugar* os faça grandes. Notay.

136 Aquella Arvore de Nabuco: fohava o Rey, que estendiã a grandeza de seus ramos por toda a circumferencia da terra, & que na altura, chegava a fazer duvida, se o vulto das suas folhas erão nuvens, ou se tinha por flores as

Dan. 4. V. 8.

Estrellas. *Magna arbor, & fortis: & proceritas ejus contingens caelum: aspectus illius erat usque ad terminos univ[er]se terre*; sem duvida que as raizes havião senhorear a profundeza da terra. Servia esta Arvore de amparo, & sustento a ho-

Ibid. V. 9.

mês, & animaes. *Ex ea vescebatur omnis caro*. Era caza de conversação das aves. *In ramis ejus conversabantur volucres caeli*. E enfim galharda, & pompoza occupação dos ares.

Parecevos, que pode haver mayor grandeza de huã Arvore; a quem era pequeno *lugar* a redondeza do mundo? Ora vede como tudo isto se desvaneceu. Cortace o trôco à Arvore, & dezaparecem ramos, folhas, flor, fratto, & nem huã leve sombra ficou de Arvore tão crescida. *Saccidite arborom,*

Ibid. V. 11.

& pracidite ramos ejus, excutite folia ejus, & despergite fructus ejus. Que cortado o tronco, se que a Arvore; razão he natural; mas que dezapareça a Arvore toda; que se desvanença huã grandeza tão excessiva; como pôde ser? Pôde ser; porque a Arvore não tinha outra grandeza mais, que a que lhe dava o *lugar*. Na realidade o seu ser, era huã vaidade fohhada. *Videbam, & ecce arbor in medio terra, & altitudo ejus nimia*. O que tinha de grande, era só o *lugar* por onde se estedia na phantezia de Nabuco. *Viso capitis mei in cubili meo; & as grandezas que hum homem não tem., não lhas pôde dar o *lugar* em que fohava.* Por mais que a vossa phantezia vos represente que sois grande; porque occupays *lugares* grandes; se na realidade sois pequeno, o *lugar* não vos ha de dar grandeza: tanto que se vos cortarem as raizes à vossa phantezia vã, não só dezaparecem os fumos dessa vossa grandeza; mas nem se conhece o *lugar*, que occupava: *Succidite arborom, & pracidite ramos ejus: &c.*

137 E affy como o *lugar*; que busca a vaidade, nam iõ
 nõ dà grandeza; mas antes a desvanece, & faz com que
 dezapareça o *lugar*; affy o *lugar*, que busca a humildade, pa-
 recendo que abate, levanta. A Estatua com que sonhou o
 mesmo Nabuco, constava de cabeça de ouro, peyto, & bra-
 ços de prata, ventre de bronze, pernas de ferro, & pees de
 barro. *Hujus statue caput ex auro optimo erat, pectus autem,* Dan. 2. V. 3.
& brachia de argento, porrò venter, & femora ex are, tibia au-
tem ferrea, pedum quædam pars erat ferrea, quædam autem fi-
ctilis. Na phantezia do Rey tinha huã desmedida grande-
 za. *Statua illa magna, & statura sublimis;* porem tanto que
 lhe tocou nos pees de barro, aquella pedra, que se despenhou
 do monte: desvaneceute a Estatua de maneyra, que nem
lugar se lhe achou. *Abscisus est lapis de monte: percussit sta-*
tuam in pedibus, & comminuit eos: nullusque locus inventus est Ibid. V. 39.
eis. A Estatua era sonhada. *Hoc est somnium.* O em que se
 converteu, foy ainda menos que em cinza. *Redacta quasi*
in favillam. E nem dessa cinza se lhe achou *lugar*. *Que rap-*
ta sunt vento. Isto propriamente he vaidade de vaidades;
Vanitas vanitatum; porque a Estatua em sy era vã, & atè essa
 mesma vaidade se desfez em cinza; & ainda a essa cinza se
 não achou *lugar*. *Redacta quasi in favillam estroæ aræ:*
nullusque locus inventus est eis. Que nenhuã couza he mais
 bem merecida do desvanecimento da grandeza, que saltar-
 lhe atè o *lugar* que occupa. Tão longe està de que o *lugar*
 faça grande, a quem o occupa vãmente; que antes a vaidade,
 de quem o occupa, tira o ser ao *lugar*. *Nullusque locus*
inventus est eis. Porem a pedra, que derrubou a Estatua, cres-
 ceu a hum dilatado monte. *Lapis autem, qui percussisset sta-*
tuam, factus est mons magnus. Porque dos nãdas, a que a vai-
 dade nõ redtuz; he que começão as grandezas a que os mon-
 tes crescem. A vaidade sonhada, saltalhe o *lugar*. *Nullusque*
locus inventus est eis. A vaidade abatida; crescelhe o *lugar* a
 montes. *Factus est mons magnus.*

138. Sobre esta pedra levantada à grandeza de monte edifica a sua casa, ou o seu *lugar*, a verdadeyra Sabedoria. A Estatua em pees de barro, he caza grãde fundada sobre area, edificio proprio da estulticia, & da vaidade. O monte levantado sobre huã pedra he fundamento de Ieruzalem ce-leste. *Fundamenta ejus in montibus sanctis*: Se a caza do Iusto, & o *lugar*, a que aspira he a caza de Deos. *In domum Domini ibimus*: Se a caza de Deos he fundada sobre os montes da Santidade; se estes montes se sustentão sobre huã pequena pedra. *Hæc est domus Domini firmiter edificata, bene fundata, est super firmam petram*. E se esta pedra he a que derrubou a Estatua: bem se segue que o *lugar* proprio ao homem he o solido; fundado sobre huã pedra; & pedra, que não só arrui-na a Estatua da vaidade; mas até o *lugar* lhe faz perder de vista. *Nullusque locus inventus est eis*.

139. Esta differença vay do *lugar* das couzas solidas, ao *lugar* das couzas aereas; que as couzas solidas, não occu-pão mais *lugar*, que aquelle dividido à sua grandeza: as aereas, quanto menos tem do ser, tanto mayor *lugar* occupaõ. Se hum pouco de *Ar*, se adelgaçar com o fogo; cresce em grandeza dillatada, & occupa mayor *lugar*. Quantos ho-mês ha, a quem o fogo da ambição adelgaça, como *Ar*; & quanto menos solidos, mayor *lugar* lhes he necessario; mas o *Ar* adelgassandosse, dillatasse a mayor esphera, por nam haver vâcuo em a natureza (como dizem os Filozofos); porem os homens, quanto mais querem abranger de *lugar*; tanto mais vâcuo admittem dentro de sy mesmos: *Unversa vanitas omnis homo vivens*.

§. IX.

140. **P**orem porque não pareçamos como os mãos Medicos, que descobrem a enfermidade, & não lhe applicão o remedio, serà preciso dar algum a tanta vai-dade;

dade; & mostrar, como não he o vicio culpa do Elemento do *Ar*, que nos compoem; porque nelle mesmo temos o exemplo para a nossa reforma. *Reformamini.*

Rom. 12.
Verf. 12.

141 O Apostolo São Paulo dizia, que emchia, & aperfeyçoava em sua carne o que faltava na Payxão de Christo.

Adimpleo ea, quae desunt passionum Christi in carne mea. Nòs Colossenf. 1.
V. 24

havemos de suprir tudo aquillo, que ha de faltas em o nosso corpo com o nosso espirito. Aquelles defeytos, que nos vempella formação corporea, & carnal, hão de reformarse no Espirito. Não nos conformemos com o mundo. *Nolite conformari huic saeculo.* Não o imitemos no que tem de mão; mas reformemolo em nós mesmos; *Sed reformamini.*

Rom. 12.
Verf. 12.

142 Não falta que imitar nelle mesmo *Ar*, que parece nos inspirou tanta vaidade. Esse proprio *Ar*, que nos parece ambicioso no sobir, o *lugar* que busca he vizinho do mesmo Ceo. Esse *Ar*, que ou nos ensina a torser o *caminho*; ou nos facilita a quêda; tambem nos dá passagem livre aos olhos, para ver o mesmo Ceo; & nos franquea o *caminho* para os suspiros, para as vistas, & para os desejos. A terra por escura devemos o encobrirnos esse centro de miserias, & horrores, o Inferno; ao *Ar* por transparente devemos não nos por impedimento algum para ver aquella morada de Deos, & publico pregão da tua Gloria; & posto que tanto conserva os homês o temor do castigo; como a vista do premio: com tudo Deos nos quer filhos do amor, & não do medo: ao inferno, basta que chegue a consideração; mas prohibe que chegue a vista; interpondo o denso da terra: ao Ceo quer q̄ cheguem as vozes, & que cheguem tambem as vistas, para incentivo dos nossos desejos.

143 Notavel he a ancia com que David pede a Deos lhe desvie os olhos; para que não vejam a vaidade. *Averte oculos meos ne videant vanitatem.* E se tudo he vaidade no mundo; para onde quer David voltar os olhos, que não encontre com vaidade? *Vidi cuncta, quae fiunt sub sole, & ecce*

Psalms. V.
37.

Eccles. 1.
V. 14

universa vanitas. Se para os Elementos, tudo he vaidade, se para os homês, & para sy mesmo : *Universa vanitas omnis homo vivens.* O remedio he apartar os olhos da terra, & empregalos no *Ar*; que posto que no *Ar* se simbolize a vaidade, he o *Ar* hum Elemento que se não ve. Tudo vemos pello *Ar*; porem o mesmo *Ar* não o vemos : vemos pello *Ar* esse femozo Ceo, effes brilhantes Planetas, que com serem tão luzidos; não são mais que huás sombras das refulgentes luzes dessa morada Empyrea, em que a luz he o mesmo Christo. *Lucerna ejus est Agnus.* E que mayor lizonja nos pôde fazer o *Ar*, que ser instrumento para ver; & não meyo para ser visto : dar liberdade à vista, & não lhe servir de estorvo.

Apoc. 21. V.
23.

144. Affy havemos uzar das creaturas todas: fazer delias caminho para Deos; mas não detêr nellas como em termo. Ver pellas creaturas a Deos; mas não ver as creaturas. Há de servir, como de espelho; em que pello vidro se ve a imagem; mas não pára a vista no mesmo vidro. Deste modo se dá a conhecer Deos neste mundo. *Per speculum in enigmate.* O espelho sab as creaturas; mas por ellas ha de passar a vista, & o dezeje ao conhecimento de Deos; cuja imagem todas ellas representam: não pára a vista nas creaturas; que isso seria não caminhar a Deos.

Corint. 23.
V. 12.

145. Por isso o Apostolo, São Paulo affirmava, que nem os Anjos, nem os homês, nem outra alguã creatura o poderia apartar de Deos. *Certus sum enim, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque Principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei.* Porque não buscava São Paulo as creaturas, pello que crão; buscavaas, pello que representavão: não as pertendia, pello ser que tinham; procurava nellas a imagem de Deos.

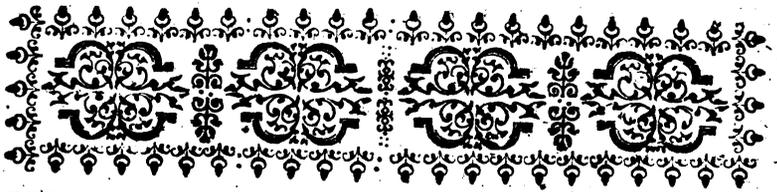
Ad Rom. 8.
V. 38. & 39.

146. As creaturas, como taes, divertem o amor, & o conhecimento de Deos; as creaturas, como espelho, declaram,

&c.

& representação melhor a Imagem do mesmo Deos. Não vejamos o espelho, mas vejamos no espelho a Imagem: não vejamos o *Ar*, que he nada, mas vejamos pello *Ar*, como por espelho transparente, essa patria, aonde se ha de achar o homem com vida, & sem vaidade; que se neste centro das misérias, & calamidades: *Calamitatis, & miserie*, he o mesmo viver, que ser va; porque a mesma vida he vaidade. *Universa vanitas omnis homo vivens*. Na outra a mesma eternidade de viver, tira o defeito da vida; porque tudo he huã bemaventurança; aonde ha gloria, & mais gloria. *Ad quam nos perducatur Dominus Omnipotens. Amen.*





DISCURSO IV.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.

EX Psalmo 38. Vers. 6.

147.



R D E o mundo todo em vaidade. Por tantas partes se ateya o *Fogo*, quantos são os homêes, que nelle vivem : *Universa vanitas omnis homo vivens*. Porém ainda que tudo he *Fogo*, & tudo *Fogo* de vaidade ; não he tudo *Fogo* do mesmo modo ; porque também as vaidades são diferentes ; quantos são os vícios, que atropellão ao homem. Huns ardem, como *Fogo* de chama ; outros abrazaõse, como *Fogo* de braza ; outros queymãose, como cinza. A huns ateasse o *Fogo* em lavaredá : esta he a vaidade da *Ira* ; a outros penetraos o *Fogo*, como braza : esta a vaidade da *Lascívia* ; em outros occultasse o *Fogo*, como em cinza : esta he a vaidade da *Enveja*.

148 Ainda ha mais differentias de *Fogo*. *Fogo* de *Relampago* he o appetite da *Honra*, que com o resplendor subito vos cêga ; & com ligeyreza, mais que repentina, se desvanesce. A esta imitação costumavão os Romanos no dia da coroação dos seus Imperadores (entre as demonstraçoens de aplauzo tão honorifico) queymarlhe diante dos olhos hum armeo de estopa ; para que se entenda, que a vaidade da *Honra* he *Fogo*, que deslumbra, & dezaparece. *Fogo* de *Rayo* he

este Fogo. Como o temos dentro de nós mesmos, he hum Fogo de outra natureza, que queyma, mas não arde: tambem fazem seus milagres os vicios; mas são milagres contrapostos aos milagres de Deos.

150 Aquella Sarfa, que Moyzes vio, foy hum prodigio tão grande, que o obrigou ao reconhecimento de que aquelle lugar era digno de grande veneração. A cauza do prodigio era, arder a Sarfa, & não se queymar. *Videbat quod rubus arderet, & non combureretur.* Porém o nosso Fogo faz outro prodigio muito differente: queymanos, sem arder; sentimos os effeytos, não vemos a chama; que se viramos a lavareda dos vicios, poderá ser que nos atemorizasse a vista de sorte, que perdessemos a vida.

Exod. 3. V. 2.

Genef. 19. Verf. 17.

Ibid. V. 26.

151 Quando do Ceo bayxou aquelle Fogo, que queymou a Sodoma; pos Deos preceyto a Lot, que não olhasse para traz. *Noli respicere post tergum.* E porque a mulher olhou contra o preceyto de Deos, ficou convertida em Estatua. *Respicensque uxor ejus post se, versa est in statuam.* Notavel preceyto; & notavel castigo! Se Lot foge dos vicios, em que Sodoma se abraza, o que tem que ver nella, he o castigo desses mesmos vicios; pois porque não ha de ver castigado aquillo, que tão justamente abomindou? E se Deos livra a mulher de Lot do incendio, como a converte em estatua? Para espaço tão breve lhe prezervou a vida? Ainda agora se he da Cidade, para que não pereça, & já perece, porque olha para a Cidade? Se ha de morrer logo convertida em estatua, que importa que morra antes convertida em cinza? Que mais importa que a mate o Fogo, ou que a vista delle lhe tire a vida? Senhores: Sodoma ardia em vicios; mas a este Fogo não se via levantar chama: depois que o Fogo (bayxado do Ceo) lhe excitou lavaredas, he tão formidavel a sua vista, que para conservar a vida, não basta fugir do incendio; he necessario tambem desviar os olhos do spectaculo. Saha Lot de Sodoma, & não olhe para Sodoma. Sahir, para não morrer

morrer do incendio; não olhar, para não morrer de pasmo. Se a mulher de Lot morresse em Sodoma, morria com o castigo: forá de Sodoma morreu de horror para exemplo, porque o *Fogo* dos vicios, em quanto se não ve, quando muito abominasse; depois de visto, mata de pazmo.

152 Ah vicios! Idolos forjados com o fogo da nossa vaidade! Quem podera reduzirvos a cinzas! Ah *Fogo* abraçador! Quem te podera descobrir as chamas! Quem tivera outro *Fogo*; vindo tambem do Ceo; *Ignem veni mittere in terram*; com que podesse queymarte a ti, & aos teus Idolos, & reprezentarte medonhos à vista os incendios, que sem os vemos, nos abração! Se eu podera tanto, não havia o preceyto fer que não olhaceys: havierys de olhar, havierys de ver, havierys de pasmar com o espectáculo, & tambem havierys de beber as cinzas do incendio.

153 Assy o fez Moyzes, quando achou o povo idolatrando. Baxxa do monte, ouve os clamores do povo solennizando o Idolo, ve que adoravão num Bezerra, & que o *Fogo* da idolatria, havia lavrado de maneyra, que chegara ao Summo Sacerdote Aaraõ. Acendesse Moyzes em *Fogo* de zelo; queyma à vista de todos o Idolo, & depois de lhe metter pellos olhos (deyxayme fallar assy) as lavaredas; dalhe a beber as cinzas; & levando logo da espada, em castigo da idolatria, mata mais de vinte, & tres mil homés.

154 Qualquer destas accoës merece grande reparo. Para que elege Moyzes o *Fogo* por meyo da destruição do Idolo? Para q̃o queyma à vista de todos? Para q̃ lhes dá a beber nas cinzas a memoria do seu dezatino? E o povo, que se amotinou contra Aaraõ, para que fizesse o Idolo; como se não amotina contra Moyzes, porque o desfaz? Como sófre sobre lhe queymarem o seu Bezerra) a execução de tão cruel mortandade? Oh! que tudo tem grande coherencia, & mysterio. Aquelle Idolo foy forjado com hum *Fogo* material, & fundio os metaes; pois seja desfeito em outro *Fogo*, que

que os consuma. Aquelle *Fogo* foy ministrado por outro *Fogo* mais ardente do cêgo appetite daquelle povo; pois cõsumasse com o *Fogo* do zelo, em que arde Moyzes. O vicio da idolatria abrazava o povo todo; mas tão longe estava de o atemorizar; que antes o festejavão cõ solemnidades. Pois queymosse o Idolo: vejaõse entre as suas lavaredas, as do peccado, que o forjou: bebão primeyro pellos olhos o terror das chamas, & depois bebão com a bocca as mesmas cinzas, & nellas o ardor do *Fogo*, que queymou o Idolo; & depois de penetrãdos do espectaculo deste incendio, depois de verem arder os seus Idolos, & o seu *Fogo*, com outro *Fogo*; se não morrerem de terror, ao menos ficarão tão atemorizados, que se não atrevão a defender a vida: se se amotinarão contra Aaraõ, para que formasse o Idolo; não se ha.o de atrever cõtra Moyzes; porque o queymou: que as mesmas chamas, que virão com os olhos, apaga as que lhes ardião no coração. Eu reconheço, que o meu zelo não tem actividade para consumir o Idolo da vaidade humana, & muito menos a que he forjada com outro *Fogo*: porem ajudado do Divino Espirito, darey algum calor a obra, discursando a natureza do mesmo *Fogo*.

S. I.

155. **H**E o *Fogo* o mais nobre de todos os Elementos; pella natureza, pella origem, pellas acçoês, & pello lugar. He pella natureza o mais puro, pois não cõfente mittera de outra qualquer couza, q possa macularhe a sua pureza; antes todas as outras couzas se purificão cõ o *Fogo*. Pella origem; porque prezume ser procedido do mesmo Sol. Pellas acçoês; porque todo he luzido. Pello lugar; porque occupa a quarta esphera dos Elementos; & ainda alguns Filozofos lhe derão por centro ao mesmo Sol. Esta he a primeyra couza, que eu confidero em a natureza do *Fogo*, & nella def-

cu-

subro logo a primeyra vaidade dos homês, que pertensem a este Elemento; porque me parece, que nestas circumstancias naturaes ao *Fogo*, vejo naturalmente retratada a vaidade da *Nobreza*, & da *Fidalguia*: vicio que a todos tenta; a huns, porque são nobres; a outros, porque o querem ser.

156 Não he assy, que os desvanecidos da *Fidalguia* costumão justarte de natureza illustre? De sangue puro, a quem não manchou a menor mistura de esphera inferior? Que dão pureza, & qualidade a todos os mais? Que descendem do mesmo Sol, & das Estrellas? Que são de esphera alta, & que estão pôstos em lugar sublimè, & marcados com *Titulos*, & nomas, *Índices* de sua altiveza? Assy he. Pois com razão pondero esta vaidade, entre as que pertensem ao *Fogo*. E até na phraze vulgar, dos homês humildes dizeyz que são filhos da terra; dos mais nobres repetiz, por zombaria, que a sua nobreza he de agoa doce; a outros lançays em rosto, que são mais de fumo, que de nobres; porq a sua nobreza he aerea; porem os que vos prezays de muito qualificados, sois lá da quarta esphera: dizeyz que sois muito illustres; tanto, como o mesmo Sol. Enfim sois homês do Elemento do *Fogo*, que na prezunção da vossa *Nobreza*, arde o mayor *Fogo* da vossa vaidade.

157 Até as fabulas antigas, quando houverão de fingir a *Jupiter* pello mais nobre de todos os Deozes, lhe puzerão na mão hum *Rayo* por insignia, que sem duvida devia ser forjado do *Fogo* do seu desvanescimento. E com mais razão chamo eu a esta *Nobreza* vaidade; porque a verdadeyra *Nobreza*, não consiste em o nascimento illustre; senão nas acçoens heroycas; não na antecipada, & successiva *Ascendencia*; senão nas obras proprias. A não na pureza do sangue, senão na do procedimento; não na magnifico dos *Titulos*; senão na dignidade do merecimento. A *Ascendencia* illustre escurecea quem a não imita: as acçoens proprias; por isso mesmo que são vossas, são as que dão *Nobreza* verdadeyra; & se a vossa

vir.

virtude vos enobresse , escuzaes a do nascimento , que he alheya.

158 Na creação do mundo faz a Escripura Sagrada

Gen. I. V. 12.

mensão, que as plantas nascerão da terra. *Protulit terra herbam virentem, lignumque faciens fructum;* que as aves , & es

Ibid. V. 21.

peyxes serão gerados da agoa. *Creavitque Deus omnem animam viventem, atque motabilem , quam produxerat aque in species suas, & omne volatile secundum genus suum :* o celeste

firmamento dà Moyzes a entender, que se formou das agoas. *Fiat firmamentum in medio aquarum : & vocavit Deus firmamentum Cælum.* Do Sol, dizem communmente, q̄ foy gerado

da luz do primeyro dia ; que ao quarto dia se unio nelle fermozo corpo de tão resplandescente Astro. Isto supposto,

pregunto. Se das mais couzas diz Moyzes o principio , & brigem de que nascerão ; porque se não diz do Sol, que foy

produzido da luz? Eu dissera , que o mayor elogio do Sol foy descreverfelhe o que era, & não se lhe fallar na origem.

Declara a Escripura, que fez Deos ao Sol o mayor de todos

os Astros. *Luminare maius* ; que o pos por Presidente do dia. *Ut præset dies*, para divizão dos tempos. *In signa, & tempora.* Pois bãsta, que se lhe escrevã as accões, & o luzimento proprio, he escuzado, que se lhe aclare a luz da sua

origem. Isto tem de Astro mayor, ser creado com tanta luz, que não só pòde luzir ; mas comunicar luzes a outrem ; &

isso tem as mais creaturas de menos illustres, que quanto as suas accões são menores ; tanto he mais precizo descreverfelhes os principios do seu nascimento ; antes por isso mesmo ;

que se lhes descrevem, ficaõ menos qualificadas.

159 Não foy necessario fallar na origem ao Sol, & se se lhe buscasse, era a primeyra luz. As plantas, as aves, & os

peyxes acharião, quando muito, por *Aods, Terra, & Agnas* ; & *Terra, & Agna*, que couza eraõ? O Texto o diz. *A 1 era*

ra vã, & vazia : Terra autem erat inanis, & vãua. A *Agna*

abyssino entre trêvas. *Tenebræ erant super faciem abyssi.* E a

quan-

quantos succede; que buscando, como Soes, a origem na luz; ou procurando, como *Fogo*, o nascimento no Sol, se achão, como plantas, nascidas da terra vã, que a quatro enxadadas lhe solta as raizes; & os que ficão melhorados, se achão não como peyxes na agoa, mas como peyxes entrê abyssos, & entre trêvas; que para as desfazer, he necessario hir buscar luz ao principio do mundo, que *Dividat lucem à tenebris*:

160. Dezenegannemos Senhores que a nossa *Nobreza* ha de nascer de nós, & não dos nòssos. A que vem dos nòssos, he alheya, & a que tem principio em nós, he propria, & he para nós mesmos. A mayor *Eidalguia* que ha; nem póde haver, he o ser filhos de Deos; & desta *Nobreza* qual he o principio? Dous são. Hum he Deos, outro somos nós. Deos, que nos adopta por filhos; & nós, que soccorridos dos seus auxilios, fazemos por merecer a adopção. Vede que principios são honrados: hum principio, sem principio *ab eterno*: outro principio de sua mesma *Nobreza*, sem dever nada, mais que a Deos, & aos seus actos meritorios. Não intento eu dezeitimar a *Nobreza* dos *Avós*, quando o mesmo Christo fes tanta estimação da antiguidade da sua *Ascendencia*: porem comparada *Nobreza* com *Nobreza*; a da virtude, com a dos *Avós*; a da graça com a da natureza; aquella he a verdadeira *Nobreza*; esta me parece hum sonho, & huã vaidade; & se me não engano representada ao vivo em huã estatua sonhada.

161. Aquella estatua de Nabuco, diz o Propheta Daniel, que constava de cabeça de ouro, peyto, & braços de prata, ventre de bronze, pernas de ferro, & pees de barro. A estatura era mais que grande, desmedida; & a composição de tanta variedade de metaes, que meteu em confusão ao mesmo Rey. Se a começasseys a medir dos pees até a cabeça, de cada ves sobia em valor, até chegar aos quillates de ouro finissimo; porem principiava por todo: Se a mediceys da cabeça até os pees, começava por outro; mas acabava em barro.

Dan. 2.V.34

barro. A liga de todos estes metaes significava a successão de quatro Imperios. Cahio huã pedra do monte: *Abscissus est lapis de monte*: tocou nös pees da Estatua. *Percussit statuatam in pedibus*; & desvanesceuse a Estatua toda: *Redacta est quasi in favillam*. He possível, que não só ha de cair a Estatua por falta de pees; senão que ha de dezaparecer toda; porque se lhe arruinou huã parte? E se toda a Estatua ha de dezaparecer; affy como havião de acabar successivamente todos os Imperios, que nella se representavaõ; porque não dezaparece primeyro o ouro, que significava hum Imperio, & depois a prata, que representava outro; senão que tudo junto se desvanesce? Vistes a Estatua, & ouvistes as razões de duvidar? Ora vede agora na mesma Estatua a semelhança da nossa vaidade, & as razões de decidir.

162 Qualquer geração illustre he huã Estatua; porem formada por diferentes modos. Huãs vezes começa a Estatua em pees de barro; cresce em pernas de ferro; avulta em ventre de bronze; dillataffe em peyto, & braços de prata; sublimasse em cabeça de ouro. Outras vezes he pello contrario. Começa em ouro; perde de valor em prata; avilitasse mais em bronze; diminuesse em ferro; & ultimamente acaba em barro. Em huns teve origem a *Nobreza* de principios bayxos, mas foraõse melhorando com progressos mayores; até que chegarão a lograr a perfeysão mais subida, & os *Titulos* mais crescidos, simbolizados na cabeça de ouro. Em outros principiou a *Nobreza* pella cabeça de ouro; mas no progresso dos *Descendentes* foraõ perdendo tanto de valia; quanto degeneraraõ da cabeça; até que ultimamente chegarão a ter só o *soro* de barro; que ainda que o sejaõ por natureza; querem por força desvanescer se com o ouro da cabeça; porem como he parte da Estatua, prezumem que lograõ os privilegios da Estatua inteyra. Outros, posto que o seu merecimento os fes sobir à estimaçãõ de ouro, não se lembraõ de que essa Estatua começou a crescer, & a sobir sobre a vileza de

de barro; mas de hum, ou de outro modo, tudo he Estatua, & Estatua sonhada. *Hoc est somnium.*

Ibid. V. 35

163 Demaneyra que os *Ascendentes*, & os *Descendentes* são os metaes, de que se compoem successivamente as vossas Estatuas. Acabado hum, começa outro: defunto este, principia aquelle em successão continuada: porem como a vossa phantezia não sonha em outra couza, representasselhe sempre a Estatua inteyra. Tòcavos a pedra da campa nos pees de barro, (que de barro fois formados todos) reduzvos a cinza; que he da Estatua? Lá vay toda inteyra: *Redacta est quasi in favillam. Nullusque locus inventus est eis.* Primeyro acabou hum metal, que era o *Pão*: antes havia acabado outro metal, que era o *Avò*: ainda antes, outro metal, que era o *Bizawo*; mas ainda que acabaraõ com successão; a vossa vã phantezia representou os metaes unidos em huma Estatua. Pois se vós, com o tòque da pedra, vos reduzistes a pó; com vosco já acabou a Estatua toda; nem lugar tem, em que saybamos, que ha estado. *Nullusque locus inventus est eis.* E se isto assy he; cu eu seja os pees da Estatua, & começasse em barro, ou os metaes se mudem, & eu seja cabeça; se eu me arruino, se eu não faço parte da figura na Estatua: lá vay a Estatua inteyra; & o peyor he, não saber, que lugar terá o ouro a esta hora, & que lugar terá o bairo daqui a pouco. Que trabalhoza couza he não se saber o lugar das Estatuas, que dezaparecem; & cuidar só no lugar, que tem em quanto sonhadas. A Estatua de Nabuco referiolhe Daniel o lugar, que tinha, quando a sonhou; mas não lhe soube referir o que tinha depois de cahida. *Nullusque locus inventus est eis.*

164 Vós chamays a isto *Arvores da Nobreza*: os antigos contavaõ-na pellas Estatuas; tanto mais illustres, quanto mais cheyas de fumo, & denegridas com o inveterado dos annos. Chamaylhe como quizerdes. Se são Arvores, lá tem já hum machado ao tronco. *Iam enim securis ad radicem ar-*

Matth. 3.
Vers. 10.

G

borum

Luc. 3. V. 9. *borum posita est.* Se são Estatuas, lá as espera huã pedrada no barro. *Abscissus est lapis: percussit statuam in pedibus ejus scilicet.* Se são de s antigos, a sua Nobreza he fumo; & finalmente se he, como a de Nabuco esclarescida, resolvesse em cinza; & fumo, & cinza, que outra couza são, senão effeytos do Fogo da nossa vaidade.

165 Na interpretação, que Daniel fes a Nabuco da sua Estatua; o Rey se postrou humildemente por terra: *Tunc Rex Nabuchodonosor cecidit in faciem suam, & Danielem adoravit.* Porem de lhe declararrem, q elle era significado na cabeça de ouro. *Tu es ergo caput aureum:* tomou fundamento para mandar fazer huã Estatua de ouro toda. *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream.* A qual Estatua quiz o Gentio que todos adoracem. *Omnes populi tribus, & lingue adoraverunt statuam auream.* E mais a Estatua era huã, & quem a interpretou era Daniel. E como não entenderey eu, que depois de vos interpretar os vossos sonhos, torneys a formar Idolos, que seião a vossa, & queyraes, que seião tambem a nossa adoração. Finalmente os sonhos não ficarão desvanescidos; ficará sy os que sonhão: quanto mais que a interpretação he minha, que não sou Daniel; & as Estatuas são tantas, quantos são os homês: *Universa vanitas omnis homo vivens.*

S. II.

166 **E** Assy como a antecipada ferie dos *Ascendentes*, não he a que faz a verdadeyra Nobreza; assy também a não dá os *Titulos*, & os *Lugares*, que elles tiverão. Aos *Ascendentes* fes nobres o seu merecimento; a nós nos pôde fazer ou a imitação, ou o excessso. Na *Metaphyzica* em que todas as couzas se dividem em *Predicamentos*: em hum *Predicamento* se poem a *Acção*; em outro a *Qualidade*, em outro o *Lugar*: porem na Filozofia moral, quizera eu, que o

Pre-

Predicamento da Acção é se o **Lugar**, & **Qualidade**. Sabeys em que **Predicamento** vos poem a **Qualidade**, & o **Lugar**? No mesmo em que vos pozerão as **Acções**: & assy se haveys de contar **Ascendentes**, contayos pellas peçoas, pellas virtudes, & não pello **Titolo**; porque os **Titolos** (quando muito) são para succedidos; as peçoas são para imitadas, & se poder ser excedidas. Ser filho de hum **Titular**, serà **Nobreza**; mas não será a mais acreditada. Ser filho da peçoas, & da virtude, que mereceu o **Titolo**, éssa he a mais qualificada, & esclarecida **Nobreza**; & em o nome de **Filho** vay incluza a obrigação da semelhança.

167 A mayor nobreza, que houve, nem pôde haver, he a de Christo, & reparo eu muito no modo com que S. Mattheus lhe descrove a **Genealogia**. *Liber generationis Iesu Christi*. Começa a contar o Evangelista os **Ascendentes** de Christo, & o primeyro **Avo**, que lhe nomeya he David: *Filij David*. E proleguindo logo com a mesma narração genealogica, quando chega a dizer, que David gerou a Salamaõ, dá a David o **Titolo** de Rey. *David autem Rex genuit Salomonem*. Duvido assy. Se quando o Evangelista nomeya a David por Páe de Salamaõ, lhe dá o **Titolo** de Rey; porque o nomeya somente por David, quando o poem por **Ascendente** de Christo? Demaneyra que David Páe de Christo he David: *Filij David*. E David Páe de Salamaõ he Rey? *David autem Rex*? Qual pôde ser a razão desta differença? Dizey a que me occorre para o intento, & notay bem. Porque para Salamaõ pôde ser **honor** a Magestade dos seus **Progenitores**; possem a Christo só o acredita o heroyco da peçoas dos seus **Ascendentes**. Pois éssa he a razão, porque quando S. Mattheus nomeya a Salamaõ por filho de David, lhe declara o honorifico do **Titolo** de Rey, que tinha David seu Páe: *David autem Rex genuit Salomonem*; mas quando nomeya a Christo por filho de David; somente lhe declara o heroyco da sua peçoas. *Liber generationis Iesu Christi filij David*.

Matth. i. V. 2

Ibid. V. 6.

168 Quanta differença vay de Christo a Salamaõ; tanta ha de hir no modo de lhe contar os Pães. A peçoa tão grãde, como a de Christo, se se lhe haõ de cõtar os Pães; contenfelhe pellas peçoas; porê a Salamaõ contêfelhe pellas Dignidades. A Christo desselhe por-Pãe David, como David; *Liber generationis Iesu Christi filij David*. A Salamaõ authorizesse com David, não como David, senão como Rey. *David autem Rex genuit Salomanem*. Salamaõ he filho de David Rey; mas não he filho de David, David. He filho de David Rey; porque lhe succedeu na Corõa; mas não he filho de David, David; porque se dezafezelhou nas acçoês. Filho de Rey, sy; porque tambem foy Rey: filho da peçoa, não; porque não se pareceu com ella. E como pôde ser filho de David Santo, Salamaõ; idolatra? E como pôde ser filho de David, costumado ao trabalho do campo, & da guerra; Salamaõ; creado entre as dilicias de Palacio; & tratado com o secego da paz? E como pôde ser filho de David, que derrubou Gigantes; Salamaõ, que se postrou a Idolos? Filho de David, isso não: quando muito serà filho do Rey: *David autem Rex genuit Salomonem*. E quanto em David forão mais para estimar os merecimentos da peçoa; que a Dignidade; tanto he mais authorizado contar-se polla peçoa; quando se nomeya por-Pãe de Christo: *Descendente*, que o havia imitar, não só nas acçoês; mas exceder tão imcõparavelmente.

169 Mas como havião dar *Nobreza Titolos, & Dignidades*, que acabarão nos outros, & hão de acabar em nós? Faltou o *Titulo*, quando faltou a vida; & a *Nobreza* verdadeyra comêça donde o *Titulo*, & a vida acaba. Quando Christo espirou na Cruz, adverte o grande Evangelitta São João, que inclinara primeyro a cabeça. *Inclinato capite tradidit spiritum*. Grande he o cuidado, que cauzou aos Expozitores Sagrados esta inclinação. Muitos disserão, que este inclinar da cabeça, fora fogit ao titulo de Rey; que Christo tinha na Cruz: *Iesus Nazarenus Rex*. Accommodando-

Joan. 19. V.
30.

Ibid. V. 19.

me agora a esta exposição : pergunto. E não havia Christo logrado muitas vezes este *Titulo* em Bellem; quando os tres Reys o buscarão? *Ubi est qui natus est Rex?* Não admitio então as adorações, & offertas como Rey? He certo. Não consentio no mesmo *Titulo* na pergunta que lhe fes Pilatos? Consentio. Pois porque razão foge na Cruz com a cabeça a este *Titulo*? A ocazião nos dà a resposta. Diz o Evangelista; que no mesmo instante, em que Christo inclinou a cabeça, espirou: *Inclinato capite tradidit spiritum.* E não ha *Titulo* tão merecido, que não acabe; quando se espira. O mesmo he largar a vida, que acabar a Dignidade. Pôde Christo consentir o *Titulo* de Rey em vida: *Iesus Nazarenus Rex;* Mas recuzao, para nosso exemplo, na morte; porq̃ a morte he hum momêto aonde todos os *Titulos* do mundo acabão, & donde começa a verdadeyra *Nobreza* para o outro. Isto mesmo havia ditto Christo na resposta, que deu a Pilatos: *Regnum meum non est de hoc mundo.* Quando se môrre, acaba hum Reyno, & comêça outro; & o mesmo he fogir aos *Titulos* antecedentes, que segurar os futuros. Nunca Christo segurou mais que o seu Reyno não era deste mundo, que quando fogio com a cabeça ao *Titulo*, com que nelle o acreditarão. Não só fogio Christo ao *Titulo* de Rey, senão tambem ao de filho de Sua Santissima Mãe; porque tirando à Senhora o nome de Mãe, só lhe deu o de Molher: *Mulier ecce filius tuus.* Aprendamos deste exemplo. Se eu morro, que importa de quem sou filho? Se a vida acaba, que importa a Dignidade Real? Não está o ponto no que se deyxá, senão no espirito, que se entregá; & a quem se entregá. Se se entregou ao Páe. *Pater in manus tuas commendo spiritum meum.* Temos o mais nobre Páe, que pôde haver; se se entregou ao Páe; logramos o melhor Reyno; se finalmete se entregou ao Páe, logramos a mayor, & mais esclarecida *Nobreza*.

Math. 2.V. 2

Ioan. 1 8.V. 36.

Ioan. 19. V. 26.

Luc. 23.V. 46.

170 A verdadeyra *Nobreza*, já que se appellida com semelhantes de Sol, ha ser como o mesmo Sol. O Sol tem

dous Emyſpherios. Eſte em que habitamos ; & o inferior, em que habitão os *Antipodas* Para nós he illuſtre, quando aparece no Oriente : para os *Antipodas* reſplandeffe, quando agonia no Occazo ; & o meſmo he ſepultarſe entre as ſombras ; que renascer a novos reſplendores. Affy deve ſer a poſſa *Nobreza*. Dous Emyſpherios temos em que luzir. Hum neſte mundo ; na bemaventurança outro. As *Nobrezas* do mundo principião no Oriente ; a verdadeyra *Nobreza* da Eternidade tem a ſua origem no Occazo. Para eſte mundo começamos a luzir, quando nacemos ; para o outro, quando nos ſepultamos. Porem o circulo, que deſcreve a noſſa luz, he breve, & acaba : o progresso, que ha de fazer ao depois, he ſem termo. Veja cada hum de nós (daquelles que ſe prezão de mais illuſtres) que tal he o Occazo deſte Emyſphario ; & dahy entendermos todos, qual ha de ſer o Oriente do outro. Não ſe medem as noſſas luzes, pelo que luzirão os noſſos antepaſſados ; medemſe pelas ſuas ſombras.

bb17.V.14.

171 Affy começa o Santo Job a contar o luzimento dos ſeus *Ascendentes*. *Putredini dixi, pater meus es, mater mea, & ſoror mea vermicibus*. Conta na ſua *Genealogia* por Pais a corruptão, & por Irmãos aos meſmos bichos. Couza he eſta, que parece contra a Filozofia natural ; porem não he contra a moral Filozofia. Na Filozofia natural, o corpo humano terminaffe em corruptão, rezolveſſe em bichos ; mas não vemos, que nasça delles : o ſeu nacimiento he mais alto, & mais nobre. Demaneyra, que a corruptão he filha do corpo, & não o corpo filho da corruptão ; porem na Filozofia moral contão ſe as *Ascendencias* por outro eſtylo ; porque a mais eſclarecida *Nobreza* dos *Descendentes* começa na confideração das ſepulturas dos ſeus antepaſſados. De entre a corruptão renasce a *haura* ; de entre as ſombras o reſplendor. As ſepulturas ſão os *Progenitores*. Nellas profunda mais as raizes a arvore das noſſas *Ascendencias*.

172. Ao mesmo Job dizia hum dos seus amigos, que iria para a sepultura, affy como o trigo vay para o celeyro. *In Cap. 5. V. 26. gredieris in abundantia in sepulchrum, sicut acervus tritici tempore suo.* Bem dito. O trigo recolheffe no celeyro, para d'hy se tirar, & fazer huã nova fementeyra; & lançandosse, & escondendosse na terra; vemos, que hum só grão fructifica multiplicadamente. Affy hão de ser as nossas cinzas; ou affy das cinzas dos nossos antepassados havemos contar a multiplicidade da nossa *Descendencia*. Hão de esconderse na terra, & dessas cinzas escondidas na sepultura (como trigo ditozamente semeado) crescerá mais vistozza, & esclarecida a propagação da *Nobreza*, que tanto nos leva o appetite. *In gredieris in abundantia in sepulchrum, sicut acervus tritici tempore suo.*

173. Quanto mais o *Fogo* da nossa vaidade abater, entre o fumo destas sombras o resplendor das suas lavaredas; tanto ao depois renascerá mais brilhante, para arder na *Eternidade*, não em fumo de vaidade; mas em holocausto de louvor; & quanto o esqueffimento deste futuro faz, com que o resplendor desta leve chama da nobreza nos deslumbre mais a vista; tanto se ateya mais em nós o *Fogo* da vaidade. *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. III.

174. **A** Segunda propriedade, que eu acho em a natureza do *Fogo*, he o insaciavel appetite com que arde; cavandosse perpetuamente em qualquer pábulo. Todos os mais Elementos de tal modo conservão a sua natureza, que não necessitão de outra couza para se sustentarem: só o *Fogo*; se não acha em que se sustente, perde o ser; & com tanta voracidade appetee materia em que arda; que como em circulo; quanto mais arde nessa materia, mais cresce, & quanto mais cresce, mayor materia dezeja para ar-

der de novo. Porem huã, & outra couza gasta, & confõme de maneyra, que reduzindo tudo a cinzas, a materia perece, & o Fogo apagasfe. Notavel semelhança com a vaidade da *Ambição* humana!

175 De todos os vicios podemos dizer, que são *Fogo*; porque verdadeyramente são as enfermidades, com que arde em febre o coração humano; porem o vicio da *Ambição*, parece que com especialidade tem a semelhança, & a natureza do *Fogo*. Appetece o ambiciozo riquezas, honras, fama, dignidades; assy como o *Fogo* appetee a materia em que se ateya. Deulhe a fortuna o complemento ao seu dezejo: parecevos que está satisfeyta a *Ambição*? Não, que he *Fogo*; & quanto mais arde, mayor materia lhê he necessaria para mais arder. Com elegancia o disse Seneca. *Maiora cupimus, quo maior a venerunt, ut flamma infinita acrior vis est, quo ex maiore incendio emicuit*. Cresce o dezejo, quanto cresce a fortuna; porque o dezejo he *Fogo*, & a fortuna he lenha; & quanto a lenha he mais copioza, tanto o incendio he mais crecido. Com huã differença, que o *Fogo* confõme a lenha; em que se ateya; a *Ambição* faz arder infaciavelmente o coração humano; & quanto mais arde, mayor materia fabrica para novo incendio; porque o *Fogo* gasta a materia, que tem; a *Ambição* ateyasse na que pôde ter. O *Fogo* que yma o q̄ acha presente, a *Ambição* cresce até com o que pôde ser futuro: o que tem presente he menos; o que espera futuro, isso he o mais.

176 Oh desgraça da *Ambição* humana, que inventou caminho com que estorvasse a sua felicidade! A felicidade humana confiste no bem possuido, a *Ambição* não quer, senão o bem esperado. O que tem na põsse, de antes, foy dezejo; possuido, he desprezo: o que pôde ter he só o que lhe arrasta todos os cuidados. O possuido he nada; o esperado he tudo. Não he muito que tenha este deteyto a *Ambição*; quando tambem se acha entre a piedade.

177 Aquel-

177 Aquelle Rey Ezechias (de que já fiz menção no Sermão antecedente) lamentandosse , de que se lhe cortassem os dias da vida : dizia affy. Eu no meyo dos meus dias hey de acabar a vida. *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi.* Busquey (diz tambem) o résto dos meus annos, & lastimoume, que não houvesse de lògrallos entre os vivos. *Quæsvi residuum annorum meorum, & dixi, non videbo Deum in terra viventium.* Já fazeys o reparo na differença de pallavras. Quando Ezechias se queyxa dos poucos annos, que tem vivido, chamalhes dias. *In dimidio dierum meorum.* E quando lança a consideração aos que tinha para viver, chamalhes annos? Cuidava eu que havia ser pello contrario; porque os dias, que Ezechias tinha vivido, erão annos, & os annos, que tinha para viver, podião não ser dias; nem ainda horas. Pois como aos annos, que já viveu, chama dias; & aos dias, que não sabe se vivirá, conta por annos? São computos, que fazo dezejo humano, em cuja *Arithmetica* he muito differente o crescer dos numeros. Os annos, que já se lográrao (se he que se lògra o que já passou) como se tem delles a posse; antes de o serem; poderião ter o nome de annos, quando se dezejárao; depois de o serem; cõtaõ se por dias; porque se possuirão. Os dias futuros; porque podião possuirse; porque erão dezejados; crescerão à grandeza de annos; & annos já reputados por seus. *Annorum meorum;* & taõ seus, que como seus os busca: *Quæsvi residuum;* & como roubados os chõra. *Flevit Ezechias fletu magna.*

Iſai. 38. v. 10

Ibid. V. 22. 10

Ibid. V. 4

§. IV.

178 **O** Mesmo que passa nos dezejos da vida, entre queyexas lastimozas, passa tambem na *Ambição* humana das honras, & das riquezas. Appeteceys ambiciosamente huã Dignidade grande; parecevos que com isso ficará satisfeyto o vosso dezejo? Pois he como se imaginareis,

reis, que se ha de apagar o *Fogo*, lançandolhe lenha em que se ateye. Lograys a Dignidadê, que appetecestes; já he pouco; porque he possuido; já o vosso dezejo appetece mais: como ardeu mais *Fogo*; que muito necessite de mayor materia? Consequistes elle mais; já tornou a ser menos; & o *Fogo* principiou, outra vez, a dezejar de novo.

179. Aonde vaz *Ambiciozo* com tão abrazado impeto? Para que appeteces couza, que has de converter em cinza? Já sey a razão de dezejares sempre mais, & mais; porque o que possui a tua *Ambição*, he como o que ardeu com o *Fogo*. O que ardeu, ficou cinza; o que se possuiu, ficou nada: nem a cinza sustenta o *Fogo*, nem a *Ambição* se alimenta no possuido. Aonde ha de fazer termo tanto incendio; senão desfazendosse em vapor, fumo, & estrondo; por que não olha o ambiciozo para os principios, em que começa; senão para os caminhos, em que ha de crescer. *Non unde venerit, respicit, sed quò tendat.*

Seacc. ibid.

180. Ainda fora menos que o *Fogo* da nossa *Ambição* procurara a materia, em que mais se accendesse; porem cresce a tanto; que dezeja gastar essa materia de maneyra, que não tenha em que se accender o *Fogo* alheyo. Tão folicita he a vaidade da nossa *Ambição* de usurpar para sy toda a felicidade, que nem ainda depois de sy, quer que outrem a logre. Disseo Christãmente o Filozofio Genticio. *Relinque ambitū*; deyxay a *Ambição*: *Tumida res est, vana, ventosa*; porque he couza toda vã, & cheya de vento: *Nullam habet terminum*; não tem termo; nem limite: *Tam folicita est, nequem ante se videat, quàm nec post se allumit*; igualmente parece que importa à nossa *Ambição* crescer mais que todos; que nem depois de nós queremos que outrem cresça.

181. Não sey se ouvistes atégora reparar bem na grande teyma, com que Salamão perseguiu a Ieroboam; porque se advertidamente lerdes o Texto: posto que Deos (pella idolatria de Salamão) lhe queria tirar o Reyno da descendência, não

não queria tirarlhe o da peçoa. Queria que Salamão fosse Rey em quanto vivesse, pellos merecimentos de seu Pae David; mas dispunha, que lhe succedesse no Reyno Ieroboam, & o mesmo foy declarar-lhe esta rezolução pello Propheta Ahias, que intentar Salamão tirar a Ieroboam a vida. *Voluit ergo Salomon interficere Ieroboam.* Notay aquella pallavra *Ergo*, que he cauzal. Que perliga Izau a Iacob, he contenda sobre-lhe haver furtado na benção o morgado: que pertença Saul matar a David, he receyo de que entre as aclamações da victoria, lhe caya da cabeça, & se ponha na de David, a Coroa: que Abimalech, filho natural, mate setenta Irmãos legitimos, he *Ambição* de querer ser preferido: que levantem motim Dathão, & Abirão, he oppozição sobre qual ha de ser o Summo Sacerdote: que Athalia mate toda a geraçam Real, he querer o caminho franco para o Sceptro. Atéqui pertende a *Ambição* tirar o aumento proprio do abatimento alheyo. Mas que Salamão com o seguro, de que ha de ser Rey, em quanto viver, se abnize tanto na sua *Ambição*; que ainda lhe faça sombra o que pôde ter outrem depois da sua morte; he querer estender os termos do vicio além dos limites da vida. Que appetença o *Fogo* lenha, em que arder, he natureza do *Fogo*; mas que intente consumir essa lenha, de forte, que não tenha depois em que se apayar, he querer fazer estaque dos incendios. Já que a vossa *Ambição* arde em quanto viveys, não acabará depois da morte? Ha de acabar a vida; & não ha de ter fim o vicio? Não ha mais materia para o vosso *Fogo*, que as vossas cinzas; & ainda julgays, que vos importa não haver cinzas, em que se fomite outro *Fogo*?

182 Com grande acordo disse o mesmo Salamão (que foy juntamente dar os ditames, & incorrer nos crimes) que tres couzas erão infalliveys, & que além destas havia outra, que nunca dizia *basta*. O que não se satisfaz, he o *Inferno*, a *Lascivia*, & a *Terra*. O que nunca diz *basta* he o *Fa*

Proverb. 30.
V. 15. & 16.

30. *Tria sunt insaturabilia, & quartum quod nunquam dicit: sufficit. Infernum, & os vulvæ, & terra, que non satiatur aqua: ignis verò nunquam dicit: sufficit.* Sem duvida fallou aluzoriamente do Fogo da nossa *Ambição*. Porque a *Lascívia* se he voraz em vida, perde a voracidade; ainda antes da morte. O *Inferno* se ateya as suas chamas nos mortos; ao menos não as emprêza nos vivos. Porem o fogo da *Ambição* igualmente se ateya em nós na vida, & parece nos quer acompanhar, ainda depois da morte. Não basta a Salamão, que logre o Sceptro quarenta annos; senão que ainda pertende lhe não succeda Ieroboam, depois da morte, no Reyno. Como se fora pouco arder o Fogo em chamas na vida; se não se conservara nas cinzas depois da morte. Porem assy havia de ser, que a *Ambição*, que se não extingue, em quanto vivemos; dura, ao menos, para o castigo, depois que acabamos.

Luc. 16. V.
24.

183. Aquelle Rico Avarento, de que falla São Lucas no Cap. 16. queymandosse, & abrazandosse em lavaredas; dizia assy. *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarum, utingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma.* E que incendios ferão estes tam intolleraveys, que obrigão ao Avarento a pedir tão instantemente algum refrigério? E se são tão grandes, & intolleraveys, como o mesmo Avarento significa; que refrigério pôde ter com o leve toque de hũ dedo molhado em agoa fria? E se se lhe ha de dar este refrigério; porque razão lho ha de dar Lazaro? Direy o porque. Os incendios, em que este miseravel se abraza, são de Rico, & de Avarento; & porque nelles ardeu em vida; nelles se abraza depois de morto. Porque o vicio da *Ambição*; que se não pôde domar na vida, para o remedio: dura depois da morte, para o castigo. O refrigério, que pede, he huã gotta de agoa, & essa da mão de Lazaro; porque nenhuã couza apaga mais o incendio da *Ambição*, que o refrigério da pobreza. Ao Fogo, a quem nenhuã materia bastou para arder; huã gotta de agoa da mão de Lazaro.

zaro, parece que bastava para o refrigerar. Mas buscou tarde o remedio: pediu na morte, o que devia pedir na vida; & pareceulhe, que do mesmo modo com que Lazaro pobre fogira ao *Fogo*, podia elle mitigar o incendio.

184 Dezenganemonos os que ardemos nestas chamas, que importa muito desviar a lenha, para que não crezca o *Fogo*. Ao Avarento huã gotta de agoa lhe parecia; que podia ser refrigerio a tanto incendio. Porem importa hir mais adiante com a consideração. A agoa, se he pouca, accende mais o *Fogo*: se o nosso *Fogo* he muito, he necessário que a agoa seja mais: mas querer, q quando as lavaredas se ateyão, huã gotta de agoa as apague; he querer refrigerio: *Ut refrigeret*; & esse em huã pequena parte: *Linguam meam*; porem não he querer apagar o *Fogo* de todo. O como se apaga, he tirandolhe a lenha, & acrescentando a quantidade à agoa. Tirando a lenha; cortando pellos appetites: acrescentando a agoa, com o exercicio das virtudes. Se nos não móva a razão desta doutrina: movanos o exemplo dos que a experimentarão verdadeyra.

§. V.

[185] **A** Ppareção em theatro os ambiciozos do mundo. Aparece tu Alexandre Magno. Appeteceste o imperio do mundo com tanta *Ambição*; que choravas, o que antecipadamente havia conquistado teu Páe Felippe; como se fora diminuição da tua gloria, a sóbra da tua *Verãsa*. Atẽgora ponderey como a *Ambição* se estende além da morte. Tu quizeste antecipalla à mesma vida. Dominaste enfim o mundo: nenhuã couza comprehendeste, que não conquistasses. Queymaste as riquezas adquiridas, para adquerir outras de novo; como se o possuido fora já cinza remanecẽte do teu incendio; & o dezejado lenha para arder de novo. Viste sogeytos ao teu dominio os mayores, & mais poderos-

zos Reys: não foy necessario , para lograr estas fortunas , mayor espaço de vida, que o de vinte, & nove annos de idade. Em que há parado todo este incendio ? Não sey como ainda dura na memoria por beneficio dos *escritos*. Para que he arder tanto, se te has de apagar tão depressa ? Que importa suba hum *Fogueta* ligeiramente até as nuvens ; se entanto sóbe, em quanto arde ; & no fim ou acaba de estouro ; ou se rezolve todo em lagrymas ; que parece lamentão a sua pouca duração no seu precipicio.

186 E tu Salamão, Rey soberano, grande , & pacifico, que obra intentaste de tanta Magestade , que não conseguiste o teu desejo ? Que riquezas appeteceste de partes tão remotas, que te não conduziſſe a tua fortuna ? Que segredos tão occultos da natureza , que te não revelasse a tua sciencia ? Em que ha parado tanta grandeza, & tanta fortuna ? Ainda que foste idolâtra, da tua bocca quero ouvir a resposta. *Vanitas Vanitatum, & omnia vanitas*. Subamos mais alto na cõsideração da *Ambição*, que a natureza do *Fogo* sempre he subir. Tu Lucifer, Estrella da menbã : *Qui manè oriebaris* ; Anjo tão perſeyto em a natureza ; posto em lugar tão alto ; destinado para fim tão nobre : dize, em que ha parado a *Ambição* com que intentaste sobir a mais ? *Super astra Deorum exaltabo folium meum*. Como cahiste ao mesmo tempo em que querias sublimarte ? *Quomodo cecidisti Lucifer, qui manè oriebaris* ? A tua *Soberba* não quereá confessar o teu castigo ; mas de clamo a Sabedoria de Christo.

187 Quando os Discipulos de Christo se prezavão de que os Demonios lhes tendessem foyeyção : lhes disse o mesmo Christo ; *Videbam Satan sicut fulgur de Cælo cadentem*. Eu vi a Lucifer cahindo do Ceo , como hum *Rayo*. Já no principio vos expliquey a natureza do *Rayo* : adverti agora em outra circumſtancia, que conduz ao intento. O *Rayo* he *Fogo*, que bayxa do Ceo ; mas antes que bayxe, sóbe às nuvens. Demaneyra, que para hum *Rayo* cahir do alto da nuvem ;

Ecclez. i.
V. 2.

Iſai. 14. V. 12

Ibid. V. 13.

Reverſi ſunt
eum gaudio,
dicentes :
Domine et-
tiam De-
monia ſub-
jiciſſur no-
bis in nomi-
ne tuo. Luc.
10. V. 18.

venha; he necessario, que primoyro suba da terra a exhalção ardente. Deste modo foy a q̃rêda de Lucifer. Sobio ambicioza exhalção de Fogo, a querer collocar o seu throno sobre as nuvens. *Ascendam super altitudinem nubium.* Pois claro estã, que havia cahir dessas nuvens com tão estrondozo impeto, como hum *Rayo*. *Sicut fulgur de celo cadentem.* E notay: que vay grande differença de cahir, a derrubarem-vos; porque o derrubarem-vos, pôde ser impulso estranho; & o cahir, parece que he principio voluntario. Donde infero; que quanto foy natural à *Ambição* de Lucifer o querer subir; tanto lhe foy mais natural a queda nõ descer. *Videbam Satan sicut fulgur de celo cadentem.*

188 Esta he a razão; porque quando o Diabo tentou a Christo pello caminho da *Ambição*. *Hec omnia tibi dabo.* Mat. 4.V.9 Assy como teve ouzadia para o tentar; para o derrubar faltoulhe o impulso. Disse a Christo, que cahisse. *Si cadens.* Como entendendo; que o mesmo era encorrer Christo no crime de ambiciozo; que preparar-se voluntariamente para a queda. *Mittete deorsum;* lhe disse na segunda tentação. Ibid. V.6 Derrubayvos a vós mesmo: que o caminho de hum homem se precipitar voluntario (como *Rayo*) he o querer subir por *Ambição*, como *Fogo*. Quiz Satanaz que cahisse Christo, como elle havia cahido; porque o Demonio bem reconhece aquêda; ainda que a sua inflexibilidade nõ queyra confesala.

189 Agora entenderẽys a razão, porque fallando o Evangelista mimozo, no seu Apocalypse, da queda de Lucifer, & seus sequãzes: diz que o Dragão derrubou em terra a terçeyra parte das Estrallas. Isto he, que Lucifer precipitou a terçeyra parte dos Anjos. *Cauda ejus trahabat tertiam partem stellarum caeli.* Apoc. 12.V.4 E que depois da queda se lhes não achou mais lugar no Ceo. *Neque locus inuentus est eorum amplius in celo.* Ibid. V.8 Porque Estrallas; porque *Fogo*, a quem lugar tam alto, ainda pareceu bayxo; nõ só cahem, como *Rayo*, senam que

que dezaparecem, como *Fogo*; & de tal sorte, que nem do lugar se lhes achão vestigios. Ao *Fogo* material fica, por sinal do lugar, em que ardeu; a cinza da lenha que consumio; porem o *Fogo* da *Ambição*, como he tanto mais activo; nem cinzas deyxá, para testemunha do lugar, em que se ateyou.

190. Estes são os grandes exemplos da *Ambição* humana; mas todos vemos os exemplos, & nenhum de nós escarmenta nelles. Os que mais nos abstemos de ambiciozos; somos aquelles que não temos occasião de o ser; que se a tiveramos, haviamos incorrer no mesmo vicio, que estranhamos. Somos como aquelle *Fogo*, que eu dizia se escondou no poço, na occasião, em que o povo de Israel foy para o captiveyro. Em quanto apartado da lenha; em quanto retirado em hum poço: quem differa que era *Fogo*? Certamente parecia agoa. *Non invenerunt ignem, sed aquam.* Tanto que chegou ao lugar do sacrificio, & lançarão essa agoa sobre a lenha: logo tornou a revestir a natureza de *Fogo*, que de antes tinha. *Accensus est ignis magnus.* Assy foram muitos. Escondemos o *Fogo* da *Ambição*; disfarçamoslo; mas não o apagamos. Tanto que a occasião nos convidar a natureza: oh como ardemos; oh como nos ateyamos facilmente! Com huã differença, que aquelle *Fogo* ardeu em sacrificio; a *Ambição* arde em offensa. Tem grande semelhança hum *Fogo* com outro. O *Fogo* do sacrificio, com o *Fogo* da *Ambição*. O *Fogo* com que nos sacrificamos a Deos pella *Charidade*; faz que sejamos soffridos pellas cousas Eternas; o da *Ambição* pellas temporaes. O *Fogo* da *Charidade* he activo, para com os pobres na compayxão; o da *Ambição*, para com os ricos na lizonja. O *Fogo* da *Charidade* dá grande calor a que sofframos tudo, pella verdade; o da *Ambição*, pella vaidade.

191. Hum, & outro *Fogo* nos aviva a *Fee*, & a *Esperança*; mas o da *Charidade* aviva a *Fee*, & a *Esperança* em Deos; o da *Ambição* faz crescer o da esperança da vangloria. Finalmente, assy como o *Fogo* da *Charidade* nos faz martyres no

2. Macab. 1.
V. 20.

Ibid. V. 22.

sacrificio, com: que nos offerecemos a Deos; assy o *Fogo* da *Ambição* nós sacrifica no martyrio, em que nos logeytamos ao Diabo. A sentença não he minha, he de São Bernardo. *Ambitio Charitatem in malis imitatur, Charitas patiens est pro rebus æternis, ambitio pro terrenis; benigna est Charitas erga pauperes, ambitio erga divites; Charitas omnia suffert pro veritate, ambitio pro vanitate, utraque omnia credit, omnia sperat, ambitiosus est martyr Diaboli.* É. que ateyemos em nós mesmos hum *Fogo*, que nos sacrifica em martyrio aos Idolos da vaidade; não he a menor razão; porque somos pella mesma vaidade condemnados: *Unversa vanitas omnis homo vivens.*

§. VI.

192 **A** Terseyra propriedade, que entre muitas, considero no *Fogo*, he ser hū Elemento, que na sua *Esfhera* não té luz, & fora della sépre o vemos luzido. Perguntão os Filozofos naturaes, se assy como o Author da natureza dispos a todos os Elementos por sua ordem, huns sobre outros: pondo a *Terra* por baze; seguindosse logo a *Agoa*; sobindo mais o *Ar*: se tem o *Fogo* por lugar a Região supperior a esse *Ar*, junto da Lua? É entre muitas razões de duvidar, he huã. Porque sendo o *Fogo* dotado de tanta luz; se estivera sobre os ares, haviamos verlhe o seu resplendor; assy como vemos o dos Planetas, que estão tanto mais distantes na altura. Alem de que não haveria couza, que podesse satisfazer a voracidade do *Fogo*; que continuamente necessita de nova materia para arder. Porem a oppinião cõ-mãa rezolve, que o lugar do *Fogo* he na vizinhança da Lua, & que na sua *Esfhera*, nem o *Fogo* luz; pella tenuidade, & delicadeza da sua subitancia; nem necessita de alimento, que o sustente, em quanto se contém na sua *Esfhera*; mas para se conservar, & permanecer fora do seu lugar, he necessário; & preciso, que haja pábulo em que se sustente; & daqui vem

H . que

que só fóra da sua *Esphera* tem luz.

193 Sem muita difficuldade estays já vendo a accommodação do *Fogo* com a natureza vã de muitos homens. Se se contém na sua *Esphera*, com pouco luzimento se accommodão; se querem mudar de estado; tudo he pouco para arder. Por mais, & mais que tenham, tudo gastão, tudo conformem, por que querem sustentar-se fóra da sua *Esphera* com luzimento. No seu lugar, na demarcação, que lhe pos a natureza, ou a fortuna, nenhuma luz; homês tão tênues de sy, q̃ não são capazes de luzir; nem pella fortuna; nem pella peçoa; mas elles se tirão fóra do seu lugar; & ambiciozos de luzir, como o *Fogo*; luzem à custa da lenha que consomem.

194 Esta differença vay da luz dos Astros à luz do *Fogo*; que os Astros luzem com luz propria, como o Sol, ou quando muito prestada, & despendida liberalmente do mesmo Sol, como as Estrellas. Porem o *Fogo* de sua natureza não luz; no seu lugar não resplandesse; mas tanto que teve materia alhea em que se ateyar, fóra da sua *Esphera*; cresce com o alheyo, avulta, luz, & resplandesse. Isto que vedes com os olhos, considerayo com o entendimento.

195 Vedes em huã noyte de São Ioaõ huã grande fogueyra, tão opulenta de luzes; que imaginays se vos restitue nellas o dia, ou que arde entre aquelles incendios a noyte: sóbe até as nuvens a chama; ateyasse até o Ceo a lavareda; parece, que a dezafiar as luzes do mesmo Sol; ou a por o *Fogo* às Estrellas. Não ha couza que mais vos leve os olhos, nem que tanto vos entetenha o gosto. Ora buscaylhe a cauza, & achareys que hum vizinho concorre com a lenha; outro cõ os bañiz, a que chamays de alcatrão; & tanto que os vizinhos, por cuja conta correm as luzes da fogueyra; cessão de concorrer com nova materia; já todo este luzimento se acaba: apagou-se o *Fogo*, desvanesceu-se em fumos; & de tudo quanto destes para este luzimento; não chegays a ver mais, que as cinzas; & ainda essas se as buscardes, depois de hum le-

leve vento, pôdeys repetir com muita razão; o que a outro intento dizia Iob a Deos. *Ecce nunc in pulvere dormiam, & si manè me quaesieris non subsistam.* A noyte deyxareys, quando muyto, cinzas; porem ellas se as buscardes pella manhã. *Non subsistam;* não aparecem.

196 Não he assy, que isto pássa em muitos homês, fogueyras ardentes da vaidade? Tudo lavaredas, tudo fumo, muito esplendor à custa do alheyo. A custa dos mayores, & das suas façanhas, luzidos em a nobreza; à custa do alheyo, luzidos no trãto, & na *Esphera* da sua peçoã, *Fogo* sem luzimento. Ardem, & luzem; porque achão lenha; porem a lenha que fabricarão os Avòs com as suas acçoês, já he cinza; a que dão os dependentes nas suas fazendas, também será cinza brevemente; & como o for; senão houver mais lenha, em que se ateye, & sustente o *Fogo*; acabouse o luzimento.

§. VII.

197 **A** Cabay Senhores de deenganarvos, que o verdadeyro luzimêto, não cõsiste sò no luzir; senão nas circumstancias delle. Na verdadeyra luz ha de considerarse o que he em sy, & ha de considerarse o que he para cõ os outros. Em sy ha de luzir do seu; para com os outros ha de alumiar comsigo. Luzir, & não alumiar, não he grandeza de luz; a grandeza, & soberania da luz está em luzir de modo, que com a vossa luz possaõ luzir muitos.

198 Duas luminarias fez Deos na infancia do mundo; ambas grandes, & ambas fermozas a todas as luzes. *Fecitque Deus duo luminaria magna.* E assy fahirã o grandes a contento de quem as creou. *Vidit Deus quod esset bonum.* E qual será a mayoria destes dous grandes, & fermozos Altros? Será a vasta, & dillatada circumferensia de seus corpos, que excedê tantas vezes o ambito da terra? Sy será; mas isto tem qual-

Ibid. V. 14.
& 15.

quer estrella. Alem de que quando se trata de luzes, não se lhe me te a grandeza pello dilatado do corpo; senão pella intentão dos Rayos. Pois em que consiste a grandeza destas duas luminarias? Parece que o diz o Texto. Fes Deos estes dous Astros para luzirem, & tambem os fes para allumiarem. *Fiant luminaria in firmamento Celi: ut luceant in firmamento Celi, & illuminent terram.* O Sol para allumiar o dia. *Ut praeesset diei.* A Lua para allumiar a noyte. *Ut praeesset nocti.* São luzes, que luzem do feu, & não do alheyo, & fao luzes, que allumeyão, & dão luz a todas as mais luzes; pois por isso são luzes grandes. *Duo luminaria magna.* Se da vossa luz se sustentão muitos luzimentos, fois luz de Sol, que luz, & allumeya. *Ut luceant, & illuminent.* Porem fe a vossa luz se sustenta, do que os outros não luzem, fois luz de Fogo, que brilha com o alheyo.

199 Mas já vejo, que me pondes huã grande objecção na mesma prôva deste argumento. Porque nella confessamos, que a Lua he Astro, que merce o nome de luz grande, & comtudo a Lua tem o feu luzimento por emprestimo; ou communicação do Sol: logo canonizado fica por licito, luzir com o alheyo. Aggradeço a duvida pella resposta. Primeiramente não condenno o luzir com o que vos dão; se não com o que vós tomays: além disso, venho tambem em luzires de algum modo; ainda que não seja do vosso, mas ha de ser com duas condiçoës. Huã que não pão fique prejudicando, quem vos acôrde com as luzes, assy como o Sol, que não perde nada da luz, que communica à Lua. A outra circumstancia he, que empregueys bem essa luz, & que sirva para o que he razão que sirva. Se com estas circumstancias podeys luzir, luzi com a benção de Deos. Se vós podeys sustentar as lavaredas, sem que outrem se converta em cinzas, se vós não convertesys em accoës fantasticas o que se vos dá para o luzimento preciso; seja assy, & luzi por esse caminho. Mas ainda não está satisfeyto o argumento. Vede o que succede

à Lua com esses emprestimos de luz.

200 Ambos esses Astros se crearão luzidos, ambos grandes, ambos para allumeyar. O Sol para prezidir ao dia; *Ut præset diem*. A Lua para prezidir entre as obfcuras sombras da noyte: *Ut præset noctem*. Porem fahindo ambos grandes da mão de Deos. *Duo luminaria magna*: logo nessa mesma grandeza houve dezigualdade. O Sol levantouse a mayores com as luzes. *Luminare maius*. A Lua ficou abatida nos resplendores. *Luminare minus*. E donde nasceria tanta dezigualdade? Achava eu; que tanto mayor havia ser a luz da Lua, quanto mayor era a necessidade de allumeyar as trêvas da noyte. Mas cô razão logra as mayorias o Sol; porq̃ a luz do Sol he propria; a da Lua he participada; & assy como he grande a luz da Lua, porque com ella allumeya, assy he menor; porq̃ a recebe do Sol. A primeyra diminuição do luzimento da Lua; he a necessidade de receber do Sol essa luz. Quanto he menos propria; tanto he menos luzida. *Luminare minus*. O Sol pôde luzir em toda a parte, & em todo o tempo; porque tem cabedal de rayos, & porque o emprêga em comunicar aos mais Astros a luz, & ainda que à sua vista todos perdem o luzimento; lá tem as horas da noyte, em que resplandescem brilhantes na sua auzencia.

201 Oh se assy forão muitos! Se conheceramos, que o luzir com o alheyo, mais he de *Fogo*, que de Sol; & se chega a ser de Lua, he já com diminuição. *Luminare minus*. Porem se não tendes, nem podeys ter tanta luz propria, sede como Lua; luzi de noyte, retiray os vossos luzimentos; mas não podendo muitos de vòs luzir, nem ainda no retiro, que quer resplandescer no dia claro; quando à luz do dia, se conhece, que essas luzes não são proprias; & em lugar de allumeyar, cêga aos mesmos, que a cobição; como pôde deyxar de ser vaidade grande?

§. VIII.

202 **M**As quantos destes luzimentos se haõ de ver abatidos, quando a cegueyra, que lhe cauza o feu fumo, se allumeyar com o juizo particular, & universal: De ambos temos exemplo na Escritura. Do juizo universal diz o Evangelista S. Mattheus; que se ha de escurecer o Sol. *Sol obscurabitur.* E que hão de cahir as Estrellas. *Stellæ cadent de celo.* E porque não faõ condemnadas as Estrellas a hum tenebrozo eclipse, como o Sol? E porque não padesse o Sol huã quèda, como as Estrellas? A verdadeyra razaõ Deos a sabe. Eu differa allegoricamente ao meu intento. Ninguem ha, que prezuma tanto de Sol; que posto no juizo, não tenha escuridades; nã padessa eclipses; mas quem luzio com luz propria, como Sol; pôde (quando muito) chegar a escurecerse; porem quem luzio com o alheyo, como as Estrellas; não só se escuresse, mas cahe. *Stellæ cadent.* Quando chega hum dia de juizo; o proprio, ainda que seja na luz hum Sol, obscurasse. *Sol obscurabitur.* O alheyo precipita: *Stellæ cadent.* E atè no juizo dos homẽs entende; que a quèda de huã Estrella, he mancha para hum Sol. Quero dizer, que prezandovos (como as Estrellas) dos vossos Soes, de quem arrastays os vossos luzimentos, tantas quèdas days no vosso procedimento, quantas manchas podes nesse Sol. Mas passemos do juizo universal ao particular.

203 Aquellas dez Virgens do Evangelho, sinceraõ prudentes, & sincero nescias: assy as intitula o Texto de S. Mattheus. *Quinque autem ex eis erant fatue, & quinque prudentes.* As cauzaõs da sua necidade podem ser muitas: eu referirey a parábola; & apontarey huã, que agora vem a proposito. Todas as dez Virgens tinhão luzes com que luziao, & todas tinhão oleo com que sustentar essa luz; porem as sincero prudentes tinhão oleo de rezerva para a hora, em que o

. Et.

Matth. 24.
Vers. 29.Matth. 25.
V. 2.

Espozoz lhe bateffe á porta ; & às cinco nefcias faltoulhe o oleo para effa mefma hora, de forte, que fe virão obrigadas a pedir às prudentes algum oleo com que podessem fuitentar as fuas luzes. *Date nobis de oleo vefiro.* Nefta hora, em que o Espozoz bate á porta, fe fignifica a hora, em que entramos no juizo particular de cada hum de nós ; na qual he neceffario, que continuem as luzes, que tambem luzirão em vida. Iffo affy fupposto, já effá clara a razão da necedade. São prudentes as cinco Virgens ; porque tinhaõ de feu com que podião luzir ; são nefcias as outras cinco ; porque imaginarão, que podião luzir com o alheyo : por iffo as prudentes lhe responderã ; que foſſem comprar o oleo. *Ite potius ad vendentes, & emite* ; porque pella compra fazsys voſſo aquillo, que cõprays ; & foy muito bem advertido ; porque fe quereis luzir, & podeys comprar ; luzi com o que comprays ; mas luzir com o que pediz ? *Date nobis.* E ifto em tempo, no qual (por fer chegada a ultima hora) effá claro, que he impoffivel a reſtituição : he o mefmo que luzir com o alheyo, & luzes grandes à cuſta de alheyos diſpendios, he fatuidade qualificada. Mas fe em quanto dura a vida pôde paſſar praſſa de luz, tanto que chega a fombra da morte, fica aclarada por necedade. *Quinque autem ex eis erant fatue.* Bem dizia eu logo, que tanto no juizo univerfal ; como no particular, fe ha de conhecer, que o luzir com diſpendios alheyos, são mais fumos, com que nos affombra o Fogo da noſſa vaidade, que reſplendores verdadeyros, que nos fação luſtrozoz.

§. IX.

104 **M**As para que he appellar para de zenganno tão dillatado, como pôde fer o dia do juizo? Qualquer dia dos em que effamos (fe nós tivermos juizo,) pôde fer o dia do juizo, que nos de zenganné. Hum dos ſinaes do

dia do juizo, que aponta o Propheta Rey, he que antes del-
 le, lhe ha de servir de exordio o *Fogo*. *Ignis ante ipsum praece-*
det. E se isto assy he, muy proximo deve estar o dia do juizo,
 pois que vejo arder em nós tanto *Fogo*. Com huã differença,
 que o *Fogo* do dia de juizo ha de ser o instrumento de quem julga;
 & este nosso *Fogo* ha de ser a materia do juizo. Em qualquer
 juizo concorre o que julga, & o que he julgado. O *Fogo* do dia
 do juizo há de ser o que julgue. *Iudicabit seculum per ignem*.
 E este nosso *Fogo* he *Fogo* do dia do juizo; porque por amor
 delle, he que havemos de ser julgados. Tanto mais facilmente
 se ateyará então aquelle *Fogo*; quanto nós estivermos mais
 dispostos, & abrazados cõ elle; & não he tanto, para receyar
 o *Fogo*, que castiga, como o *Fogo*, que merece o castigo. Temamos,
 pois, mais este *Fogo*, que agora nos condenna ao juizo, que
 aquelle *Fogo*, que então nos pôde julgar à condennação. Tratem-
 os de nos reformar. *Reformamini* entendendo, que o que Deos quer,
 que arda em nós, he o *Fogo* da *Charidade*.

Rom. 12.
V. 2.

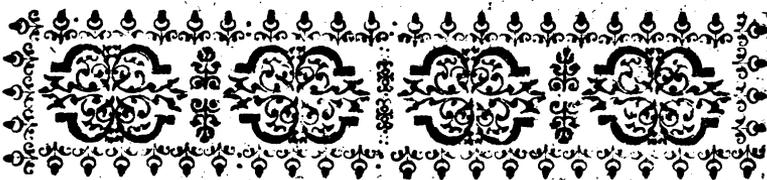
205 Da pedra *Ameantos*, dizem os *Naturaes*, que se faz
 hum linho; o qual, por mais que arde no *Fogo*, nunca se consome.
 Isto que na pedra he singularidade da sua natureza; em nós
 pode ser differença do *Fogo*, em que ardemos. Se arde em nós
 o *Fogo* do vicio, não lhe sentimos a chama; mas consumemo-nos:
 se arde em nós o *Fogo* da *Charidade*, sentimos o incendio, como a
 pedra *Ameantos*; porem tão longo está de consumirnos, que
 antes nos regenera, & nos purifica. A natureza do *Fogo* he unir
 as couzas semelhantes (como dizem os *Filozotos*) & dividir as
 diferentes. Se conservamos a semelhança com Deos, ficamos
 unidos com elle pello *Fogo* da *Charidade*; se perdemos esta
 semelhança, sepáranos de Deos o *Fogo* do vicio. O *Fogo* da
Charidade consome em nós tudo o que não he de Deos,
 & une com Deos tudo o que he nosso.

Deut. 9. V. 3. 206 Por isso Deos se chama na *Escriptura* Sagrada. *Ignis*

con-

consumens. Não *Fogo*, que nos consuma a nós; mas *Fogo*, que nos consuma os vícios. Este he aquelle *Fogo*, em cuja representação desceu o Divino Espirito sobre os Apóstolos. E reparay que o *Fogo* naturalmente se une com outro; & assy como Deos nosso Senhor inspirou em o homem (na primeyra criação de Adam) hum espirito, que tudo he *Fogo*, participado da Divinal luz; assy deseja que o seu *Fogo* naturalmente una as suas lavaredas com este nosso *Fogo*. Porém nós bem differentemente uzamos do *Fogo*. O Espirito Santo veyo em forma de linguas de *Fogo* sobre as cabeças dos Apóstolos. *Apparuerunt illis dispartite lingue; seditque supra singulos eorum.* E he muito differente couza *Fogo* em forma de lingua; ou lingua com ardores de *Fogo*. Que sobre os nossos pensamentos venha o *Fogo* em fôrma de lingua, he *Dom* do Espirito Santo; mas que das nossas linguas sayão lavaredas de *Fogo*, da murmuração, da mentira, do testemunho falso, he propriedade do *Fogo* infernal.

207. Arder por arder, não he melhor neste *Fogo* suavissimo, que inflamma, & não consome; & que quanto mais nelle ardeys, mayor materia achays para arder, & vos abraçar de novo. E não arder no *Fogo* do appetite, que vamente nos consome agora, & nos consumirá ao depois? Se o entendeys assy, claramente confessareys, que he vaidade o contrario; & se assy o não entendeys; manifestamente vos convenço, que todo o homem he vaidade. *Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.*



DISCURSO V.

Veruntameu universa vanitas omnis homo vivens.

Ex Psalmo 38. Vers. 6.

208



QUE M. imaginara, que tambem a nobreza da *Alma* havia ser tocada com o vicio da vaidade !. Que seja o homem vao, pello que tem dos *Elementos*, parece mais natureza, que vicio, mas, que seja vao pello que tem de *Espirito* : parece couza digna, não só de dauida, mas de admiração ! Pello menos sey eu, que se admirou Izaias do desvanescimento de Lucifer, & que lhe pergunta no Cap. 14. *Quomodo cecidisti de Caelo Lucifer ? Como cahiste ? Como te precipitaste.* Esta pergunta do Propheta envolve duvida, & admiração, & isto mesmo nos podera admirar a nós, porque a resposta parece facil. Cahio Lucifer, desvanescuse, porque tinha liberdade, tinha alvedrio, podia peccar, & eysahi o como cahio.

209 Deste modo cahio Adam, para quem houve lastima, & não admiraçoens. Lucifer estava no Ceo, Adam no Paraizo: ambos em graça; ambos com entendimento, & sabedoria; a Adam só se lhe pergunta onde está. *Ubi es Adam ?* A Lucifer se lhe pergunta, como he possivel que cahisse. *Quomodo cecidisti Lucifer ?* Sym, & com razão, porque Lucifer era só Espirito, Adam era Espirito em corpo. O peccado de Lucifer tocou, & desvanescceu a huã natureza im-

mer.

Isaie 14.
V. 12.

Genes. 3.
V. 9.

mortal ; o de Adam perdêu o immortal misturado com o terreno. O de Lucifer fes, que elle cahisse do Ceo à terra: *Corruisti in terram.* O de Adam derribou-o na mesma terra onde estava. E quanto os vicios chegão a tocar mais as inclinações corporeas ; tanto tem mais de desculpa : porem quanto chegão a offender mais immediatamente o *Espirito* ; tanto saõ mais para admirar. *Quomodo cecidisti?*

210 Esta razaõ parece que insinua o mesmo Propheta nas pallavras subseqüentes. *Qui manè oriebaris.* Como cahiste, quando nascias manhã luzida, & fermoza. Ora reparay comigo. Lucifer o seu dia foy de luz, & de manhã. *Qui manè oriebaris* ; & o dia de Adam foy de manhã, & de tarde, antes primeyro de tarde, que de manhã. *Factum est vespere, & manè, dies quartus.* Porqte assy como em Adam foy primeyro formado o terreno, & depois o *Espiritual* ; & de ambos constou a sua natureza ; assy o seu dia cóstou de sombras da tarde, & de luzes da manhã. *Ut ex vesperè, & manè, idest, ex corporis nocturna, & matutina animi natura unus sit homo.* Disse agudamente Pico Miradulano. Pois eys ahi a razãõ, porq se admira Izaias: Lucifer, q he só espirito; que he só luz; q he só manhã. *Qui manè oriebaris*; como se desvanesce? Como cahe? *Quomodo cecidisti?* Tenha desculpa a quèda de Adam; & tenham as vaidades de seus descendentes ; porque saõ cõpostos de sombras, de tarde, de corpo ; mas entre essas vaidades, mais desculpaveys saõ, as que lhe toçã pello corporeo, & pella semelhança; & communicaçã do material, da terra, das sombras. *Merito ante lucis natale* (acrecenta o mesmo Autor) *terra fuit inanis, & vacua.* Porem as vaidades, que lhe pertensem pello que tem de luz, de manhã, de *Espirito* ; & pello que tem de semelhante a essas naturezas immortaes ; tambem merecem alguã admiração ; tambem se lhes pòde preguntar. *Quomodo cecidisti?*

211 E a razãõ he ; porque o fer huã courza vá [como já me ouvistes] quazi que vizinha com o não fer ; & todos

os symboles com que a vaidade se explica, declarão a pouca subsistencia dessa couza vã. E senão dizeyme, que outra couza he arguir ao homem vão, de pó. *Pulvis es*; senão mostrar-lhe o momentaneo, o nada da sua essencia. *Tanquam nihilum, & mane.* Que outra couza he asemelhalo ao vento. *Ventus est vita mea*; senão declarar-lhe a inconstancia da sua vida. Que outra couza he asemelhalo à flor que murçha: *Quasi flos egreditur, & conteritur.* A sombra que dezaparece: *Fugit velut umbra.* Ao sonho que fôge; & enfim ao nada; senão dizer-lhe, que por isso he vão; porque quazi não tem fer; ou porque o fer, que tem, he quazi nada. *Tanquam nihilum, & mane.*

212 Donde se segue, que quanto heã couza he mais corruptivel; tanto he mais vã; porq̃ o estar fogeyta à corruptão, he ficar proxima ao não fer; & essa vizinhança, he que a constitue vã. Não he logo muito, que o homem seja vão, pello que tem dos *Elementos* corruptiveis; mas que seja vão, pello que tem de *Espirito*, tendo o *Espirito* da natureza immortall, incorruptivel, & livre de todo o perigo de deyxar de fer! Isto verdadeyramente he vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum*; & isto he o que propriamente quer dizer o meu Thema. *Universa vanitas omnis hominum vivens.* Porque vivendo o homem pella *Alma*, & sendo vão; porque vive; parece que a vaidade mayor he, a que por parte da *Alma* lhe compete. E verdadeyramente asy he; porque perder o homem o fer; pello que tem de corporeo, he vaidade da natureza; mas fazer hum homem, com que perca o fer da sua *Alma*; he vaidade contra a natureza, & excessão de vicio.

213 A *Alma*, pello que foy, he nada; porque de nada a creou Deos; pello que he; he *Espirito* immortall; pello fim para que Deos a creou, he bemaventurada. O nada que foy, he o mayor abatimento do vicio; a eternidade, que logra, he a mayor segurança do deyxar de fer; o fim, para que he destinada, he do seu fer a mayor prova. E que possa

Ecclez. 1.
V. 2.

pôssa o homem, esquecendo-se do nada, que foy; desconhecer o muito, que he; para não seguir aquelle ditozo fim; para que se creou; & por este caminho reduzir a perfeição do seu ser a hum quazi não ser, que melhor fora não existir de todo: he vaidade das vaidades. *Vanitas vanitatum.*

214. De Iudas disse Christo, q̄ melhor lhe fora não haver nascido. *Bonam erat ei si natus non fuisset homo ille.* Por-
 que se não houera nascido, fora nada por natureza; mas ha-
 vendo nascido, fesse nada pella condenação. Melhor lhe fo-
 ra ser o nada de que foy; do que ser o nada, a que depois se
 reduzio. *Multo melius esse non subsistere* (disse S. Hieronymo,
 explicando este Texto) *quam male subsistere.* Porque perdê-
 do Iudas o fim, para que foy creado; a eternidade do ser só
 lhe servio para a continuação do castigo.

Matth. 26. V.
24.

D. Hier. in
cap. 26.
Matth. lib. 4.

215. O fim para que o homem foy creado, & para que
 tem huã duração, que corre pellas com a mesma Eternida-
 de, he para conhecer a Deos, amar a Deos, & lembrar-se de
 Deos. Por isso a subitancia da *Alma* não consta mais que de
 entender, amar, & lembrar-se: ellas são as tres potencias de
 que Deos a dotou; *Memoria, Entendimento, & Vontade*; po-
 rem como a *Alma* todas estas tres potencias dezencaaminha
 do seu fim; encorre na mayor vaidade das vaidades.

216. Todos os vicios, que temos ponderado atègora;
 reconheço, que são vicios da *Alma*; porque não forão vicios,
 se da *Alma* o não forão; porem assy como esta, nas suas ope-
 raçoens, tem huãs, que se governão mais pellas dispoziçoens
 corporaes; & outras, que são mais propriamente suas: assy
 entre os vicios ha huãs, que a *Alma* segue, como inclinação
 da materia, & parecem mais corporeos; & ha outros, que to-
 cãõ immediata, & propriamente à *Alma* como *Alma*; porque
 o homẽ (como disse o antigo Filozofõ Sinezio) he hũ Ori-
 zãte do corporeo, & incorporeo; & assy como o Orizãte he
 huã linha, em que se ajuntão, & dividem as luzes, q̄ nascem a
 hum Emypherio das sombras, em que se sepulta o outro; he
 huã

huã linha, que sepára, & une o dia, & a noyte : affy o homem he hum termo, que dividindo, como meyo , os extremos das naturezas espirituaes, & corporeas : ajunta em-fy huãs, & outras; compondosse de corpo, & *Espirito*. De forte que este *Espirito*, que he semelhantê aos Anjos ; porque he *Espirito*; tambem tem sua semelhansa, & propensaõ ao corpo ; porque he *Espirito* deste corpo ; & do mefmo modo que lhe inquirimos os vicios pellos Elementos ; seguindo aquella semelhança ; trataremos de inquirir (supposto que à *Alma* pertê-se o entender, querer, & lembrarse) como entendemos mal; como queremos peyor, & não sabemos lembrarnos. Este será o assumpto do Sermão. Buscaremos nestes tres discursos, o fundamento de tudo o que temos ponderádo nos outros. Discursaremos a vaidade da *Alma* : pezando a vaidade do seu *Entendimento*; da sua *Vontade*; da sua *Memoria*; & não será novo achar pezo a vaidade, quando Iob o reconheceu nos ventos. *Qui fecit ventis pondus..* Antes de nenhum modo ponderá melhor o pouco que peza em nós a nossa *Alma*; do que vendo , que ainda peza mais o pouco pezo da vaidade.

S. I.

Gen. 2.V.7. 217 **I**nspirou Deus a *Alma* ao primeyro homem. *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vite.* *Espirito* tam excellente, & de tão superior natureza ; que está posto nos confins da natureza Angelica. No ser foy então alguã couza menos. *Minuisti eum paulo minus ab Angelis,* na honra, capaz de os exceder muito mais. *Gloria, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum.* Assy havia de ser hum *Espirito* feyto à imagem , & semelhança de Deos. *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Hum *Espirito* de quem o mefmo Deos havia de tomar depois a semelhança. *In similitudinem hominum factus.*

Po.

Porem o em que esta semelhança mais se expressou, foy no *Entendimento* de que Deos dotou a *Alma*.

218 Todas as outras creaturas tem a sua semelhança em Deos; porque forã formadas à idea, & exemplar, que *ab aeterno* tinhão na Mente Divina; porem a *Alma*, pello *Entendimento*, tem a semelhança de Deos em sy; porque cõforme discorrem todos os Filozofos; o modo com que a *Alma* entende, he recebendo em sy as imagens dos seus objectos, & como o objecto do *Entendimento* seja tudo o que he intelligivel; não exceptuando o mesmo Deos (como disse S. Agostinho) *Creatus est homo, ut summum bonum intelligeret*. Sègueffe que o mesmo he entender a *Alma* a Deos; que transfundiu em sy a imagem, & semelhança do mesmo Deos.

D. Aug. lib.
de dilig.
Deo. cap. 3.

219 A tanto se estende a esphera do *Entendimento* humano, q̃ não só abráge a tudo o que Deos creou, q̃ isto ainda he pouco; porem de tudo o que pode crear; & ainda aquillo que he increado, que he o mesmo Deos. E dar Deos ao homem *Entendimento*, foy o mesmo, que estampar na *Alma*, como com hum sello, a sua semelhança; & assy quanto mais entendemos de Deos; tanto mais temos de *Entendimento*; & quanto mais ignoramos de Deos; tanto o *Entendimento* tem mais de vaõ; & menos de *Entendimento*; porque a estampa, que se imprimio com hum sello; só o mesmo sello a enche plenamente.

220 Isto he o que no entender de S. Antonio quiz dizer o Propheta Rey no Psalmo 4. *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine*. Senhor (diz David) vós estampastes em nós, & nos imprimistes o lume de vossa face. De dous modos, explica S. Antonio, que se entende a face de Deos. De hum modo significa a face de Deos o Verbo Eterno, que he a face do Padre; pella qual conhecemos a Deos. *Vultus Patris Filius* (diz o nosso Portuguez S. Antonio). *Sicut enim per vultum quis cognoscitur, sic per Filium Patrem cognoscimus*. De outro modo significa o nosso *Entendimento*, que nos

Psal. 4. v. 7.

D. Anton.
Serm. in Do
min. Septua-
ges. pag. mi-
hi 123.

he

Serm. in
Domin. 23.
post Trinit.
p. 412.

he dado para conhecer o mesmo Deos; assy como pella face se conhece qualquer peçoa. *Vultus ergo Dei ratio nostra accipitur* (diz o mesmo S. Antonio), *quia sicut per vultum quis cognoscitur, ita per speculum rationis agnoscitur Deus.* Ambos os modos são muito ao nosso intento. Diz pois o Propheeta, que Deos estampou, & imprimio em nós a imagem da sua face, assy como se imprime hum sello. Notay. Na impressão do sello ha duas imagens: huma que se imprime, outra que fica impressa. Sendo pois a Imagem de Deos o Verbo, que he *Entendimento*, & imprimindosse em nós, como face, para conhecer a Deos; a imagem, que ficou impressa, he o nosso *Entendimento* para conhecimento do mesmo Deos. O sello, que se imprime, he o *Entendimento* de Deos; ou o Filho, que procede por *Entendimento*. *Vultus Patris Filius.* O sello, que fica impresso, he o nosso *Entendimento*. *Vultus ergo Dei ratio nostra accipitur.* E como o sello estampado só se enche com o sello, que se estampou; por isso o *Entendimento*, que nos he dado para este fim; tanto tem de vão; quanto se desvia delle.

Signatum, idest, impressum rationi, quæ est superior vis animæ, quæ similes sumus Deo, cui impressum est lumen illud ut sigillum cereæ.
D. Ant. ubi supra.

s. Ioan. 3.
V. 2.

Ad Cor.
13. V. 12.

221 Oh! se chegasse aquella hora, em que, mediante o lume da glória, se estampasse em nós esta imagem, face a face; em que vissemos, & entendessemos a Deos; assy como elle he. *Videbimus eum sicuti est. Tunc autem facie ad faciem.* Então representaria o nosso *Entendimento* ao vivo aquella imagem; porque então ficaria plenamente cheyo com aquella sello. Porem em quanto essa hora não chega, em quanto vivemos esta vida miseravel, que ha de ser o *Entendimento* do homem, senão vaidade. *Vanitas omnis homo vivens.*

222 He verdade, que este lume, que agora nos falta, nos supre Deos com o lume da *Fee*; porem se este he remedio da vaidade do nosso *Entendimento*: discorrey hum pouco pella numero dos viventes; & achareys a huá parte numero, sem numero, da Gentalidade, cujos *Entendimentos* ainda hoje vemos; & que he o que conhecerão de Deos? Não o co-

ah

nhecerão , & fingirão em lugar de Deos , summa verdade, Idolos mentirozos. Vereys a outra parte outro numero, quazi igual, dos Hereges ; que conhecerão de Deos ? A muitos o *Entendimento* os fes prevaricar da verdade ; a todos o *Entendimento* os fes permanecer na prevaricação. Achareys outro numero de Catholicos (provera a Deos que fosse mayor) que he o que conhecem de Deos ? A *Fee* prometenos que muito ; as obras dizem que pouco , ou nada ; porque a *Fee* sem obras he morta : *Fides sine operibus mortua est.* He lu-
· Jacobi. 2. V.
20. & 26.
me, mas apagado. Pois se todos estes *Entendimentos* seguem a mentira, se todos desconhecem a summa verdade ; que he isto que veneramos por *Entendimentos* ? Eu não sey o que he ; mais que o que diz o meu Thema. *Univerſa vanitas omnis homo vivens.* Vaidade, & tudo vaidade.

§. II.

223. **S**ey que o *Entendimento* he lume procedido daquelle lume increado ; sey que o Objecto, que Deos lhe deu, foy a verdade clara ; affy como o lume increado he verdade summa ; & sey que o nosso *Entendimento*, parece que escolheu por objecto as sombras da mentira , ou a mentira às claras ; ainda naquellas verdades , que não são a verdade increada ; para a qual he necessario outro lume mais elevado.

224. O que foy a luz no principio da criação do mundo, isso he o *Entendimento* na criação do homem. Na Infancia do mundo creou Deos a luz para divizão das trêvas : no homem infundio o *Entendimento* para conhecimento da luz. A luz material para fermozura do dia ; & separação da noyte : a luz da razão para seguir o dia da verdade , & fogir das trêvas da mentira. Comtudo eu acho esta differença ; q̃ a luz material he luz ; porem dividida das trêvas ; & a luz da razão he luz ; mas envolta em escuridades ; porque quanto

tem em sy o resplendor mais sobido, tanto infundida no corpo, perde a claridade com o denso da terra. He luz com eclipse; que entrepondosse-lhe a terra, necessariamente traz consigo sombras. Antes não sey se deyxando de ser luz, que propenda para a verdade, he sómente huã sombra escura, q̄ busca, & ama a mentira: o primeyro homem, que a seguiu, nos darà luz para a verdade deste pensamento.

225 Creou Deos ao primeyro homem, ornado com tantas luzes, que não tivesse que envejar este pequeno mundo àquelle orbe grande. A primeyra luz foy a natural do *Entendimento*, & racionalidade: a esta acrescentou a mayores resplêdores cõ a luz da graça, & cõ a luz da sciência, & outros *Dons*, q̄ todos são lumes comunicados daquella fonte de claridade. Parecevos Adam grãde *Entendimêto* a todas as luzes? Iulgays, q̄ poderá haver sobra de mentira, q̄ não conheça, & distinga? Ora ouvi o successo. Armou-se o Diabo para o enganar. Já a mentira está conhecida; porque o Diabo he autor de todas as mentiras. Revistio-se da figura de Serpente. Vay-se aclarando a mentira; porque a Serpente era animal manhoso; accommodado a engannos; mais que algum outro animal sobre a terra. *Serpens erat callidior cunctis animantibus terre.* E Adam conhecia muito bem as naturezas de todas; pois lhe pos os nomes proprios; & accommodados a ellas.

Gen. 3. V. 1.

226 Preguntou a Serpente a Eva; porque razão pozera Deos preceyto a ambos, que não comessem daquella arvore. *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno paradisi?* Eys ahí duas mentiras. Huã, porque o preceyto não foy posto a ambos; senão a Adam sómente. Outra, porque Serpente que falla, claro está, que he enganno, & que lhe falla o Diabo no corpo. Disselhe que era falso haverem de morrer, conforme Deos os ameaçara. *Nequaquam moriemini.* Mayor mentira; porque dizello Deos, & ser falso, he couza que implica. Acrescentou, que o fim que Deos tivera, fora por

Ibid. V. 4.

por lhes atalhar, & impedir, que fossem outros quazi Deozes. Eys ahi hum grande enganno, mas sempre costumou enganar-se, que quiz esquadrinhar os fins altissimos do que Deos obra. Finalmente lhes certificou, que elles tinham os olhos fechados; que estavão em trévas de ignorancia; que na hora que comessem, havião ser sabios, como Deos. *Scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut Dij, scientes bonum, & malum.* Olhos fechados, em quem tinhã *Entendimento* clãro, he mentira; trévas de ignorancia, em quem tinha sciencia infuza, he falsidade: saber tanto, como Deos, he impossivel.

227 A vista de tantas, & tãõ claras mentiras, todos faheys o que succedeu ao *Entendimento* do primeyro homem. Comeu Eva, fes comer a Adam; porque o pomo era fermozo (como se a fermozura fosse objecto do gosto) & enfim creu a mentira do Diabo, & pareceulhe melhor, & mais eligivel, que a verdade de Deos, & perdeuse assy, & a nõs todos. Haverã alguã razãõ com que este *Entendimento* se desculpe? Sy ha, & muito natural. E qual he? A que derãõ os mesmos delinquentes. Eva disse, que fora huã mentira, com que a enganara a Serpente. *Serpens decepit me, & comedi.* Adam, que fora hum enganno, com que o persuadirã a molher. *Mulier quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi.* E sendo a credulidade o que mais lhe aggravava o delicto; isso mesmo lhe foy desculpa, por isso mesmo que era enganno. Tal propensãõ tem o nosso *Entendimento* desgraçadamente à mentira, que o seguilla, he desculpa natural, & que mereceu compayxão.

§. III.

228 **E** A qual de nõs, & dos mais prezãdos de *Entendimento*, nõ succede o mesmo? He verdade que nõ devemos dezejar a molher do proximo: tentanos

nos a fermozura pella vista ; sabemos que hum bocãdo def-
fa fermozura tragado, he morte da *Alma*, & tal ves do cor-
po. Vamos atraz do veneno, que nos enganna ; porque ?
Porque he enganno. Huã molher me engannou (dizemos).
E se enganna, a que Deos dá, que será a que nos dá o Diabo ?
Tentanos a occazjaõ da vingança, da colera, de crer o teste-
munho, & outras muitas ; & muito de antes temos entendi-
do, que todas as Leys do mundo, que nos persuadem a seme-
lhantes actos, são falsas ; & ainda assy as seguimos muito de-
pensado, & com maduro conselho. E depois qual será a def-
culpa ? Engannoume o Diabo.

229 Engannavos o Diabo com hum *Eritis*, com o que
haveys de ser no mundo, onde não sois nada, & não ve o *En-
tendimento* outro *Eritis* da Eternidade do ser da *Alma*, que
só tem ser ? Engannavos com hum *Sicut Dij* com que vos
emdozeys, & não vos dezéganna a luz do *Entendimento*, cõ
que conheceys, que não sois nada ? Engannavos com hum
Scientes, com promessas de sabedoria, & não vos dezenganna
o Espirito Santo ; dizendo que o principio do saber he te-
mer a Deos ? *Initium sapientia timor Domini*. Ah ! Scienciaõs,
occupaçãõ pessima ; que sendo dadas para perfeysaõ do *En-
tendimento*, o encheys de mentiras, & de vaidades. *Scientia
inflat* : diz S. Paulo.

Ecclez. r.
V. 16.

1. Cor. 8. V. 1

230 De todos estes engannos não tem o *Entendimento*
outra desculpa, que *Serpens decepit me* : foy huã mentira. E
das verdades de Christo, se vos preguntarem : *Quare non cre-
ditis?* Não ha resposta mais, que *Si veritatem* ; porque he
verdade. Não dá o *Entendimento* assenso à verdade ; porque
he verdade, & dá assenso à mentira ; porque he mentira. *Ser-
pens decepit*. Valhame Deos ; que *Entendimento* he este tan-
to contra a natureza de *Entendimento* ? Eu o direy. Não he
Entendimento, he vaidade. Parecenos que temos *Entendi-
mento*, & he mentira ; parecenos que somos filhos da razaõ,
& somos brutos. Ouvi a David. *Mendaces filij hominum in
sta*

Psal. 61. V. 1.

stateris. Os filhos dos homẽs sãõ mentirozos nas ballanças. Notay. Os filhos dos homens sãõ os filhos da racionalidade; porque a essencia do homem confite no racional, & a ballança do racional, he o *Entendimento*; & nesta mesma ballança; neste mesmo *Entendimento*, he que estã a mayor mentira. *Mendaces in stateris*, & consequentemente a vaidade: disse-o o Propheta no mesmo Psalmo. *Verantamen vni filij hominum*.

231 Ora examinemos com mais miudeza o fiel desta ballança, & veremos o como he mentiroza. *Statera* propriamente significa aquella ballança, em cujos braços se põem de huã parte a couza, que se pẽza, & da outra o pezo; o qual cõforme se afasta mais do fiel, hum risco, ou dous, ou mais, assy faz, que o pezo seja mayor. Nesta ballança de dous modos pòde haver mentira. Hum modo he errando os pezos; outro modo he errando as medidas; porque se o pezo for mayor, ou menor, do que he justo, jã o fiel nãõ pòde fer verdadeyro. E se o pezo, sendo igual, se pozer mais, ou menos afastado, jã fica o pezo errãdo na medida. Se huã couza pẽza dez libras, nunca lhe podereys achar o pezo certo, contrapezando sinco libras; & se pozerdes outras dez, mas em differente risco, & com medida diversa, tambem errays; cõm que de ambos os modos he mentiroza a ballança do *Entendimento*.

232 E senãõ dizeyme, quanto pẽza a *Alma*? Na ballança de Deos, que nãõ erra, pẽza tãto a *Alma* de hum homem, que inclinou o Infinito a ser homem; & havendo de encarnar huã das tres Divinas Peçoas; encarnou a segunda Peçoa, porque para onde se pos o pezo de huã *Alma*; para ahi propendeu o *Entendimento*. E no *Entendimento* dos homẽs pẽza ainda menos, que o corpo. Diga-o o cuidado, que temos deste, & o descuido com que tratamos a *Alma*; a quantos riscos a expomos? Que pouco cazo fazemos della? Homem, *Entendimento*, acrescenta mayor pezo nesta ballança,

& se te falta pezo igual, com que pondêres a valja do teu *Espirito*, muda ao menos a medida; acrescenta alguns riscos; cuida nisto alguns espáffos, & verás, que cada instante, que o pondêras, he hum risco mais, que te dá a conhecer o pezo de huã *Alma*.

233 Dizeyme mais: quanto pêza hum peccado? Se o examinar a ballança de Christo, verseha, que a sua Cruz foy huã ballança: *Statera facta*: na qual posto de huã parte hũ peccado mortal, era necessario que da outra parte contrapezasse, não menos, que hum homem Deos: carregado de hũ numero sem numero de tormentos. E hum só peccado venial pêza mais, que hum mundo inteyro com todos seus trabalhos, & felicidades; mas se examinar isto a nossa ballança, tante nos pêza o mortal, como o venial; & ambos nos pêzão tão pouco, que andamos muito leves carregados de peccados.

234 Homem, filho da razão, se não sâbes ter hum pezar tão grande, como o peccado; ao menos não acrescentes a esses peccados o pezo. Cada hum, que commetes de novo, he hum risco, que o pezo acrescenta na ballança, & faz o pezo tão intolleravel, & prolongado, que se queyxa a fortaleza de Christo do pezo, & medida desta Cruz. *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores, prolongaverunt iniquitatem suam.*

Psal. 128. V. 3

235 Mais; & quanto pêza hum grão de Graça? Na ballança de Deos pêza tanto, que se for graça final, lhe corresponde hum pezo eterno de Gloria. *Aeternum gloriae pondus*. E hum pezo eterno de Gloria, he ver a Deos, he amar a Deos, sem receyo de deyxar de o amar; com satisfação plena, que não ha mais que amar; nem mais que ver. E no *Entendimento* dos homês, que pouco cazo se faz desta Graça. Qualquer appetite pêza mais, que a Graça de Deos. Homês, onde está a racionalidade? Se perdeys hoje a graça, não a percaes à manhã, o outro dia, & todos os dias, que isso são

2. Cor. 4. V. 3
#7.

ris.

riscos, que se acrescentão na ballança, & chegado ao ultimo risco, o morrer em graça, he hum pezo, que leva a poz sy, & faz pender para essa parte, não menos que a Eternidade. *Momentum unde pendet eternitas.* Pezo que faz propender huã Eternidade.

236. E quanto pèza a Cruz? A que nós pomos a Christo, já vimos o como foy grave àquelles hombros de Gigante. *Exultavit ut gigas.* A que Christo nos poem a nós; diz elle mesmo, que he lêve, & suave. *Lugum meum suave est, & onus meum leve.* E nós julgamos, que he infofrivel por peza da. Ha tal contradicção de pezos? Ha tal erro de ballanças? De sorte, que hum pezo grande, diz o. nosso fiel, que he lêve; & hum pezo lêve, diz que he infoportável? Muito vay do fiel fer mentirozo; mas tambem o faz mentirozo outra cauza, que he como ferrugem, que o não deyx a governar direyto no eyxo, & vem a fer o muito, ou pouco uzo, que temos destes pezos.

237. Quando David houve de sahir a dezafio com o Gigante, vestiolhe Saul as suas Armas; para que sahisse mais prevenido contra a ferocidade de Goliath. *Induit Saul David vestimentis suis, & imposuit galeam æream super caput ejus, & vestivit eum lorica.* Mas David, oprimido com as Armas, as regeytou; dizendo, que não podia andar com taõ grande pezo. *Dixitque David ad Saul: Non possum sic incedere.* Como assy? He isto demaziada confiança; ou falta dealento? *David que pôde despedassar a hum Leão pellas queyxadas. *Nam & leonem, & ursum interfeci ego servus tuus:* não têm forças para sustentar o pezo das Armas, de que uza Saul? David, que tem brios para dezafiar corpo, a corpo a hum Gigante, que he formidável a hum exercito inteyro; faltalhe valor para soportar o pezo da milicia?. Não lhe faltaõ as forças; faltalhe o uzo. *Non possum sic incedere, quia non usum habeo.* E o mesmo pezo, se se traz por costume, he lêve para hum Saul fraco; se he dezuzado, he infoportável a

hum David valente.

238 De sorte que não péza menos, o que menos péza, senão o que se costuma mais: se vos costumays ao pezo do peccado; se lhe acrescentays o uzo; como vos fazeys às armas; parecevos jugo léve: & se vos descostumays da Cruz; parecevos armas pezadas. *Non possum sic incedere, quia non usum habeo.*

§. IV.

239 **P**Orém não comparemos já os nossos pezos, a nossa ballança, & o nosso fiel com: os pezos, & medidas de Deos, porque em sua comparação ninguem he justo. *Non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens; & toda a verdade humana he mentiroza: Omnis homo mendax.* Desçamos mais abayxo, & examinemos a falsidade da ballança para conosco, & para com os outros.

240 De hum modo pezays as acções alheyas, & de outro as vossas. O vosso divertimento illicito (se acazo o chegays a pezar no *Entendimento*) parecevos passatempo honesto; & como tal, não vos péza na consciencia. As acções virtuozas alheyas (que nunca deyxays de pezallas) julgaylas por hypocrezia refinada. O vosso desperdicio pezaylo, como divida da vossa mocidade: a Providencia alheya, condemnayla, como mizeria, & mesquinheza. A vossa dissolução (posta em ballança) parecevos galhardia; a modestia do outro accusayla por froxidão de animo. A injuria, que vós fizestes, não he nada; diminuishe as circumstancias: a que vos fizerao a vós, esquadrinhayslhe cem mil modos, q a aggravao. E isto que couza he, senão acrescentar, & diminuir os riscos ao pezo? E ainda eu me contentara com que vós pezaceis no vosso *Entendimento* as acções dos outros, mas o mão he, que tambem lhes pezays os pensamentos: quereys interpretarlhés os fins.

Diabo,

Diabo, que quiz meter em cabeça a Adam, que conhecelle podia entender os porques do preceyto, que Deos lhe pos. Ainda isto he menos: o ponto he, que não entendendo vós o que passa dentro de vós mesmos; quereys entender o que nem por pensamento passou aos outros. Só nisto se assemelha o vosso *Entendimento* com os juizos de Deos.

241 Dos juizos de Deos, diz David, que são hum abyfmo grande: *Iudicia tua abyssus multa.* Não sey se diga dos vossos, que são abyfmo mayor? Porque os juizos de Deos são abyfmo por inexcrutaveys; os vossos são abyfmo por intelligiveys. Deos entende o que he, ou pôde fer; & vós quereys entender o que nem foy, & tal ves, nem podia fer. Impossivel era que Adam fosse outro Deos; mas persuadiosse, & entendeu que assy podia fer; & por isso cahio na tentação. *Eritis sicut Dij.* Impossivel era que Lucifer tivesse igualdades com Deos, & com tudo isso persuadiosse, & entendeu, que podia conseguir esta semelhança. *Similis ero Altissimo.* Porém Adam buscou-o a mentira; Lucifer desvanceu-o a grandeza, & superioridade do seu *Entendimento* com que se conheceu assy. Mas o nosso *Entendimento*, não chegando a conhecernos a nós, quer conhecer o que os outros são; o que obraõ, o fim, & ainda o que nunca cuidaraõ. Não espera dar credito à mentira, quando a mentira o busca; senão que elle mesmo busca a mentira, para lhe dar credito. *Ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?* Sabeys de que nasce isto? Do enganno da ballança; porque para pezardes aos outros, pondes hum pezo, & huã medida, & para vos pezardes a vós, em tão boa hora, que ponhaes algũ pezo, ou alguã medida. Psal. 4. V. 3.

242 Isto he o que Salamaõ diz, que abomina Deos. *Pondus, & pondus, mensura, & mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* Como assy? Se Deos tudo dispos neste mundo por conta, pezo, & medida. *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti;* com que razão abomina a medida, Proverb. 20. V. 10. Sap. 11. V. 21.

dida, & o pezo? Notay. Deos festudo com pezo, & nam com pezos: com medida, & não com medidas. O seu pezo, & a sua medida he huã só: cada couza, & todas as couzas tem seu pezo, & sua medida. *In mensura, & pondere.* O que abomina em nós, he a multiplicação dos pezos; & das medidas. *Pondus, & pondus, mensura, & mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* Quando os homens se pezaõ assy com hum pezo, & aos outros com outro; entã abomina Deos esta variedade de pezos. *Pondus, & pondus: utrumque abominabile est.* Quando pezaõ com o mesmo pezo, mas com differente medida: pondo-o mais, ou menos distante do braço da ballança: entã abomina Deos essas medidas. *Mensura, & mensura: utrumque abominabile est apud Deum.* E tanto he isto mais para abominar; quanto quem peza com este enganno, he o mesmo *Entendimento* que foy dado por norte da vérdade; & por isso justamente nos chama David mentirôzos, & vaõs na ballança do *Entendimento*. *Mendaces filij hominum in stateris. Veruntamen vani filij hominum.*

243 Porem se deste modo pezaõ os homês na sua ballança; nessa propria vaidade se pezaõ assy mesmos. *Ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum.* Porque esses mesmos juizos, & esses mesmos engannos saõ os que fazem mayor pendor à nossa condemnação. *In quo enim iudicas alterum, te ipsum condemnas.* Disse S. Paulo. E tanto mais nos haõ de aggravar o *Entendimento*, para a condemnação, estes crimes; quanto mais o pezo for posto no fim do braço da ballança. Reparay. Na ballança de Deos peza de huã parte a sua *Misericordia*, & alguã boa obra nossa; & da outra parte os crimes, & a *Iustica* Divina. Os riscos, que estaõ sinalados no braço da ballança, saõ os dias que temos de viver. Se o pezo se pos nos primeyros dias, ainda da outra parte pezaõ mais as boas obras: quantos mais riscos se afasta o pezo; quero dizer; quantos mais dias vos dura o pezo do peccado; tanto o pezo mais vay crescendo; porem ainda o fiel da ballança pen-

de

de alguã couza para a outra parte do merecimento; mas seu pezo chegou ao ultimo risco. Oh como vos haveys de achar enganados, & mentirozos na ballança!

244 Acharvoseys como Balthazar, que em a noyte do seu convite se lhe escreveu a sentença de morte em letras de sombra contra os reflexos da luz. Pregunto. E Balthazar havia feyto mais delictos, que seu Pae Nabuccodonozor? Os mesmos lhe referio Daniel: pois se a Nabucco se não pezou tão exactamente; como se pèza a Balthazar? As primeyras pallavras da sentença dão a soluçãõ à duvida. Dizia a sentença. *Mane, Thecel: Mane; numeravit Deus regnum tuum: Thecel, appensus es in statera, & inventus es minus habens.* Contou Deos os dias a Balthazar; & como os dias estavaõ cheyos, por isso o pezo foy mais crescido; porque o pezo que se poem no ultimo risco, esse he o que inclina a ballança. Em quanto os dias da vida não estaõ completos; ainda se nam pôde achar se pezays menos; mas depois que estaõ contados, já a ballança não tem mais riscos em que se ponha o pezo; já o pezo prevalece mais, & vós pezays menos. *Inventus es minus habens.*

Dan. 5. V. 25.
27. & 28.

245 E se affy ha de ser pezado o nosso Entendimento, como o nosso Entendimento fêza: claro está, que do mesmo modo com que foy mentirozo, se ha de achar enganado na sua vaidade. *Ut decipiant ipsi de vanitate.* E não nos vay nisto menos que a vida; porque a vida da Alma he o Entendimento, & a vida do Entendimento he a verdade. David pedia a Deos que lhe desse Entendimento, & viveria. *Intellectus da mihi, & vivam.* Não lhe faltava a David Entendimento, quando fazia esta petiçãõ a Deos. Forem o Entendimento, q pede, he o Entendimento da verdade.

Pfal. 62. V.
10.

Pfal. 118. V.
144

246 Nem Eva foy Mãe de todos os vivos; porque os brutos tambem vivem, mas por isso mesmo lhe chama o Texto Mãe de todos os vivos. *Mater cunctorum viventium;* porque era Mãe de todos os racionais. De maneyra,

Genes. 3.
Ver. 20.

que

Ecclez. 1.
v. 3.

que a racionalidade he a que dá vida, & a verdade he a que dá a racionalidade. E se os sentidos, que são de natureza tão inferior; disse delles Salamaõ, que se não satisfaziaõ com a verdade dos seus objectos. *Non satiatur oculus visu; nec auris auditu impletur.* Como se ha de satisfazer o *Entendimento* com a mentira: tendo, para se empregar, ao mesmo Deos, q̄ he verdade summa, & incomprehensivel: onde o *Entendimento*, nem se satisfaz (por mais que entenda) nem lhe falta nunca mais, & mais, que entender; mas por isso mesmo q̄ o *Entendimento* humano se desvia desta verdade; são nelle tambem vaõs todos es homens. *Universa vanitas omnis homo vivens.*

§. V.

247 **V**aidade he o homem no que entende; & tambem he vaidade no que ama, & no que deyx a amar; no que quer, & no que não quer: antes nisto he mais propriamente vaidade; porque se o *Entendimento* erra no conhecimento da verdade, tendo a luz de caza, que ferà a *Vontade* no seguimento do bem, sendo cega de sua natureza. Assy como o *Entendimento* tem por objecto a verdade, & he vaõ, porque mais facilmente crea mentira; assy a *Vontade* tem por objecto o bem, & he vã pella facilidade com que segue o mal. De forte que se me concederes, que o ter hum bem, depende do querer da *Vontade*; por isso mesmo duvidarey com razaõ, se a *Vontade* o quer.

Joan. 5. v. 7.

248 Entre os mais enfermos da Piscina estava aquelle afamado Paralytico, que havia trinta, & outo annos que esperava pella faude; & dizia elle, que não lograva esta felicidade; porque lhe faltava homem, que o metesse no banho daquellas agoas. *Hominem non habeo, ut cum turbata fuerit aqua, mittat me in piscinam.* E com effeyto assy era. Comtudo querendo Christo restituirlhe a faude, a pergunta, que pri-

primeyro lhe fes, foy esta. *Vis sanus fieri?* Homé queres farar? Ha tal pergunta em semelhate cazo? Senhor, vós bem sabeys, que este homem nenhuã outra couza pretende, senão a faude, & que por ella tem mostrado trinta, & outro annos de paciencia: *Triginta, & octo annos habens in infirmitate sua.* Bem sabeys que o não conseguir a melhora no seu mal, he à falta de homem. *Hominem non habeo.* E ainda que não houvera estes argumentos: bastava ser a faude hum bem taõ grande, para rezolver por infallivel, que este homem a queria. Antes por isso mesmo he a duvida bem fundada; por que por isso mesmo, que o bem era grande; está bem duvidado, se este homem o quer. *Vis sanus fieri?* Se a faude fora hum grande mal, certo se está, que facilmente o appeteceria; mas sendo bem, & grande bem: he muito duvidoso se a *Vontade* o quererá de veras, & justamente se pôde perguntar se quer, ou não quer. *Vis sanus fieri?* Demaneyra, que a cauza daquelle *Vis*, & daquelle duvida, está naquelle *Sanus*, & naquelle bem. Ah Senhor! que lastimozo estado he o da nossa miseravel *Vontade*; pois porque vós sois bom, fomos nós máos, & porque sois summamente amavel, sois de nós menos amado.

Ibid. v. 5.

249 Não vos pareça isto engenhoza especulação do *Entendimen'to*; porque eu interpreto esta pergunta de Christo, pello que experimentamos todos em nós. Vem hum mancebo à Igreja ouvir Missa, em comendar-se a Deos, com as contas na mão. Tudo isto he bom, & este homem parece que o quer assy; mas eu quero perguntarlhe. Homem *Vis?* Tu queres isto? Quazi que he certo que não quer. Entra pella Igreja; poem hum golpho no chão (como se Christo fora meyo Deos) péga nas contas, mas não reza: ólha por toda a Igreja, conversa, distrahe-se, & he o mesmo que nam ouvir tal Missa. Pois este homem não queria ouvir Missa? E se lho preguntassem, nam diria que sim? He certissimo; mas não a ouviu; porqué na verdade, não quiz; & por isso he bem fundada a duvida, & a pergunta se quer. *Vis?*

250 Homés quereys devêras salvarvós? Quereys Catholicos? Parece que sy; porque vós estays na Piscina da Igreja; o salvar-he bom, & mais que bom, & não vos falta hum homem Deos: pois quereys, ou não? Toda a duvida está na *Vontade*; porq se a *Vontade* quizera o bem, Deos tambem o quizera. *Si vis, & ego volo*. Para o mal propende a *Vontade* com todo o impeto: para o bem, ou he duvida, se propenderá, ou mais certo, que costuma fugir delle.

251 O mayor, & mais execrando mal; que cometerão já mais, nem haõ de cometer os homés, foy a morte de Christo; porque concorreraõ nesta acção com tudo, quanto os homés podem fazer de mal; com odio, com enveja, com tyrannia, com falcidade, com injustiça, com ingratição. Quiz Pilatos absolver a Christoda morte; & assy o declarou por innocente. *Nullam invenio in eo causam*. E que se seguiu? Clamar aquelle malaventurado, & infame povo, que crucificassem a Christo. *At illi, magis clamabant, crucifige, crucifige eum*. Tornou Pilatos a inquirir a vida, & acçoẽs do Senhor, & achou que nelle não havia mal, digno de castigo; & o mesmo foy declarallo assy, que crescerem mais, & mais as vozes, & clamores, para que fosse crucificado. *Nullam invenio in eo causam. At illi instabant vocibus magnis postulantes ut crucifigeretur*. Finalmente tomou Pilatos por expediente, fahir com huã interlocutoria, dizendo que ali havia hum grande malfeytor, que estava prezo; & que havendo de soltar hum dos dous; vissem a qual querião, que lhes soltassem. *Quem vultis dimittam vobis: Barabbam, an Iesum, qui dicitur Christus?* Responderão todos uniformemente, que morresse Christo; & que se soltasse Barrabaz. *At illi dixerunt, Barabbam*.

252 Parecevos isto contra toda a razão? Sy he, mas não podia deyxar de ser assy; porque pôsta a cauza entre partes, o bom, & o maõ; no Tribunal da *Vontade*. *Quem vultis dimittam?* Era quazi infallivel. a eleyção do mal. *Barabbam*.

Se

Ioan. 19. V. 4.
Luc. 23. V. 4.
Marc. 15.
Verf. 13.
Matth. 27.
Verf. 23.

Se se pozera diante da *Vontade* o bem, ou o quereria, ou não, mas posto o bem em paralelo com o mal, & sendo a deliberação da *Vontade*: *Vultis*: haviasse eger o mal; *Barabbaim*, Somos às aveffas de Deos. Deos quiz todas as suas obras; porque erão boas. Quiz que houvéffe luz; porque vio que era boa. *Fiat lux: vidit quòd esset bona*. E os homens? *Dilexerunt magis tenebras, quàm lucem*. Amarão as trevas, & aborrecerão a luz. E que cauza poderia haver para a aborrecerem? A mesma, que Deos teve para a querer. *Vidit Deus lucem quòd esset bona*; porque era boa.

Gen. 1. V. 4.
Ioán. 3. V. 19.

§. VI.

253 **S**Y succede, que a *Vontade* quer às vezes, o que he bom, porem he tão raramente, que mais parece que quiz por acaso, do que por querer o bem. He huã *Vontade*, como supposta. *Velle, adjacet mihi*: cahio casualmente para o bem; não o buscou; porque era bem. No Paraizo creou Deos duas arvores: huã que tinha hum grande bem; outra que tinha hum grande mal. A arvore da vida perpetuava a vida, a da sciencia tinha pena de morte. Escolheu Adam a da sciencia, & nella o mal da morte. Castigou lhe Deos o delicto, & prohibio lhe a entrada do Paraizo; para que não comeffe da arvore da vida. *Ejecitque Adam, & collocavit ante paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladius, atque versatilib, ad custodiendam viam ligni vitæ*. Mas he para notar o modo da prohibição. *Ne forte* (diz o Texto) *mittat manum suam, & comedat*. Esteja hum Anjo defendendo a entrada; porque pôde succeder, que Adam, entrando no Paraizo, coma desta arvore, & viva. *Comedat, & vivat*. Ha tal modo de prohibição? Diga o Texto, que se prohibe a Adam a entrada do Paraizo; porque tendo experimentado o mal da pena da morte. *Morte morieris*: quererá sem duvida restaurar se com o pomo da vida; porem diger, que nam

Rom. 7. Vi 8.
Genel. 2.
Vers. 9.

Ibid. Cap. 3.
V. 24.

Ibid. V. 22.

en-

entré no Paraizo; porque poderá, acaso, succeder que coma? Acaso? He possível, que Adam, aonde estava o mal da morte, comeu logo, & já; & aonde estavava o bem da vida, ahi era acaso o comer? *Ne forte comedat.* Sy; que querer o bem, poderá succeder à *Vontade*; mas isso muito casualmente, & como se fora couza accidental, & estranha. *Velle, adjacet mihi: perficere autem bonum, non invenio*: Disse com levantado espirito São Paulo.

254 Dirme eys que esta doutrina repugna a toda a boa Filozofia; porque nella he certo, que a *Vontade* nenhuã couza ama; senão o bom; & se ama o mal; he porque lhe acha alguã razão de bem; ao menos deleytavel. Assy he; porem nisso mesmo está a mayor miseria da nossa *Vontade*. Achar no bem algum mal, para fugir delle, & achar no mal algum bem, para o amar. E achar no mal (que he digno de odio) semelhansa de bem para o seguir, he grande erro da *Vontade*. *Vae* (diz Izaias) *qui dicitis bonum malum, & malum bonum!* Ay dos que reputão o bem por mal, & o mal por bem! Reputar o bem por mal, bem conheço, que he digno de hum Ay muito sentido; mas julgar bem do mal, parece que he acção de virtude, & de candidez de animo; que tudó interpreta a bem. Não he senão erro igual ao primeyro; porque quem no mal achou razão de bem; enganado desse bem, vem a amar o mal. Achamos no bẽ da virtude o mal da mortificação, & por fugir a este mal, fugimos daquelle bem. Buscamos no mal do vicio o bem da deleytação, & por amar este bem deleytavel, amamos aquelle mal, que nos perde, & que Izaias lamenta. *Vae, qui dicitis bonum malum, & malum bonum.*

Izaías. V. 20.

§. VII.

255 **D**Uas razoés acho para esta femrazão. Huã mais natural, & ambas muito commuas; & vem a ser, que o *Entendimento*, & a *Vontade* andão ordinariamente tão

tão ligados entre sy ; que se communicão hum ao outro os seus defeytos. Donde se infere , que ou a *Vontade* ségue o *Entendimento* (como he regra natural) ou o *Entendimento* vay arrastrado atraz da *Vontade* ; se a *Vontade* quer ; conforme o *Entendimento* julga , como este erra no conhecimento da verdade , engannasse aquella no amor do bem : & se o *Entendimento* se deyxá guiar da *Vontade* ; como esta he cêga , tâto no que ama , quanto no que aborrece ; ella se guia assy , & mais ao *Entendimento* , & precipitá a ambos. São estas duas potencias ; como os dous Cêgos da Parabola de São Lucas, Luc. 6.V. 39. dos quaes diz Christo ; q se hũ Cêgo guiar outro Cêgo , ambos hão de errar , & hão de cahir. *Numquid potest caecus caecum ducere ? Nonne ambo in foveam cadunt ?* Tanto a *Vontade* , como o *Entendimento* dos homês padessem o mal da cegueyra. A *Vontade* cêga de nascimento : o *Entendimento* cêgo por cataratas ; & assy qualquer delles , que guie ao outro , estão ambos muito arriscados.

256 Reparay no que digo , & no que diz o Evangelho ; ou a Parabola ; que não está o mal só na cegueyra , senão na guia. Se ambos forão cêgos sômente , não caminharão , mas não cahirão ; porem como ambos (sobre cêgos) querem guiar hum ao outro ; ambos vem a cahir. *Ambo in foveam cadunt.* O cêgo , que he cêgo , tem huã só cegueyra : o cêgo , que só he ser cêgo , quer guiar ao outro , tem duas cegueyras. Huã , porque não ve , outra , porque cuida , que ve , para guiar ; & esta prezunção de cuidarmos que vemos , sendo cêgos , he que faz errar aos homens.

257 De huã sua creada conta Seneca , que depois de cegar , não era possível persuadilla a que era cêga : dizia que não via ; porque lhe furtavão a luz ; parece incrível ; mas o Filozofa o conta por verdade. *Incredibilem tibi dico rem , sed veram.* Mais incrível he o que passa em nós. Cuidamos que vemos , não vendo , & cuidamos que temos luz para ver estãdo às escuras. Esta molher sabia que não via ; mas cuidava ;

K que

que podia ver: nós, não podendo ver, cuidamos que vemos. Dezenegasse o nosso amor, que he cego, & não ve o q̄ quer, ou deve querer: dezenegasse o *Entendimento* que he lézo da vista, para presumir, que póde guiar a *Vontade* com certeza: & dezenegannense as nossas presunções, que a regra de entender bem, he a Ley de Deos, & a regra de amar bem, he a *Vontade* de Deos, & tudo o que se afalta desta guia, cabe em hum profundo pégo de vaidade.

258 Ambas estas razões parece que ajuntou o Propheta Rey no Psalmo 4: *Ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium?* Duas perguntas incluem estas pallavras. A primeira; porque temos os homés amor à vaidade; & aqui se condena a *Vontade*, que sem cauza ama, o que devia aborrecer. A segunda pergunta he, porque damos credito à mentira, & aqui se accuza o *Entendimento*, que deve buscar a verdade. As perguntas são duas, a resposta não vejo que seja alguma; ou porque estas perguntas não tem resposta; ou porque huã he resposta da outra. Sabeys porque a *Vontade* ama o mal? Porque o *Entendimento* erra a verdade. Sabe, s porque o *Entendimento* erra a verdade? Porque a *Vontade* nam ama o bem.

259 Amais, porque entendeys, & amais mal, porque entendeys mal. Esta Filozofia he natural; porque o querer suppoem o conhecer; como he proloquio vulgar. *Nil volitum, quin pr̄cognitum*. Até nas processões Divinas, onde o *Amor* he essencialmente sabio, para Deos se amar, he necessario que se conheça; & porque se entende comprehensivamente affy mesmo, por isso se ama infinitamente. Do amor có que os Bemaventurados amão a Deos, disputão os Theologos, se consiste nelle formalmente a Bemaventurança, ou se consiste no acto de *Entendimento*, com que conhecem o summo bem? Eu não disputo a questão: só digo, que anda taó conjuncto o amar a *Vontade* o bem, quando o *Entendimento* o conhece, que faz duvida, qual dos dous mereça o titolo de

de Bemaventurança.

260. Isto he do amor, & da *Vontade* dos Santos no Ceo, & o amor que se poem por preceyto aos que andamos ainda neste mundo, qual he? *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota mente tua.* Amareys a Deos com toda a vossa *Vontade*, & com todo o vosso *Entendimento*. Adverti bem nestas pallavras, que parece tem huã superfluidade, & huã improporião. Dizer que amemos com *Entendimento*, parece huã grande improporião; porque o amar he acto da *Vontade*, & não do *Entendimento*. Dizer que amemos com *Entendimento*, depois de dizer que amemos com *Vontade*, parece superfluo; porque se a *Vontade* amar bem a Deos, para que he encarrégar esta occupação segunda vez ao *Entendimento*? Oh! que sy he necessario; porque o amar he tão dependente do entender; & o amar o bem anda tão unido ao entender o bem; que para segurar hum preceyto de tanta importancia, he precizo que se encomende a ambas as potencias.

Math. 22. Vj
37.

261 O *Entendimento* não ama; mas a *Vontade* ama com *Entendimento*. Amar a *Vontade* só; pôde ser cegueyra no querer; amar a *Vontade* com *Entendimento*, he fazer bem empregados os seus affectos. Isto parece que explica aquella pallavra. *Ex toto corde*: de toda a *Vontade*. Aquelle *Tota* tem grande emphazi; porque se a *Vontade* amar huã couza, & o *Entendimento* entender outra; parece que nem a *Vontade* ama toda; nem pôde amar toda; porque por aquella parte por onde o *Entendimento* se desvia do bem; deyx a *Vontade* de o amar; & assy para a *Vontade* amar toda; he necessario, que ame com o *Entendimento* todo. *Ex toto corde, in tota mente*. Porem como o querer da *Vontade* he certo, que suppoem o conhecimento por natureza: não he necessario que o provemos com mais Esçripturas: tiremos somente esta conclusão. O nosso *Entendimento* [como mostrey no primeyro discurso] he huã pura vaidade, no que entende: a nossa *Vontade*, no que ama, segue por natureza os dictames do *Entendimento*: logo

K. ij tam-

tambem a nossa *Uontade* por esta parte he vaidade: *Uniuersa*,
vanitas omnis homo uiuens.

§. VIII.

262 **P** Assemos à outra razão do erro da *Uontade*, que he guiar ao *Entendimento*, & arrastallo a julgar, conforme ella quer. Parece couza contra a razão; mas he conforme com a experiencia. Comecemos pello amor q̄ Deos nos tem, & quer que nós lhe tenhamos. Se preguntardes a São Ioaõ; porque se inclinou o Verbo (que he *Entendimẽto*] aos homẽs, que tão pouco lho mereciãõ: responde. *Sic*
Joan. 3. V. 16. *Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret*: Iulgou o *Entendimento* de Deos, que era justo inclinar, & propender para os homens; & porque? Porque a sua *Uontade* os amava. Desmerecedores erãõ os homens de beneficio tam grande, como o da *Redempção*; porem como o amor era excessiivo; seguiuõse, que o meõmo *Entendimento*, que conhecia exactamente os nossos demeritos, obedeceu ao amor, & executou o beneficio. *Sic Deus dilexit: &c.*

263 Se preguntardes a S. Agostinho; porque razão inclinou Christo a cabeça na Cruz. Responde. *Amor meus pondus meum. Amore feror, quocumque feror*: que o seu amor foy o pezo, que lhe inclinou a cabeça; porque como a cabeça he o Throno do *Entendimento*; & o coração he a esphera do amor; para onde havia de inclinar o *Entendimento*, senão para onde pezava, & propendia o amor? Não se rende a cabeça aos tormentos, & inclinace ao coração: aceyta o *Entendimento* com conformidade huã morte injusta, & huns martyrios mais que cruẽis; porque a *Uontade* ama com excessõ. Rendeõse o *Entendimẽto* na cabeça: *Inclinato capite*, porque péza a *Uontade* no coração. *Amor meus pondus meum.*

264 E do amor, q̄ nós temos a Deos, que diz Salamaõ?
Ini-

Initium sapientiae timor Domini. Diz que aquelle temor fi-
 lial, & aquelle amor que temos a Deos, he o principio da fa-
 bedoria; porque ainda que o saber seja acto de *Entendimen-*
to: comêça, & tem origem no acto de amor. Tanto entende-
 mos, quanto amamos: o *Entendimento* julga, conforme a
Vontade quer. Se queremos de veras o bem, logo o *Entendi-*
mento comêça a ser sabio. Parece que devia ser ao contrario;
 & que primeyro haviamos de saber, & conhecer o bem; mas
 de qualquer modo he boa a consequença. E se vos hey de
 dar hum conselho; seja este. No caminho de Deos, segui
 antes a regra de Salamão, & de David seu Páe: meteyvos
 menos em especular, & entender; cançayvos mais em amar;
 porque a *Vontade* com que amais, vos guiará o *Entendimento*
 para saber.

Pfal. 110. V.
 10.
 Ecclez. 1. V.
 16.
 Proverb. 1.
 V. 7.

265 Ainda mal que no caminho da vaidade seguimos
 nós esta regra. Cada hum de nós entende, conforme ama,
 ou aborrece.

266 Antes que David se queyxe de que amamos a vai-
 dade, & seguimos a mentira: pergunta. *Filij hominum us-*
quequò gravi corde? Homens atè onde ha de ser pezado o
 voião coração? E que pezo de coração ferà este, que consi-
 dera David? Sabeys qual? He o pezo dos affectos, que in-
 clinão o *Entendimento*. A *Vontade* pezada agrava muito o
Entendimento; a *Vontade* pezarosa he o principio da fabe-
 doria. *Initium sapientiae timor Domini.* Se o coração he gra-
 ve com pezo: *Gravi corde*; & a *Vontade* se inclina ao amor
 da vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem?* Lá vay buscar o
Entendimento a mentira, *Et queritis mendacium.* Porem se
 o coração he grave com pezar; ahi comêça o *Entendimento*
 a ter luz da sabedoria. *Initium sapientiae timor Domini.*

Pfal. 4. V. 3.

Pfal. 110. V.
 10.

267 No coração pezado he o pezo de chumbo; no co-
 ração com penitencia he o pezo de ouro. O pezo de chum-
 bo he o que Deos diz por Zacharias, que levava o povo, cu-
 jos peccados lhe mostrava o mesmo Deos. *Et ecce talentum*

Zach. 5. V. 7.

Vgo hic.

plumbi portabatur : comenta Ugo Cardeal. *Quia gravia, & enormia erant eorum peccata.* Porque os seus peccados, eraõ graves, & enormes, arrastãvãõ a *Alma* atraz do seu pezo tão chumbado. O pezo de ouro he aquelle, que no Psalmo 34. diz David de sy; & em nome de qualquer Varão justo. *In populo gravi laudabo te.* Que ha de louvar a Deos no povo grave, & pezado: pezado sy, mas cõ pezo de ouro; porq̃ no ouro se representa a *Charidade*, & quanto nos bons propende o ouro da *Charidade* para o bem; tanto nos mãos inclina o pezo do chumbo para o mal. *In Sanctis est aurea gravitas, in malis plumbea.* Commenta o mesmo Vgo.

Psal. 34. V. 18

Ugo hic.

268 Este pezo de chumbo he o que S. Paulo via aggravarlhe o *Entendimento*. *Uideo aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meae.* Reparay. Na ballança o pezo, que se poem de huã parte, repugna ao que se poem da outra: na cruz de Paulo, ou na sua ballança, pezava de huã parte o seu *Entendimento*, & da outra o pezo do appetite. E com fertação grande a *Charidade* de Paulo, & tão elevada a sua sabedoria; era tal a força deste pezo de chumbo do appetite, que lhe fazia a Paulo o pezo vizivelmente-sensível. *Uideo.* E se isto dizia Paulo, que diria Saulo? Se isto dizia Paulo, em que o ouro era mais que o chumbo; que diria Saulo, em quem tudo era chumbo, & nada ouro? Se huã sabedoria bebida na fonte da Divindade nesse terseyro Ceo; se huã *Charidade* tão ardente, que com grande confiança dizia o Santo de sy; que nem Anjos, nem homens; nem morte, nem vida; nem terra; nem Ceo, nem inferno; né outra-creatura alguã; o poderião apartar da união cõ Deos. *Certus sum enim, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque Principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare a charitate Dei.* E com tudo sentia o contrapêzo do appetite; que serã do nosso *Entendimento*, que só inclina para onde peza o chumbo da *Uontade*; & não tem da sua parte hum pouco de

Rom. 8. V.
38. & 39.

OURO,

ouro, que ao menos lhe iguale o fiel da ballança ? Oh! entendamos contra estes pezos; que temos da nossa parte outro pezo de muito mayor importancia, qual he o pezo da Gloria.

269 O mesmo São Paulo, que sentia o pezo da *Vontade* propria, nos deu o remedio contra ella: *Momentaneum, & leve tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate eternum gloriæ pondus operatur in nobis.* Diz São Paulo, que he necessario contrapezar estes pezos da *Vontade* com o pezo da gloria, que he tanto mayor, quanto vay do momentaneo ao Eterno. A mayor tribulação de quem serve a Deos, a mayor agonia, que oprime a hum Justo, he o pezo do appetite, que o embarça. Este, se condescendemos com elle, he pezo eterno; porque péza para a Eternidade da condemnação; se se lhe repugna com o *Entendimento*, se se lhe contrapoem o pezo da gloria, he leve, he momentaneo. Porem se este pezo da *Vontade* he tão grãve, q̄ se faz notavelmente sensivel a hũ *Entendimento* de Paulo, & que quazi o quer levar a poz sy, & dura toda a vida; como lhe chama o Santo, pezo pequeno, leve, & de pouca dura? *Momentaneum, & leve.* Por isso mesmo; porque a duração de huã vida, comparada com huma Eternidade, he momentanea: o pezo das tribullações, comparado com a gloria, he muito leve. O pezo da *Vontade* dezordenada, quanto mais dura, quanto mais prolongado; tanto mayor. O pezo da *Vontade* sacrificada; por mais que dure, sempre he leve; porque a tribulação do sacrificio dá principio á Eternidade da gloria; a dillação do peccado continúa o seu pezo na Eternidade da condemnação. E que estádo no arbitrio da nossa *Vontade* inclinar-se assy, & ao *Entendimento* para o bem; & fazer que o pezo seja leve; q̄ a Eternidade seja segura, a encaminhemos nós para o mal, & lhe suportemos o pezo; fazendo-o, não só grave; mas eterno, he vaidade eterna. *Univerſa vanitas omnis homo vivens.*

2. Corint. 4.
V. 17.

§. IX.

270 **G**Rande parte tem na vaidade dos homens os erros do *Entendimento*, & da *Vontade*; mas não he menor a que nasce dos dezacertos da *Memoria*. Huã das potencias, com que Deos enriqueceu a *Alma*, he a *Memoria*; cujo desfructo he tão dilatado, que parece não tem limite. Tudo quanto os seculos passados virão, & ainda tudo o que foy antes dos seculos: tudo o que abraça esta grande, & termoza maquina do mundo, por força; ou prerogativa da *Memoria*, se faz presente ao *Entendimento*. Demañeyra que na lembrança de cada hum de nós, parece que revive continuamente tudo, quanto nos seculos passados tem existido. Assy, diffinirão os Filozofos a *Memoria*. *Præteriti, ut præteriti repetita cognitio*. Dizem que he hum conhecimento repetido do passado, como já passado. Porem na minha estimação a mais se estende a capacidade da *Memoria*; porque ainda que filozoficamente a *Memoria* seja só do passado; Christãmente ha de ser do passado, & do futuro; & ainda aquella *Memoria*, que for do passado, não ha de ser, como de couza já passada (conforme a diffinição dos Filozofos) mas ha de ser do passado, como ainda presente; conforme a vontade de Deos.

271 Tudo quanto tem passado para com os homens; ou he o que fomos, ou o que fizemos, ou o que Deos nos fes. Isai. 40. V. 17 Pello que fomos, somos nada: *Quasi nihilum, & inane*. O que Deos nos fes, & faz, são continuos beneficios; o que nós fazemos, são mais que contiñas offensas. Digo pois, que he grande vaidade da nossa *Memoria* lembrarse destas couzas passadas, como passadas, quando deve lembrarse dellas, como muito presentes. A advertencia não he minha, he da Igreja Catholica: com esta advertencia nos principiou este santo tempo, & com ella quizera eu que dessemos fim ao
nosso

nosso discurso, & à nossa vaidade.

272 *Memento homo* (diz a Igreja) *quia pulvis es.* Lembrate homem, que hes pô. E como se ha de lembrar o homem, que he pô, se conhece que o não he ? Todos sabemos que do pô formou Deos ao primeyro homem; mas tambem sabemos, que inspirandolhe a *Alma*, lhe mudou a natureza. Ficou vivente, o que era insensível; ficou racional, o que não tinha vida; ficou organizado, o que era materia rude, & entidade tofca. Isto mefmo que cremos; vemos com os olhos. Pois se nos vemos compôftos de carne, & fangue; fabricados com tão admiravel arteficio, capazes de discorrer em materias tão elevadas; pizando, & desprezando o mefmo pô; como havemos lembrarnos, que fomos, contra aquillo mefmo que vemos, & entendemos? Hum Talento grande disse, que eramos pô; porque o haviamos de fer, & cada hum hé já aquillo mefmo, que ha de fer depois. Eu digo ao intento, que somos pô; porque o fomos, & ainda que a nova forma nos mudou a natureza, effa mudança, que fez a forma, ha de emendar a lembrança. De tal maneyra nos havemos lembrar do pô que fomos, como se o fossemos ainda de prezente. Por isso a Igreja nos não diz, que somos pô; se não que nos lembremos, que o fomos. *Memento homo quia pulvis es.* Porque a verdadeyra lembrança do passado: *Memento*; ha de fer, como de couza ainda prezente: *Quia pulvis es.* Os que nascestes humildes, se a fortuna vos mudou a forma, restauray os vossos principios com a lembrança: *Memento.* Os que fostes peccadores, se a graça vos emmendou a natureza, não afeeys a emmenda com a falta de *Memoria.* *Memento.* Aquelles, a quem o mundo ao principio tratou com desprezo, & ao depois engrandeceu com a vaidade; lembrense, que a mayor vaidade, he, esqueferense daquelle desprezo. *Memento.* Se fostes pô, & já o não fois, he vaidade grande não vos lembrardes do que fostes, como se ainda o foreys: *Memento, pulvis es.*

273 Mas affy como ha de ser prezête em a nossa *Memoria*, o que já passou em a nossa natureza; affy he tambem justo, que seja em nós muy presente a lembrança dos beneficios, que Deos nos fes, & das offensas que nós lhe temos feyto; porque ainda que a *Liberalidade* de Deos seja grande, seja infinita, & não seja menos a sua *Mizericordia*; nem por liberal se esqueffe do que fes; nem por mizericordiozo deyxar de lembrarse do que nós fizemos. Notay.

274 No Sacramento da Eucharistia, disse David em Prophecia, que fes Deos hum *Memorial* das suas maravilhas, recopillando nelle todas, quantas havia, obrado. *Memoriam fecit mirabilium suorum*. É porque mais no Sacramento faz Christo este *Memorial*, do que em outra qualquer acção sua? A Cruz não foy o instrumento da sua payxão? He certo. O Calvario não foy o theatro em que a nossa *Redempção* se celebrou? Não ha duvida. Nazareth não foy a Cidade onde se obrou a mayor maravilha das maravilhas, a *Encarnação* do Divino Verbo? São Lucas o affirma. Qualquer destes lugares não he *Memoria* das maravilhas de Deos? Todos o confessamos. Pois porque se ha de intitular o Sacramento com especialidade *Memoria*? *Memoriam fecit*. Porque todas as outras couzas são *Memoria* do passado, como passado: Sacramento he *Memoria* do passado, como presente. A Cruz, o Calvario, são *Memoria* da payxão, que já passou: o Sacramento he *Memoria* da payxão, como se ainda fora; porque tantas vezes se repete a payxão de Christo; quantas se consagra o Sacramento. *Hac quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*. A payxão passada sacrificio cruento: a payxão presente incruento sacrificio. *Recollitur memoria passionis ejus*. E não quer Deos que a *Memoria* de suas maravilhas seja do passado, como passado, senão do passado, como presente.

275 E reparay que no mesmo Psalmo, & no mesmo Verso em que David affirma, que o Sacramento da Eucharistia

Psal. 110.
V. 4.

Luc. 1. V. 17.

sta he *Memoria* das maravilhas de Deos; intitula a Deos por mizericordiozo : *Misericors, & miserator Dominus*. Donde infiro, que a payxão de Christo foy huã das mayores obras da sua *Misericordia* ; que a acçõ propria da *Misericordia* he o perdão dos delictos. E que no mesmo Sacramento em que Deos perpetuou a *Memoria* da payxão passada , como presente: *Recollitur memoria passionis ejus* ; se acredite de mizericordiozo ; *Misericors, & miserator Dominus*. He o mesmo, que debayxo do titolo da sua *Misericordia*, tazer tã-bem *Memoria* das nossas offensas ; porque se se faz *Memoria* da payxão : *Recollitur memoria passionis* : se a payxão foy para redimir delictos : onde se perpetua a payxão passada, como presente ; ahi permanecem tambem com os titolos da *Misericordia* , as lembranças das offensas , em que se exercita.

§. X.

276 **E** Assy como em Deos he igual a *Memoria* dos beneficios, & das offensas passadas; assy o deve ser tambem em nós, como se fossem presentes. Dos beneficios, porque na realidade ainda recebemos o fructo do beneficio, que já se nos fes : das offensas ; porque nos fizeram desmereedores desse beneficio ; & não sabemos se o fazem ainda ho- Eccles.9. V. 21
je. *Nescit homo utrum amore , an odio dignus sit*. Disse Salomão. Antes só pello caminho da nossa lembrança podemos fazer com que Deos se esqueça ; porque assy como para o castigo, nenhuã couza faz a ira de Deos mais lembrada , que o nosso esquecimento : assy tambem, para a condenação, nenhuã couza faz a *Misericordia* de Deos mais esquecida, que a nossa lembrança.

277 Confiadamente dizia Job a Deos, que lhe mostrasse todos seus peccados. *Quantas habeo iniquitates , & peccata, sceler a mea , & delicta, ostende mihi*. E pello contrario

Psal. 129.
V. 3.

rio David ; que pede a Deos, se não lembre das suas maldades. *Si iniquitates observaveris Domine : Domine quis sustinebit?* Se Deos ha de mostrar, contadamente, os peccados a Iob varão justo ; como se não ha de lembrar dos peccados de David peccador ? Huã, & outra couza he certa. Ha de lembrarse dos peccados, para nos lembrar delles ; mas por isso mesmô se ha de esquecer ; porque o mesmo he em Deos por os nossos peccados em a nossa *Memoria* ; que riscállos da sua lembrança. O mesmo he pedir Iob a Deos, que lhe lembre os delictos, que ha cometido, que pedir David a Deos, que se esqueça ; porque o meyo de Deos se esquecer, he aquelle mesmo com que nós nos lembramos. Day attençaõ.

Iob. 7. V. 20.

278 - Agora entenderneys aquella pergunta, que o mesmo Iob fes a Deos: *Quare posuisti me contrarium tibi?* Senhor, porque me fizeste vosso contrario? *Quare?* Porque razão? E Iob não havia ditto antes: *Peccavi?* Pois que couza pôde haver, q̄ mayor cótradicção, faça entre Deos, & o homem, que o peccado? Se Iob confessa o peccado: *Peccavi* ; que mais razão busca para a contrariedade ? Reparay na pallavra *Peccavi*, que tem grande mysterio, quando Iob a profere. *Peccavi*: na significação diz couza passada; porque falla de preterito ; na pronunciação (quando Iob a diz) significa confissão de presente ; & lembrar de presente do peccado já passado : unir o preterito do peccado cõ o presente da lembrança, favorece tanto a Iob por parte da *Misericordia* contra a *Iusticia* de Deos ; que justamente pergunta Iob a Deos a razão ; porque he seu contrario. *Quare posuisti me contrarium tibi?* Como se differa Iob. Eu pequey: *Peccavi* : este peccado já he passado, mas ainda assy me lembro delle, & o confesso, como muito presente : pois não pôde Deos ter razão por onde se lembre ainda do delicto de maneyra, que esteja meu contrario. Ainda as pallavras sublequentes do mesmo Iob explicão melhor este sentido. *Quid faciam tibi o custos hominum?* Senhor, que vos hey de fazer de mais ? O peccado já está commetido ; a lembrança delle está em my

may presente; a confissão eu a faço: *Peccavi*. Pois não quer Deos, que hum homem faça mais. *Quid faciam tibi o custos hominum?*

§. XI.

279 **E** Se do passado se ha de lembrar hum homem; como presente; do mesmo presente, como he bem que se lembre? Oh que grande erro comete a vaidade humana neste caso! Huã das cauzas; porque perdemos o gosto aos beins eternos; he porque nos contentamos com os temporaes, que temos presentes. Todo o homem naturalmente appetee o bem; mas o enganno está em que julga por bem o que tem de presente; & erra neste juizo; porque se não lembra deste presente, senão como futuro. Não nos lembra, que tudo quanto possuímos de presente, he de nenhuma duração: tudo imaginamos, que pode durar mais, & mais; sem advertir, que de presente, não ha bem algum, mais que a Graça, & que esta pode não ser futura. Se estamos em graça; lembremonos, que a podemos perder; se estamos em peccado, lembremonos, que podemos perder com elle a vida. Se nos occupão o gosto os beins temporaes, advirtamos, que não são beins, & se o são, tem de mistura hum mal; que sendo beins de presente; de presente tem a incerteza de ser futuros.

280 Aquelle Rico avarento he condemnado no Evangelho por nefcio. A fortuna o tinha dotado de tudo aquillo, a que chamaes beins; & o Rico satisfeyto com a posse delles; fallava à sua *Alma* nesta forma. *Anima, habes multa bona posita in annos plurimos: requiesce, comede, bibe, epulare.* *Alma* (dizia o Avarento) teins muitos beins, reservados para prolongados annos: come, bebe, descança. Ignorancia he grande, que julgáce este Avarento por beins, os que na realidade os não erão: ignorancia mayor, que com os beins do

corpo brindasse ao gosto da sua *Alma*; porem no meu juizo o supremo desta estulticia foy fazer cazo dos beins presentes, como de futuros. *Habes multa bona*: he a posse de presente: *In annos plurimos*: he a certeza do futuro. E lembrar-se hum homem do presente; como se houvesse de ter certamente duracao prolongada, he huã grande ignorancia da vaidade humana; & se he vaidade, & estulticia julgar o presente com certeza de muitos annos futuros: *Stulte*. Que será julgallo com certeza de Eternidade? Porq̃ a qualquer de nós se pôde fazer a mesma pergunta, q̃ ao Avarento. *In annos plurimos*? E acabados effes muitos? Ha ainda outros mais? E acabados effes mais? Ha ainda mayor duracao? O mesmo Avarento responde: Muitos sy; infinitos não. *Plurimos*. E se foy estulticia por limite de duracao aos beins presentes, que será empregar nelles a *Memoria*; como se nunca houvessem de ter limite? Por isso o castigo, que se deu a este Avarento, foy, que na mesma noyte perdesse a vida. *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt à te*. Porque quem no presente faz *Memoria* firme para o futuro; perca o futuro, & perca logo o presente. *Hac nocte*.

bid. V. 20.

281 Os futuros em que a nossa *Memoria* se ha de empregar, devem ser aquelles, que não constão de muitos annos; senão de annos infinitos. Não vos governeyis pella Filozofia, que diffine a *Memoria* só pello passado; porque a melhor, & mais dillatada parte da *Memoria*, he a que se emprega no futuro. Tenho contra os Filozofos a authoridade da Igreja; porque onde nos lembra que somos pô: *Memento homo quia pulvis es*: tambem diz que nos lembremos, que o havemos ser ao depois: *Et in pulverem reverteris*. Donde infiro, que lembrar do passado, he natureza da *Memoria*; mas lembrar do futuro, he preceyto. *Memorare novissima tua*: disse, guiado do Espirito Santo, Salamaó. E se he digno emprego da *Memoria* o nosso fim, que será a Eternidade, que não tem fim?

Eccl. 7. V. 40

282 Oh! empreguemos a *Memoria* neste futuro da Eternidade; donde com mais verdade podemos dizer à nossa *Alma*. *Anima mea, habes multa bona posita in annos plurimos*. A nossa *Alma*; porque a ella he que pertence a lembrança da Eternidade: *Multa bona*; porque elles são unicamente os verdadeyros beins; & beins verdadeyramente da *Alma*: *In annos plurimos*; porque não só são annos muitos; mas annos sem numero, & annos, que cada hum delles na felicidade, pôde competir com a Eternidade mesma.

283 *Annos aeternos in mente habui*. D. z David. Tive Pfal. 76. V. 6 na minha lembrança os annos eternos. Parece que se contradiz o Propheta; porque se são annos, como são eternos? E se são annos à vista de Deos; tanto de eternos tem menos. De mil annos à vista de Deos (diz o mesmo David) que são como o dia de hontem, que passou. *Mille anni ante oculos* Pfal. 89. V. 4 *tuos, tamquam dies besterna, quae praeterijt*. Não pôde haver mayor aniquillação de annos! Porque compára David mil annos com hum dia, & esse dia de hontem, & esse hontem cõ a clauzula de passado. Pois se mil annos, à vista de Deos, não chegaõ a ser como hum dia; como pôde hum anno ter semelhança com huã Eternidade? Notay a razão. Mil annos no gosto de possuidos; passaõ; como o que já passou; hum anno na lembrança imaginado, ha de fazer para a nossa *Memoria* o pezo de huã Eternidade. Não nos havemos de lembrar da Eternidade, como Eternidade sómente; senão de qualquer anno della, de qualquer instante, como se fora a Eternidade inteyra; porque como o infinito não tenha proporção com o finito; qualquer parte pequena dessa Eternidade sem fim; em comparação da pouquidade das couzas humanas; ha de despertar a nossa *Memoria*; como se fora a Eternidade toda. *Annos aeternos in mente habui*. Por isto o premio, que Deos promete aos Iustos, he que a sua *Memoria* durara por toda a Eternidade. *In memoria aeterna erit iustus*. Pfal. 111. V. 4 Porque se a obrigação do Iusto he empregar na Eternidade a lem-

lembrança ; seu premio ha de ser durar a sua lembrança por toda a Eternidade.

S. XII.

284 **D**Esta doutrina tão verdadeyra, conferindo cada hum consigo em que empréga a sua *Memoria* ; infirirá a sua vaidade, & achará, que he certo , & mais que certo, que por todos os caminhos, por onde buscarem ao homem, o haõ de achar, não só vaõ ; porem a mesma vaidade.

Gen. 2. V. 19 *Univerſa vanitas omnis homo vivens.* Pello que tem he *Terra*, hum pouco de pó. *Pulvis es.* Pello que tem de *Agoa*, huã ligeyra eſcuma. *Spuma gracilis, que à procella diſpergitur.* Pello que tem de *Ar*, hum invizivel, & inconstante ſopro ; ou hum vapor, que o vento leya : *Vapor eſt ad modicum parens.* Pello que tem de *Fogo* huã lêve faiſca : *Quaſi ſcintilla.* Pello que tem de *Alma*, hum *Entendimento* mentirozo, huã *Vontade* mal inclinada, & huã *Memoria* muito eſqueſſida. *Oblivioni datus ſum, tanquam mortuus.*

285 O ſeu meſmo põ ſe deſvanefſe com o ſeu vento ; a ſua meſma eſcuma ſe rezolve em vapor com o ſeu *Fogo*, o ſeu meſmo ſopro dezaparece como fumo : *Fumus, qui à vento diffuſus eſt.* A ſua faiſca ſe apàga com a ſua *Agoa* ; ſe ſepulta com a ſua *Terra*, ſe extingue com o impeto do ſeu vento. E a *Alma*, ſeguindo a natureza deſſes vicios ; poſto que ſeja huã *Faiſca*, que o Divino *Eſpirito* comunicou ao homem : não pôde arder no *Pó* ; apagaſſe na *Agoa* ; não permanece no *Ar* ; & obſcureceſſe com outro *Fogo* mayor da concupiſcencia. A luz da razão aſſombraſſe com a denſidade da *Terra* ; o *Fogo* da *Vontade* eſfriaſſe, & apagaſſe com o emregellado da *Agoa* ; a viveza da *Memoria* perdeſſe no deſvaneciemento aèreo da vaidade.

286 Já me não acho com cabedal para a reforma ; porque para reformar os vicios, que de algum modo ſe parti-

cípio

pão do corpo, pôde achar a *Alma* remedio, & sy mesma; mas para reformar os vícios da *Alma*, que he a ptoção pella sua propria natureza, onde havemos achar o remedio da reforma? No *Entendimento* não, que segue a mentira; na *Vô-tade* menos, que ama a vaidade; & ainda na *Memoria* muito menos; porque he mais facil ao homem esquecerse, do que errar.

287 O remedio he mudar totalmente a natureza humana, & quasi formar outra de novo. *Expuliantes vos veterem hominem cum actibus suis, & induentes novum.* Mas o Autor da reforma do homem, não pôde ser outro que o da criação do mesmo homem. *Eum qui renovatur in agnitionem, secundum imaginem ejus, qui creavit illum.* Para formar ao homem, bastou a Deos o acto da *Omnipotencia*, & huã só pallyra *Faciamus*. Para o reformar, foy necessario que o mesmo Deos padecesse. Na formação do homem bastou huã pallyra. *Faciamus*, & ficou o homem formado; *Et factus est homo.* Na reformação do mesmo homem, he necessario huã copioza redempção de martyrios: *Copiosa apud Deum redemptio*; & ainda nos não reformamos.

Colossenf. 3.
V. 9.

Pfal. 129.
V. 7.

288 Senhor. O que a nós nos falta de *Memoria*, queremos que sobre em vós. Hum memorial vos fazemos. *Memorare que mea substantia: numquid enim vanè constituisti omnes filios hominum.* Lembrayvos, que se fomos vaidade, de vaidade nos formastes: de pô, & de lodo. *Memoro que- so, quod sicut lutum feceris me;* & esse mesmo pô fizestes de nada. Quem não nada deu fer, ao ser bem pôde dar a perfeysão toda. Assy cõmo fora discredito do vosso poder, querer formar ao homem, & não poder concluir a obra: assy parece (em certo modo) discredito da vossa *Misericordia* fazer tantos extremos pella nossa reforma, & permanecer em nós a vaidade. A enfermidade, nós a reconhecemos: continuay vós Senhor em aplicar o remedio. Vós, que fois a mesma vida, q̃ fois a mesma verdade: *Ego sum via, veritas, & vita.*

Pfal. 88. V.
48.

Iob 10. V. 9.

Ioan. 14. V. 6

L Sois

Sois tambem / que unicamente podeys fazer com que a nossa vida siga o caminho verdadeyro , & deyxer o falso da vaidade, em que atègora andou metida. *Universa vanitas omnis homo vivens.* Porque seguindo o caminho da verdade, vos segue a vós, & quem vos segue , meu Deos da minha *Alma*, claro está, que ha de ser sempre com muita graça , & que em seguirvos logrará eterna gloria. Amem.

L A V S D E O,

Virginique Matri Purificationis.

Erros que deve emmendar quem ler estes Discursos (antes de os ler) porque vareyaõ alguns totalmente o sentido ; & outros cauzaõ dissonancia.

Erros.

P Agin. 1. n. 1. regra 7. desconhecem.
 Pag. 13. n. 21. reg. 7. acrescentamento.
 Pag. 14. n. 23. reg. 3. adverti.
 Pag. 18. n. 30. reg. 6. de seu.
 Pag. 41. n. 64. reg. 14. perder.
 Pag. 43. n. 67. reg. 17. bem. +
 Pag. 53. n. 87. reg. 22. he lho.
 Pag. 68. p. 111. reg. 6. terra.
 Pag. 69. n. 113. reg. 1. govêrna.
 Pag. 77. n. 127. reg. 11. em morte.
 Pag. 98. n. 166. reg. 24. não dà.
 Pag. 100. n. 168. reg. 22. polla peçoa.
 Pag. 102. n. 170. reg. 4. agonía.
 Pag. 121. n. 206. reg. 4. se une com outro.
 Pag. 130. n. 225. reg. 8. sobra.
 Pag. 156. n. 274. reg. 23. Sacramento.
 Pag. 162. n. 284. reg. 8. he terra.

Emmendados.

de conhecerem.
 o acrescentamento.
 advertiz.
 do seu.
 poder.
 bom. +
 he que lho comunica.
 Pedra.
 governa a.
 em a morte.
 não dà.
 pella peçoa.
 agoniza.
 se une hum com outro.
 sombra.
 o Sacramento.
 de terra.

23

4

7-2-2



